Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 970 Sábado, 25 de Janeiro de 1986 Preço 40$00

Vamos votar

De Direita ou de Esquerda, ditada pela reserva saudosista ou insuflada pelo revolucionarismo descrente, a abstenção é um voto contra a Democracia. Não nos demoraremos a avaliar se no caso presente, ou por comportamento tradicional, a abstenção é mais numerosa à Esquerda ou à Direita. As eleições livres que se realizam amanhã, dia 26 de Janeiro, são possíveis porque o movimento militar antifascista e anticolonialista de 25 de Abril de 1974, derrubando o regime opressor, abriu aos cidadãos portugueses os caminhos da Liberdade.

A Liberdade política não é tudo. Mas nela, com ela, tudo principia.

Votar, nas actuais circunstâncias, não resolve todos os problemas que moral e materialmente se colocam às Portuguesas e aos Portugueses. Mas só pelo voto, nesta conjuntura histórica, poderão os homens e as mulheres de Portugal exprimir a sua vontade.

Não é perfeita a nossa jovem Democracia. Mas a Democracia só melhora, só se aperfeiçoa, com mais democracia. Com o aprofundamento e o alargamento da participação democrática. Votar é uma maneira de participar na vida política.

Votar é hoje possível e hoje o voto tem sentido porque, como cantou Ary dos Santos, o 25 de Abril abriu as portas da cidadania livre e da esperança numa vida melhor.

Felicidade e Paz tê-las-emos se conservarmos abertas as portas que Abril abriu. E para isso é preciso votar. Votar para que não regressemos a 24 de Abril. Votar pela Democracia. Porque votar para que as novas gerações — aqueles que serão o Portugal futuro — não tenham que nos apontar o erro da falta de confiança nas nossas forças ou o termos abdicado de ter esperança.

As eleições para a Presidência da República são complexas: chamam às urnas milhões de eleitores para uma escolha decisiva, exigem a selecção de um Chefe do Estado. O Presidente da República, general António Ramalho Eanes, foi eleito com os votos de 3 249 296 de eleitores. O seu principal antagonista alcançou 2 319 841 votos.

Nenhuma previsão nos parece possível neste compasso de espera e de reflexão. Violando a legislação vigente têm sido publicadas, ou sub-repti-

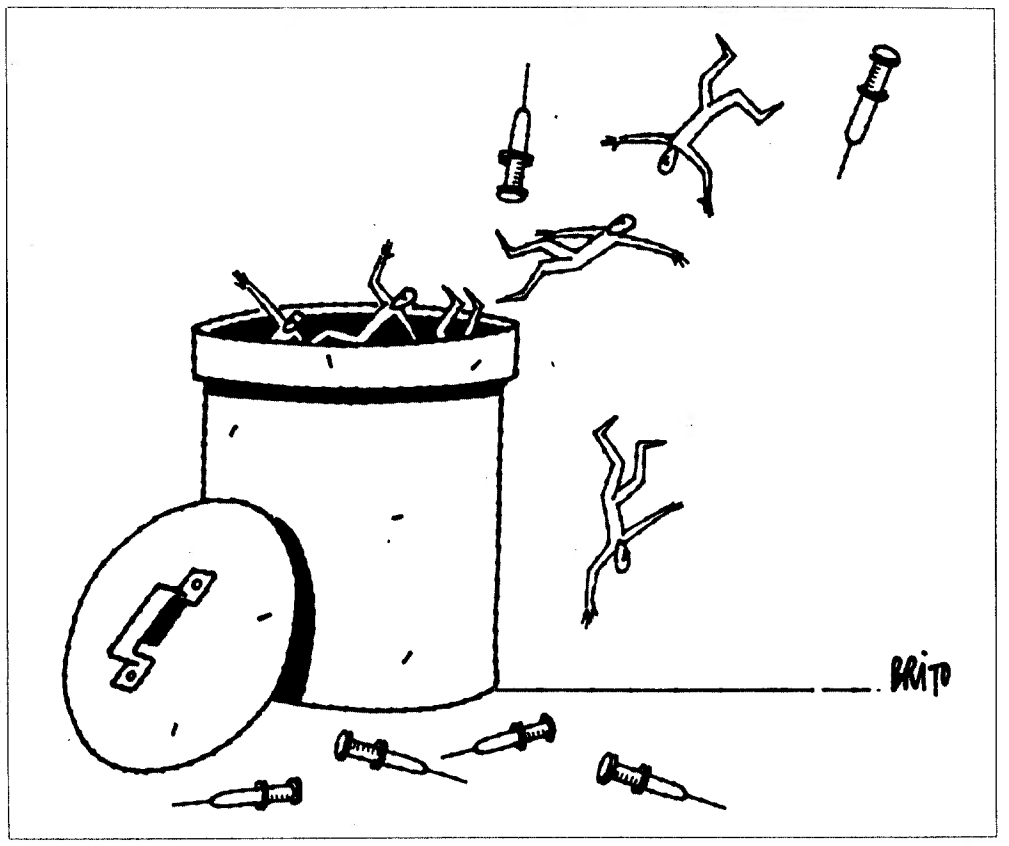
Continua na pág. 28

DOSSIER "DL"

DROGA: O preço do risco

Do café à heroína somos todos dependentes?

Págs. 13 a 16



Judiciária deitou mão a 2,5 toneladas de droga em 85

A Polícia Judiciária apreendeu, no ano passado, duas toneladas e meia de droga, na sequência das suas actividades de prevenção e repressão das redes que operam no nosso país ou fazem de Lisboa um ponto de passagem. Trata-se de um número que confirma a tendência para o crescimento do negócio.

Pág. 8

Guerra contra Beleza

Policlínicos do Sul páram nos dias 3 e 4

Os policlínicos decidiram ontem fazer greve total nos dias 3 e 4 de Fevereiro, na sequência do conflito que os opõe à ministro da Saúde, Leonor Beleza. Trata-se de mais um passo no processo de luta que tem suscitado posições da ordem dos sindicatos dos médicos e dos próprios estudantes de Medicina. A evoluir nos próximos dias, tudo o indica.

Pág. 7

Professores fazem greve nacional a 7

Pág. 7

Inédito

Mundial no México: mulheres e filhos acompanham "Infantes"

Pág. 20

VIVER NÃO CUSTA
CUSTA É SABER VIVER

VOCÊ PROVA QUE O SABE A ESCOLHER TODO O MATERIAL QUE NECESSITA PARA SUA CASA NA VASTA GAMA QUE A **ARDAL** LHE PROPÕE

PREÇOS REALMENTE BAIXOS

TUDO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E ACABAMENTOS

ARDAL MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO LDA.

EXPOSIÇÃO E VENDAS:
AVENIDA DO BRASIL, 190-A
Telefs. 80 65 17/80 76 86
1700 LISBOA

ARMAZÉM:
QUINTA DO FIGO MADURO
(Junto ao Aeroporto Militar)
Telef. 251 42 59
2685 SACAVÉM

Actividade económica em fase descendente, o comércio retalhista é uma das áreas estatisticamente menos conhecidas.

Comércio: actividade económica em queda

Do Recenseamento à Distribuição e Serviços, de 1976, ressalta sobretudo o elevado número de estabelecimentos dedicados a esta actividade — 84 621 —, sendo ainda saliente que 96,8 por cento são de pequeníssima dimensão, tendo até 9 pessoas ao serviço.

A evolução do volume de vendas do comércio retalhista, por seu turno, após o decréscimo de 1974-75, entrou em crescimento gradual até 1981, ano a partir do qual se segue uma fase descendente bastante pronunciada.

O comércio grossista, por seu lado, é também uma realidade insuficientemente conhecida de um ponto de vista estatística.

Em 1976, de acordo com os dados do Recenseamento acima referido, era saliente uma importante parcela de estabelecimentos de pequeníssima ou pequena dimensão: 67,8 por cento dos estabelecimentos tinham até 9 pessoas ao serviço. O sector dos médios estabelecimentos — 10 a 99 pessoas — estava razoavelmente guarnecido (30 por cento) e os estabelecimentos de grande dimensão (mais de 100 pessoas) ascendiam a 192 (2,2 por cento).

Da análise do volume de vendas, ressaltam várias fases de aumento e de abrandamento, com destaque ao pico de 1980 e à descida até 1982, seguida de uma certa estabilização até 1984.

Número de estabelecimentos por escalões de pessoal ao serviço
1976 (comércio retalhista)

Pessoas ao serviço	1 e 2	3 a 9	10 a 99	100 e mais	Total
Estabelecimentos	64 254	17 712	2 574	81	84 621
Percentagem	75,9%	20,9%	3,1%	0,1%	100,0%

Número de estabelecimentos por escalões de pessoal ao serviço
1976 (comércio grossista)

Pessoas ao serviço	1 e 2	3 a 9	10 a 99	100 e mais	Total
Estabelecimentos	2 447	3 475	2 618	192	8 732
Percentagem	28,0%	39,8%	30,0%	2,2%	100,0%

Comércio externo

O quase permanente défice da nossa balança comercial é o facto mais saliente do comércio externo português.

Anos de «ouro», com saldo favorável a Portugal, apenas os anos de 1941, 42 e 43, entre 1935 e 1984. Mas é possível distinguir três períodos no comportamento deste importante indicador.

Entre 1935 e 1945 registou-se uma melhoria, mais significativa no primeiro quinquénio. A partir de 1945, e até 1982, varia sempre negativamente, mas de forma mais acentuada na década de 70. Nos anos de 1983 e 1984 regista-se nova melhoria, com decréscimos anuais de 7,5 e 3,5 por cento, respectivamente.

Também evidenciando uma recuperação das nossas trocas comerciais com o exterior nos anos de 1983 e 1984, a taxa de cobertura das importações pelas exportações atingiu 56,5 e 66,7 por cento, respectivamente, quando em 1982 se situou nos 44 por cento. Até 1981, pode dizer-se que este indicador revela uma tendência para acentuada descida.

É de assinalar que as exportações portuguesas, de crescimento acentuado naqueles dois anos, se concentram em reduzido número de países, com destaque para o Reino Unido (nosso tradicional maior cliente), RFA, França e Estados Unidos. Em 1984, estes países totalizam 55 por cento do total das nossas exportações, e os três primeiros países referidos, membros da CEE, contribuem no mesmo ano com 72 por cento para o valor das nossas vendas para este bloco económico.

Mercados africanos

Até 1970, os mercados de Angola e Moçambique totalizam 21 por cento das vendas de Portugal ao exterior.

Em 1984, estes países africanos, apesar de uma tendência de retoma no mercado de Angola nos últimos dois anos, têm um peso muito pequeno no conjunto das exportações portuguesas, com cerca de 4 por cento.

Uma análise das importações portuguesas pelos países de origem permite verificar que também se concentram num pequeno número de países.

Marecem especial relavo a posição conjunta que os Estados Unidos, RFA, França, Espanha e Reino Unido ocupam no total das importações portuguesas.

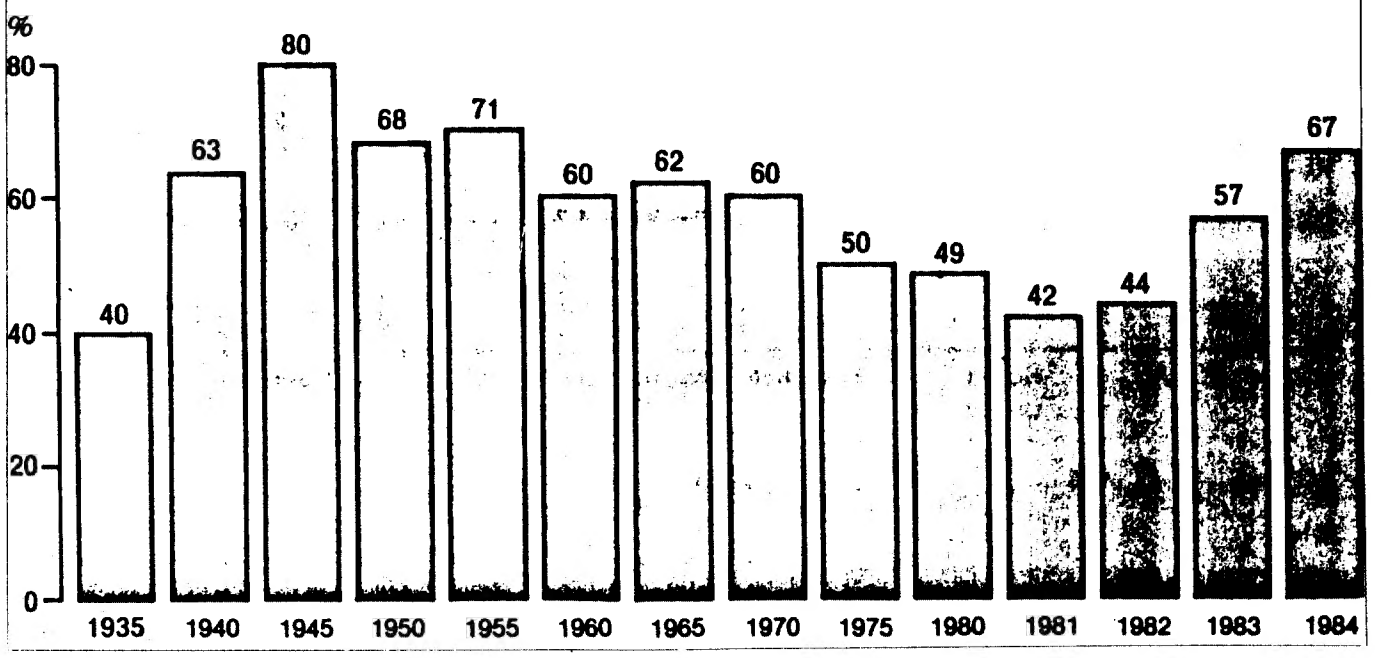
A Arábia Saudita, o Irão, o Iraque, e os Emirados Árabes Unidos, quase se limitando a ser fornecedores de ramas de petróleo, têm um peso significativo no total das nossas importações.

O que ficou dito evidencia o importante papel que a CEE assume no nosso mercado externo. Em 1984, cerca de 36 por cento das importações feitas por Portugal vieram dos países membros da CEE, enquanto que mais de metade (58 por cento) das nossas vendas para o estrangeiro tiveram aqueles países como destinatários.

No âmbito das nossas relações comerciais com a Comunidade, é ainda de salientar o saldo positivo que o nosso país registou em 1984, principalmente devido ao comportamento durante este ano das nossas trocas comerciais com o Reino Unido e a RFA, quando comparado com o ano anterior.

Saliente-se, finalmente, que no domínio das importações as ramas de petróleo ocupam um lugar de destaque (21,6 por cento), enquanto no mesmo, período os têxteis contribuem com 28,2 por cento para o total das exportações realizadas pelo nosso país.

Taxas de cobertura das exportações pelas importações (%)



Projecto de Desenvolvimento de Trás-os-Montes: endividamento necessário?

Luís de Carvalho e Oliveira

O Projecto de Desenvolvimento Rural Integrado de Trás-os-Montes prevê a concessão de créditos bonificados para plantação de vinha para produção de vinho do Porto de alta qualidade. Para o efeito o Banco Mundial, que cobre o Projecto, concede um empréstimo para o efeito. Mais uma dívida ao estrangeiro! A questão que se põe é esta: para plantação de vinha para produção de vinho do Porto, no Alto Douro, seria necessário conceder empréstimos aos interessados e, por conseguinte, contrair uma dívida no estrangeiro ou, pelo contrário, bastaria conceder as licenças de plantação, impondo as condições necessárias para a produção de alta qualidade, ficando a cargo, claro está, a instalação da vinha, do próprio vinicultor.

É sabido que, de uma maneira geral, os vinicultores pretendem alargar as suas áreas de vinhas com novas plantações, tendo-se-lhes afigurado ser o vinho uma das fontes de melhor rendimento entre todas as agrícolas. Mormente no Alto Douro e para produção do vinho do Porto, esta verdade se torna mais que evidente e conhecida. O vinho do Porto é vendido a um preço quatro a cinco vezes superior ao vinho de consumo, não exigindo maior dispêndio nos cultivos do que este. Assim, todos os vinicultores do Douro pretendem obter licenças de plantio desde que pressintam que lhe será distribuído benefício, isto é, autorização para fabrico de vinho do Porto com as suas uvas e não apenas vinho de consumo.

Nunca nenhum vinicultor, em face de uma esperança de melhores lucros pela produção de vinho do Porto, pôs a hipótese de à necessária plantação não meter ombros sem concessão de crédito com bonificação ou sem ela.

O Projecto de Desenvolvimento Integrado de Trás-os-Montes parece que teria atingido os seus objectivos de incrementação de novas plantações sem onerar o país com mais um endividamento externo para o efeito. Está a demonstrá-lo o elevado número de plantações efectuadas sem licenças, melhor dizendo até, o elevado número de pedidos de novas plantações, reconversões e transferências existente em 1982 no Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro, o qual se cifrava em cerca de 25.000, conforme então a Imprensa noticiou. Se os vinicultores correram o risco de serem obrigados a arrancar vinhas ilegalmente plantadas ou a pagar elevada multa para mantê-las, parece não haver lugar a dúvidas sobre o êxito, deixando à sua pura iniciativa a implantação de vinhedos através dos recursos próprios, sem necessidade de endividamento externo. Pelo menos, antes de esgotado este meio, não seria aconselhável recorrer ao outro, partindo logo do princípio de que o objectivo não seria alcançado sem a concessão dos créditos bonificados.

E a verdade é ainda que tais créditos e tal bonificação nem sequer são atribuídos com destrinção de quem efectivamente os necessite e de quem os dispense. Acontece até que, como por aplicação da Portaria 685/82 o plantio de vinha para produção de vinho do Porto fica vedado a quem não possua terras com o mínimo de três hectares contínuos, por si ou em associação com um vizinho a qual é difícil o crédito só é obtenível pelos mais abastados, nunca pelos pequenos vinicultores, aliás, os muito mais numerosos. É, assim, criada mais uma injustiça social, sem se ter feito, ao menos, uma tentativa de resolver o problema de outra maneira, não só conduzindo os pequenos a uma associação cooperativa (as cooperativas na região demarcada do Douro têm conduzido a excelentes resultados) em vez de eliminá-los como ainda concedendo-lhes, a esses sim, mas provada a sua exiguidade de meios, créditos para plantação de novas vinhas para produção de vinho do Porto de alta qualidade. Assim se evitaria que umas dezenas de milhares de pequenos e médios produtores de vinho do Porto fossem desprotegidos e possivelmente lançados no desemprego com a resultante desertificação do Douro, como se auxiliariam na melhoria do seu nível de vida.

Quem beneficia e quem não beneficia o Projecto de Desenvolvimento Integrado de Trás-os-Montes, no que respeita à região demarcada do Douro?

Seria pelo menos para já necessário o empréstimo?

Alqueva: um desafio ao Governo

Renano Henriques

1. Não é exagero afirmar-se que o «Empreendimento de Alqueva», ou mais abreviadamente **Alqueva**, é um nome conhecido de todos os portugueses.

Nesta última década, tem-se escrito mais sobre Alqueva do que acerca de qualquer outro projecto! E a verdade é que tendo as obras sido iniciadas em 1976 com um dispêndio de cerca de 1,5 milhões de contos, foram suspensas em 1978, para não mais continuarem...!

Decisões de retomar e relançar as obras com outras de sentido contrário, tem sido uma constante ao longo destes últimos anos!

Na controvérsia dos que são a favor e dos que são contra, têm-se avantajado os primeiros, com justificações que assentam fundamentalmente nos fins múltiplos a que se destina o «Empreendimento»: produção de energia eléctrica, rega de cerca de 180 mil hectares; abastecimento de água às populações e à indústria, com destaque para o complexo de Sines; piscicultura; aquacultura; actividades lúdicas e, finalmente, possibilidade de futuro abastecimento de água ao Algarve.

Para os detractores, a argumentação tem-se baseado principalmente no custo do «Empreendimento»; na alternativa favorável de construção de pequenas albufeiras em vez de Alqueva e na falta de garantia de água proveniente do Guadiana espanhol.

Postas de lado as duas primeiras objecções, nas quais ninguém minimamente crédulo e informado pode acreditar — existem provas e exemplos de sobejo a demonstrá-lo — resta a última que, aliás, tem constituído a última tábua de salvação para os que detractam Alqueva.

Ao longo desta década e através de vários e sucessivos estudos e de contactos havidos com as autoridades espanholas, o Governo português possui informação suficiente para tomar uma decisão favorável ao relançamento do «Empreendimento de Alqueva» **até porque a Espanha também nele está interessada**.

Só isso explica que por resolução do Conselho de Ministros n.º 5/84, de 12 de Janeiro (D.R. n.º 13, I Série, de 16 de Janeiro) tenha sido determinado (...) que os planos de produção e investimento para 1984 da Electricidade de Portugal sejam reformulados para ter em conta a decisão de relançar a obra de aproveitamento do Alqueva».

Lê-se na mesma resolução:

«O impacte que a realização do aproveitamento hidroeléctrico do Alqueva pode vir a ter, não só na produção de energia eléctrica (...) como na rentabilização de todas as obras de regadio do Alentejo e na resolução de alguns problemas de abastecimento de água às populações, recomenda uma **decisão urgente**».

Após vinte longos meses decorridos sobre aquela resolução, na vigência do 9.º Governo Constitucional foi assinado, em Beja, em 13 de Setembro de 1985, na presença do Primeiro-Ministro, um protocolo entre o Estado e a Electricidade de Portugal, com vista ao relançamento do «Empreendimento».

Estabelece o referido protocolo que 60 por cento dos encargos financeiros ficam a cargo da EDP e os outros 40 por cento à responsabilidade do Estado, parte dos quais serão concedidos pela CEE, **a fundo perdido**.

Um diário matutino de Lisboa, em 14; /9/1985, acerca desse importante acontecimento, informava: «Os membros do Governo presentes em Beja consideraram a Barragem de Alqueva o principal motor da mudança estrutural da agricultura do Alentejo, prevendo-se que venha a irrigar 180 a 200 mil hectares de terra».

Desfeita a coligação que sustentava o 9.º Governo e empossado o 10.º Governo Constitucional, aguardava-se qualquer tomada de posição pública acerca do que havia sidc decidido em Beja em termos de, já com a ajuda da CEE, serem retomadas as obras.

— Eis que surge o primeiro e significativo sinal, em plena campanha para as eleições presidenciais!

O candidato Mário Soares, na sua recente passagem pelo Alentejo e em curtas paragens em Alcácer do Sal e Grândola «considerou a Barragem do Alqueva como empreendimento fundamental para fazer do Alentejo uma terra próspera».

No dia seguinte, em enrrevista concedida à Anop, o ministro do Plano e Administração do Território, depois de ter afirmado que, em 1986, serão já transferidos 25 milhões de contos do FEDER para o financiamento de uma série de projectos de desenvolvimento regional, apresentados por Portugal à Comunidade Europeia, referiu-se a Alqueva nos seguintes termos:

«O projecto do Alqueva não está considerado neste momento, não foi nem virá a ser apresentado à Comunidade a curto prazo.»

E completou:

«A construção da Barragem do Alqueva é um assunto complexo que se encontra em estudo e sobre o qual ainda não temos opinião.»

Quer dizer, em 1986, o referido ministro aduziu exactamente as mesmas razões que já tinham levado o 3.º Governo Constitucional, em 1978, a determinar a suspensão das obras!

... Com oito anos de intervalo!

Eram então necessários mais estudos!

Para isso, o Gabinete Coordenador de Alqueva foi habilitado com mais umas largas dezenas de milhares de contos para pagamento desses estudos a vários gabinetes!

Aliás, só a certeza de já existirem estudos bastantes, poderia ter levado o eng. Fernando Faria Ferreira, ex-director-geral dos Serviços Hidráulicos, actual inspector-geral das Obras Públicas e um dos principais responsáveis pelo estudo da obra, a afirmar no decorrer do 2.º Encontro sobre Alqueva, realizado em Moura em 25 de Março de 1984, que «o Governo, a quem compete decidir, tem toda a informação que o habilite a prosseguir Alqueva!»

E tanto assim era que decidiu mesmo, em 13 de Setembro de 1985!

Não o entende assim, o actual ministro do Plano e da Administração do Território!

— Cada cabeça, cada sentença!

Porque vivemos em democracia, há que respeitar a democracia!

E a melhor maneira de o fazer, é respeitando os cidadãos.

E porque todos os políticos, governantes ou não, são eleitos pelo povo, para que o saibam defender e aos seus mais legítimos interesses; porque se ignoram e desprezam riquezas onde elas são mais necessárias aproveitar e desenvolver; porque do seu esquecimento se acelera a pobreza da terra e das gentes; porque é antidemocrático e socialmente injusto continuar a privilegiar as regiões mais desenvolvidas em detrimento das menos desenvolvidas; porque há constantes contradições na afirmação enfatizada de desejo de igualização de todos os portugueses, quando, na prática, não é isso que se verifica; porque o Alentejo tem cerca de um terço da superfície territorial nacional e só 6% da sua população; porque não há desenvolvimento agrícola possível no Alentejo sem o racional e integral aproveitamento de todos os recursos hídricos, superficiais e profundos, que os há em suficiência; **porque não se pode falar em integração agrícola de Portugal na CEE, com um Alentejo seco e um Noroeste húmido mas pulverizado em minifúndios cada vez mais enredados numa malha urbano-industrial que não cessa de crescer**; porque, enfim, as constantes tibiezas e indecisões governamentais sobre Alqueva levam à descrença no **poder** que **não tem coragem** para dizer **definitivamente**, se **sim ou não se faz Alqueva**; porque tal como afirmou judiciosamente David Lilienthal, o herói da irrigação do vale de Tennessee:

«Sem o povo nada se faz bem feito» — aqui deixamos uma proposta **que é um desafio ao Governo**:

— Pergunte-se aos alentejanos, a **todos** os alentejanos, se querem ou não Alqueva!

Se democracia é participação, e nisso todos os **verdadeiros** democratas estão de acordo, indague-se junto da população alentejana!

— Quem é a favor ou contra Alqueva?

Som ou não!

Com a resposta, o Governo já pode decidir com igual partilha de responsabilidade — **com o povo, pelo povo e para o povo!**

É que se não decidir, poderá aplicar-se ao momento actual o que Marcelo Caetano escreveu acerca dos que se **opunham** à colonização, por trabalhadores e pequenos proprietários, das áreas regadas em perímetros beneficiados por obras estaduais.

Escreveu Marcelo Caetano no livro «Minhas Memórias de Salazar» — Editorial Verbo a páginas 423:

«Mas quanto ao melhor aproveitamento dos terrenos irrigados muito pouco se conseguiu, quer no Governo do dr. Salazar, quer no meu, apesar do vigoroso empenho que ambos pusemos no assunto»

E rematou, à laia de conclusão:

«A resistência dos interesses era superior ao impulso do poder.»

— Será que, o que não foi possível, em ditadura, também não o poderá ser, em democracia?!

Jardim diz que já pode dialogar com Lisboa

«Pela primeira vez, depois de Sá Carneiro, estou a encontrar em Lisboa uma capacidade de trabalho e uma manifestação de diálogo que há muito não via», disse o presidente do Governo Regional da Madeira.

Alberto João Jardim, que falava na cerimónia de inauguração do novo edifício dos Paços do Concelho em São Vicente (Norte da Madeira), acrescentou que, no entanto, «a grande realidade é que os madeirenses terão de contar consigo próprios».

O líder madeirense admitiu existirem três batalhas fundamentais para a população do arquipélago: «A batalha da Europa, a batalha para o alargamento da autonomia e a batalha para a defesa da democracia.»

«Somos uma comunidade autónoma» — disse — «e temos de manter esta autonomia pois há quem esteja à espera que os madeirenses fiquem divididos e enfraquecidos para desta forma atentarem contra direitos legítimos e históricos desta região.»

Segundo o chefe do governo madeirense «todo o homem que actua e executa é criticado, o que não acontece com aqueles que assim não procedem, não havendo mal nenhum nisso.»

Considerando as críticas «um bem necessário significando que a democracia está viva», Alberto João Jardim defendeu «o maior cuidado com os excessos de orgulho», alegando que as «críticas da oposição têm sempre o seu lugar e devem constituir um estímulo».

Numa intervenção profundamente política, onde as eleições presidenciais ocuparam grande parte do discurso, Alberto João Jardim apela à participação dos madeirenses no acto eleitoral de domingo alegando que «o que está em causa é fundamentalmente a defesa do regime democrático».

Referindo-se ao concelho de São Vicente, onde ontem foi inaugurado o novo edifício-sede dos Paços do Concelho, o presidente do governo adiantou: «São Vicente foi um baluarte da democracia em tempos difíceis e aqui refugiavam-se aqueles que se batiam pela democracia e pela autonomia e eram perseguidos.»

Na cerimónia o presidente da Câmara Municipal, que ocupa o cargo desde as primeiras eleições autárquicas, em 1976, considerou que a «falta de verbas que o Governo da República deveria transferir e não transferiu e as limitações técnicas e humanas» condicionaram o trabalho dos responsáveis autárquicos locais.

Com a entrada em funcionamento — na próxima semana — deste novo edifício, Gabriel Drumond revelou que a Câmara Municipal vai passar a trabalhar com outra dinâmica e dispondo de outros meios, passando a ter um vereador a tempo inteiro e responsável pelo sector de obras.

Cavaco na Madeira

O presidente do PSD/Madeira, Alberto João Jardim confirmou a deslocação do líder dos sociais-democratas ao Funchal, em Maio.

Aníbal Cavaco Silva desloca-se à Madeira na qualidade de presidente da Comissão Política Nacional do PSD, para participar no V Congresso Regional dos sociais-democratas madeirenses.

Segundo João Jardim, a presença de Cavaco Silva tem em vista manter a tradicional presença do presidente do partido nos congressos dos sociais-democratas madeirenses.

INATEL

INATEL

TURISMO SOCIAL

EXISTEM VAGAS PARA AS SEGUINTES EXCURSÕES:

N.os	28	– CARNAVAL EM TOMAR	11/02	1630$00
N.os	30	– ALMOÇO "QUINTA DO MOINHO"	16/02	1980$00
N.os	32	– FIM-DE-SEMANA NO NORTE	21/23	4230$00
N.os	33	– SOL E MAR – ALGARVE	21/23	4850$00
N.os	34	– COIMBRA, LUSO E F. FOZ	22/02	1580$00
N.os	402	– MUSEU DO AR – ALVERCA	19/02	1200$00
N.os	606	– CEUTA E SEVILHA	21/23	9800$00

Informações e reservas – Calçada de Santana, 180-LISBOA
1198 LISBOA CODEX – Telefone: 53 88 71

A editar brevemente em Portugal e noutros países

"Fidel e a Religião" tornou-se "best-seller" em Cuba e no Brasil

● *O autor é Frei Betto, padre dominicano brasileiro que gravou 23 horas de conversa com o líder cubano*

Ribeiro Cardoso

Um livro em que o dirigente cubano Fidel de Castro fala sobre revolução e religião, com um padre brasileiro, tornou-se um 'best-seller' em Cuba e está a bater todos os recordes de vendas no Brasil. O entusiasmo provocado por esta obra é tal que numerosos editores de vários países, incluindo Portugal, adquiriram já os direitos respectivos e preparam-se para o lançar no mercado.

O segredo do êxito é extremamente simples: Frei Betto, uma das figuras mais destacadas da igreja progressista brasileira, encontrou-se há cinco anos, em Manágua, com Fidel de Castro. Convidado a visitar Cuba — onde se deslocou entretanto várias vezes — Frei Betto gravou, em quatro períodos diferentes, 23 horas de diálogo com Fidel e passou-as para o papel. O livro chama-se precisamente «Fidel e a Religião — Conversas com Frei Betto».

No Brasil, a primeira edição surgiu, não por acaso, no dia 8 de Outubro último, data da morte de Che Guevara. Apesar do boicote de uma parte da Imprensa brasileira e dos directores dos jornais que se recusaram a publicar uma linha que fosse sobre o livro — diz Frei Betto em entrevista no último número da edição portuguesa da revista 'Prisma' — a obra rompeu junto da opinião pública e hoje toda a gente quer saber o que pensa Fidel da religião. Há já quatro edições, esgotadas.

Sem precedentes

Nessa entrevista Frei Betto conta em pormenor como tudo se passou para que o livro fosse possível e diz-se surpreendido com o resultado, que considera importante. Porquê? Passa a explicar:

«Porque é a primeira vez na História que um chefe de Estado de um país socialista fala tão aberta e profundamente sobre a sua própria vida, sobre a sua infância, o colégio, os seus amigos, etc. Fidel conta toda a sua infância, os 12 anos que passou nos colégios católicos, o seu gosto pelo desporto, como foi descobrindo a política, o marxismo, a luta estudantil na universidade, a sua filiação no Partido Ortodoxo, a sua ruptura com ele, os preparativos do assalto a Moncada, o fracasso, a prisão, o exílio no México, a expedição do Granma, o encontro com Che Guevara, o desembarque em Cuba, a repressão que houve, o início da guerrilha na Sierra, os impasses da guerrilha, os avanços, a vitória dos guerrilheiros, as primeiras leis revolucionárias, a sua renúncia como primeiro-ministro, o regresso ao governo, as relações com a Igreja, a invasão de Giron, o carácter socialista da revolução, a criação do Partido Comunista em 1965».

Para além dos aspectos da vida pessoal de Fidel e dos acontecimentos históricos da revolução cubana, contados em pormenor pelo histórico comandante, o livro, como sublinha ainda Frei Betto, assume também outra dimensão:

«É a primeira vez que um chefe de Estado socialista, secretário-geral de um Partido Comunista, revolucionário marxista-leninista, fala sobre religião. Não tem precedentes na História, Há, além disso o modo como Fidel fala, ou seja, ele não interpreta simplesmente a questão religiosa como um político que a considera um fenómeno político-social importante na América Latina. Não, ele analisa o problema considerando dois aspectos diferentes. Primeiro, como questão de princípio, segundo o qual as pessoas têm direito a ter a sua crença religiosa, a Igreja tem o direito a ter o seu espaço, os cristãos têm o direito de se integrar como revolucionários, partindo da sua fé, no processo de construção do futuro da nossa América Latina. Depois fala também com base na sua experiência de aluno de um colégio religioso, durante muitos anos, ou seja, o tema é-lhe familiar pela sua própria formação. Toda a análise crítica que faz da religião é a de quem quer salvaguardar a essência revolucionária do cristianismo, da igreja dos primeiros séculos, e, como Marx e Engels faziam, ele também compara essa experiência tão crucial para os cristãos e ao mesmo tempo libertadora, à experiência recente dos comunistas, na medida em que os mártires cristãos podem perfeitamente ser comparados hoje aos mártires comunistas dos regimes capitalistas».

Em resumo: o livro «Fidel e a Religião — Conversas com Frei Betto» é absolutamente inédito pelo tratamento autobiográfico e pela maneira como o tema religioso é abordado.

Frei Betto

Frei Betto, teólogo dominicano, é uma das figuras mais destacadas da igreja progressista do Brasil, não só pela luta contra a ditadura militar, mas também pelos quatro anos de prisão, preço que pagou por ter assumido há já duas décadas a «opção pelos pobres».

Frei Betto e Fidel Castro

Betto é, além disso, um dos organizadores das Comunidades Eclesiásticas de Base, que com os seus 150 mil núcleos e mais de três milhões de membros é a organização popular mais importante do Brasil. Colabora com a Pastoral Operária de São Bernando do Campo, berço do combativo movimento sindical brasileiro contemporâneo.

Hoje a sua acção transcende as fronteiras do Brasil, dado que coloca a sua experiência enorme ao serviço das comunidades eclesiásticas camponesas da Nicarágua, onde se desloca duas a três vezes por ano.

Na referida entrevista à edição portuguesa da revista «Prisma», onde fomos buscar estes elementos biográficos, Frei Betto, que participou igualmente no recente encontro de intelectuais da América Latina e Caraíbas, realizado em Havana, diz ainda sobre o seu livro «Fidel e a Religião»:

«(...) Os verdadeiros autores deste livro são todos os mártires latino-americanos e caraíbas, comunistas e cristãos crentes e ateus, que derramaram o seu sangue para alcançar um tempo de justiça e paz neste Mundo. Diria também que os verdadeiros inspiradores deste livro são três figuras importantes da nossa cultura, das nossas vidas: Jesus, Marx e Marti».

Quatro momentos de uma campanha arrasante: Mário Soares, Salgado Zenha, Lurdes Pintasilgo e Freitas do Amaral

Portugal em tempo de reflexão

Oito milhões de portugueses estão hoje no período de reflexão, preparando-se para as eleições presidenciais de amanhã. Durante estas 24 horas, é proibido qualquer tipo de propaganda eleitoral ou niticiária político referente aos candidatos a Belém.

A primeira previsão oficial (STAPE) sobre o resultado das eleições de amanhã deverá ser conhecida cerca das 22 horas.

Um candidato para ser eleito Presidente da República à primeira volta necessita de um pouco mais de três milhões de votos, se se tiver em consideração uma taxa de abstenção de 20 por cento. Nos termos da lei, ganha as eleições «quem obtiver mais de metade dos votos validamente expressos». Os «votos validamente expressos» são os que recaem sobre os candidatos, não se considerando como tal os votos em branco e os votos nulos.

Nas últimas eleições presidenciais, em que também houve um candidato desistente (os votos nele são então nulos), registaram-se 45.346 votos nulos (0,8 por cento) e 16.322 votos em branco (0,3 por cento). Estes não são «votos validamente expressos».

Se nenhum dos quatro candidatos de 26 de Janeiro obtiver mais de metade dos votos validamente expressos, realiza-se uma segunda volta no dia 16 de Fevereiro, apenas com os dois candidatos mais votados, que não tenham retirado a sua candidatura.

Como votar

Como se vota para as eleições presidenciais?

Cada eleitor, apresentando-se perante a mesa (que previamente apurou na Junta de Freguesia) identifica-se ao presidente. Este, depois de reconhecer o eleitor como o próprio, dirá o seu nome em voz alta e entregar-lhe-á um boletim de voto.

De seguida, o eleitor entra na câmara de voto situada na assembleia e aí, sozinho, marca com uma cruz no quadrado respectivo o candidato em que quer votar. Depois dobra o boletim em quatro.

Voltando para junto da mesa, o eleitor entrega o boletim ao presidente, que o introduz na urna, enquanto os escrutinadores descarregam o voto, rubricando os cadernos eleitorais em coluna a isso destinada e na lista correspondente ao nome do eleitor.

Se, por inadvertência, o eleitor estragar o boletim, deve pedir outro ao presidente, devolvendo-lhe o primeiro.

O presidente escreve então no boletim devolvido a nota de inutilizado, rubricando-o.

Nas eleições presidenciais, porque não há votos por correspondência, considera-se unicamente voto em branco o que não foi objecto de qualquer tipo de marca.

Voto nulo é o boletim de voto no qual:

1. Tenha sido assinalado mais de um quadrado ou quando haja dúvidas sobre qual o quadrado assinalado.

2. Tenha sido assinalado o quadrado correspondente a uma candidatura que tenha desistido das eleições (é o caso dos votos em Ângelo Veloso).

3. Tenha sido feito qualquer corte, desenho ou rasura ou quando tenha sido escrita qualquer palavra.

Ao invés, não se considera nulo, mas válido, o boletim de voto no qual a cruz, embora não sendo perfeitamente desenhada ou excedendo os limites do quadrado, assinale inequivocamente a vontade do eleitor.

Os cartórios notariais e os centros de saúde de todo o País vão estar abertos no dia das eleições durante o período de funcionamento das assembleias de voto.

Isto porque pode ser necessário comprovar no imediato a cegueira ou a deficiência do eleitor no acto da votação.

Com efeito, a Lei Eleitoral permite que os cegos e os notoriamente deficientes possam votar acompanhados, mas a mesa da assembleia de voto pode, por sua iniciativa, solicitar prova da incapacidade.

Essa prova tem de ser dada por documento do delegado de saúde municipal ou seu substituto legal com assinatura reconhecida pelo notário.

Daí que os cartórios notariais e os centros de saúde tenham de estar abertos no domingo, dia 26 de Janeiro, no período de funcionamento das urnas.

CNE dá folgas

A Comissão Nacional de Eleições distribuiu um comunicado para anunciar que os membros das mesas de assembleias eleitorais têm direito a folgas nos seus empregos no domingo e segunda-feira.

A comissão avisou também que os delegados portadores de credenciais relativas à candidatura desistente de Ângelo Veloso nõ podem naturalmente exercer essas funções no dia da eleição.

«Os membros das mesas de assembleias eleitorais são dispensados do dever de comparência ao respectivo emprego ou serviço no dia das eleições e no dia seguint» — diz a comissão.

Esta dispensa tem lugar «sem prejuízo de todos os seus direitos e regalias, incluindo o direito à retribuição, devendo para o efeito fazer prova dessa qualidade» — acrescenta.

Forum Picoas

Mais de 300 jornalistas são esperados na noite de domingo no Forum Picoas, centro de Imprensa das eleições presidenciais, disseram ao secretário de Estado encarregado das questões da Comunicação Social responsáveis pelo serviço.

Marques Mendes, secretário de Estado adjunto do ministro adjunto do Primeiro-Ministro, visitava na altura as instalações do Forum a partir de onde serão divulgados os resultados eleitorais.

Aos serviços do Forum chegaram 180 pedidos de creditação de jornalistas estrangeiros, que se juntam aos cerca de 50 correspondentes da Imprensa estrangeira em Portugal.

O número de jornalistas portugueses que domingo vão trabalhar no Forum Picoas deve rondar a centena, uma vez que em todas as redacções de órgãos de Comunicação Social de expansão nacional estão instalados terminais de computador que irão fornecendo os resultados.

«Podiam ser já hoje as eleições que estava tudo em ordem?» — perguntou a certa altura da visita o secretário de Estado que, perante resposta afirmativa, mostrou a sua satisfação e elogiou o esforço dos que têm trabalhado no Forum.

Durante a visita, Marques Mendes foi acompanhado pelo presidente do conselho de gerência do Forum, Almeida Freire, e por responsáveis dos serviços.

Operação "guerra aos ratos" já matou mais de dois milhões

Cerca de dois milhões e meio de roedores mortos é o balanço da primeira fase da operação «guerra aos ratos» lançada em Novembro pela Câmara Municipal de Lisboa.

«Balanço positivo», diz a Câmara num comunicado sobre a campanha, em que já foram usadas 17 toneladas de iscos rodenticidas.

O número de vítimas é mais de metade da população estimada de ratos da cidade, quatro milhões, o dobro dos habitantes da Grande Lisboa.

«Os resultados obtidos nesta primeira fase intensiva de desratização foram muito positivos, não só pelo número de cadáveres detectados, como pela diminuição sensível de vestígios de roedores», afirma a Câmara de Lisboa.

O município nota que os habitantes da cidade «colaboraram eficazmente». A operação «guerra aos ratos» continua até ao fim do ano, com acções intensivas em Abril/Maio e Agosto-/Setembro. A campanha deverá custar à Câmara cerca de 70 mil contos e com ela pretende-se «controlar por completo a infestação» de roedores na cidade.

Carlos Pimenta fala 500 mil contos

Mais promessas contra as cheias na inauguração da ponte do Rodísio

O secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Carlos Pimenta, anunciou um plano governamental para combater o flagelo das cheias na Grande Lisboa. Carlos Pimenta fez a revelação quando se inaugurava no concelho de Sintra uma nova ponte sobre a ribeira de Colares, em substituição da destruída há dois anos por uma enxurrada.

O novo viaduto, ontem aberto ao trânsito, assegura a ligação entre Sintra e as praias Grande e das Maçãs, ligação que antes das cheias de 18 e 19 de Novembro de 1983 se fazia por uma ponte prefabricada instalada pelo Batalhão de Engenharia de Tancos.

O Governo, informou Carlos Pimenta, tenciona investir este ano na resolução dos problemas das cheias, no distrito de Lisboa, 500 000 contos, a que deveráacrescentar-se a comparticipação financeira das autarquias interessadas.

O total de gastos, segundo o governante, atingirá os 2500 milhões de contos.

Carlos Pimenta lembrou que os prejuízos da catástrofe de há dois anos se elevou, só em Lisboa e concelhos limítrofes, a 2 milhões de contos e aludiu à necessidade de se arrancar com um projecto a que o último Executivo não terá dado seguimento, o qual seria o de declarar certa área compreendendo Sintra e Cascais, «área de paisagem protegida» e aplicar medidas — policiamento e outras — que lhe garantissem esse estatuto.

A nova ponte do Rodísio, nome derivado do local onde foi erguida, tem 28 metros de comprimento por 11 de largo e atravessa a ribeira de Colares, cerca de 6 metros acima do leito.

Orçou em 22 000 contos das quais 2500 foram cobertos pela Câmara de Sintra, com a construção dos acessos.

Concretizado no prazo de um ano, o empreendimento foi da responsabilidade da Direcção-Geral de Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos.

Judiciária desmente direcção do INSCOOP

O Gabinete de Imprensa da Polícia Judiciária desmentiu ao «DL» que tivesse desaparecido qualquer queixa referente a factos ocorridos na residência de Manuela Pestana, chefe de Divisão do Instituto António Sérgio para o Sector Cooperativo, INSCOOP. A Direcção deste organismo dependente da presidência do Conselho de Ministros, recorde-se, tomou recentemente uma posição pública onde se dizia «constar» que aquela queixa tinha desaparecido na Judiciária.

Um porta-voz da PJ disse ao «DL» que a queixa foi apresentada por um familiar daquela funcionária do Inscoop e que nessa ocasião foram feitas todas as diligências necessárias. O queixoso afirmava que tinham sido disparados tiros contra a residência de Manuela Pestana e a PJ tomou conta da ocorrência, desencadeando as investigações apropriadas.

«Essas diligências prosseguem e a queixa nunca desapareceu», frisou o informador da Judiciária.

Curso sobre os vários nomes que levam o coração a parar

«O meu ponto de vista sobre a Cardiopatia Isquémica» e «Terapêutica Cirúrgica» são as comunicações que abrirão e encerrarão o primeiro dos dois dias do Curso de Cardiapatia Isquémica para clínicos gerais que decorrerá em 28 e 29 do corrente na Estação Agronómica Nacional de Oeiras, numa organização conjunta do Centro de Saúde local e da UTIC-Arsénio Cordeiro, Hospital de Santa Maria. A iniciativa conta com a colaboração da Administração Regional de Saúde de Lisboa, Direcção-Geral de Cuidados de Saúde Primários e Instituto do Clínico Geral.

Este curso de Cardiopatia Isquémica para clínicos gerais dos sectores IV e V da ARS de Lisboa será aberto pelo prof. Carlos Ribeiro, o qual presidirá à iniciativa, cabendo ao dr. Armando Bordalo fechar quarta-feira à tarde esta iniciativa, falando sobre «Seguimento e tratamento do doente após a alta hospitalar», este o último tema em discussão nos trabalhos. «Terapêutica Cirúrgica», comunicação que acima referimos, será desenvolvida pelo prof. Soares Costa.

Esta reunião médica promovida conjuntamente pelo Centro de Saúde de Oeiras e a UTIC Arsénio Cordeiro – Hospital Escolar de Santa Maria dividir-se-á em quatro sessões e outras tantas mesas-redondas, com discussão em torno de todas as 29 comunicações a apresentar.

Painéis em debate: cardipatia isquémica: etiopatogenia, epidemiologia e prevenção; angina de peito: do diagnóstico à terapêutica (J.T. Soares Costa fechará esta mesa-redonda) e enfarte de miocárdio: do diagnóstico à terapêutica painel que ocupa todo o último dia com treze comunicações e um teste de avaliação antes propriamente do encerramento oficial do curso.

Em Estrasburgo

Pais debatem ensino público

A Federação dos Pais de Alunos do Ensino Público (PEEP) organizará em Estrasburgo, nos dias 1 e 2 de Fevereiro, um colóquio em que Portugal far-se-á representar pelo Secretariado Nacional das Associações de Pais.

A delegação do SNAP será constituída por Maria João Bolão Toma, Carlos Meireles Coelho e Miguel Pignateli Queiroz.

A PEEP é uma federação independente que conta com a adesão de cerca de 450 mil famílias francesas.

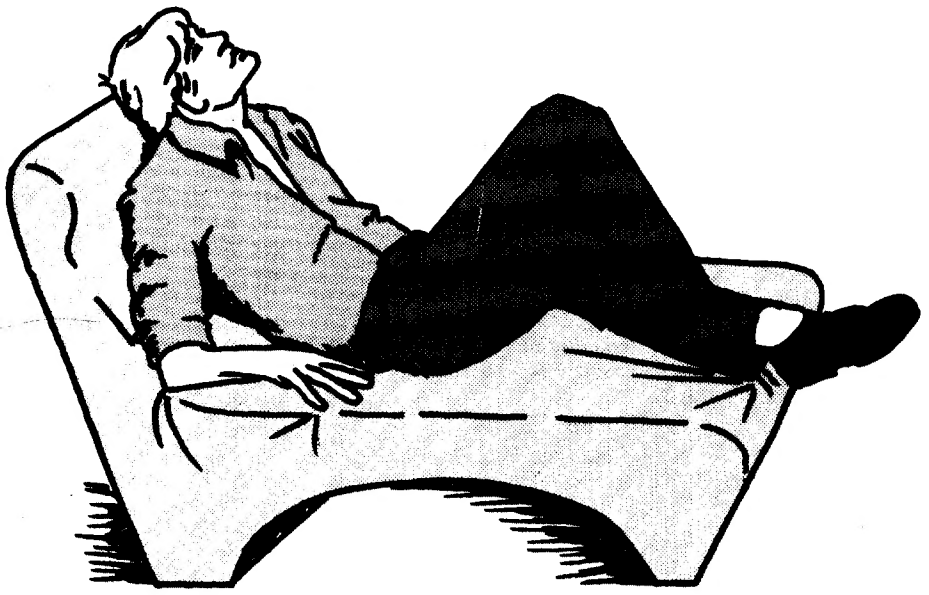
Cerca de 15 países europeus estarão representados no colóquio de Estrasburgo, que é patrocinado conjuntamente pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho da Europa.

A finalidade do colóquio, disse à agência NP um porta-voz da PEEP, será a de estudar dois grandes problemas: a participação dos pais na formação escolar dos filhos e a igualdade de oportunidades para os jovens na Europa.

A ambição dos organizadores seria mesmo a de conseguir chegar à redacção de uma carta comum.

Os trabalhos do colóquio serão abertos por Pierre Pflimlin, presidente do Parlamento Europeu, e o discurso de encerramento será pronunciado por Marcelino Oreja-Aguirre, secretário-geral do Conselho da Europa.

ESTOU À ESPERA QUE CHEGUE...



TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA - 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 13 de Fevereiro de 1986, pelas 10 horas neste Tribunal — R. Braamcamp n.º 5-4.º andar — Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a «Meio Século – Actividades Hoteleiras e Turísticas, Ld.ª» com sede na Alm. das Linhas de Torres n.º 231-5.º Lisboa, no proc.º executivo n.º 1274/85, instaurado por dívida ao Fundo de Turismo.

Bens Penhorados

Verba n.º 1 — Doze mesas em madeira e vinte e quatro cadeiras, sendo dezoito forradas a palhinha e seis forradas a couro, no valor de 50 000$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina de café da marca Faema-Ariete, com uma boca e um moinho de café da marca Faema, no valor de 70 000$00.

Verba n.º 3 — O direito ao arrendamento e trespasse do estabelecimento sito no Largo de Contador-Mor n.º 21 — Lisboa, de que é senhorio a firma «Alves Dinis & C.ª, Ld.ª, pela qual é paga a renda mensal de 3600$00, a que se atribui o valor de 3 500 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Janeiro/86

O Juiz de Direito
Manuel Luís Macaísta Malheiros

O Téc. Tributário
José T. Henriques)

D.L. 25/1/86 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 6 de Fevereiro de 1986, pelas 11 horas neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º — Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Dulce Cecília Lapa Penha Lopes, residente que foi na Av. 5 de Outubro, 201-3.º-Dt.º — Lisboa, no proc.º executivo n.º 4692/84, por dívida de Imposto s/Sucessões e Doacções.

Bens Penhorados

Verba única — Prédio sito na Av. João Crisóstomo, n.º 41, 41-A e 41-B, composto por lojas, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º andares e águas furtadas, de construção moderna, modesta mas bem conservada. Inscrito na matriz predial urbana da freguesia de Nossa Senhora de Fátima sob o artigo n.º 624, a que foi atribuído o valor de 20 000 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da execução bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1986

O Juiz de Direito,
Manuel Luís Macaísta Malheiros

O Técnico Tributário,
José T. Henriques

«DL» 25/1/86 — 2.ª publicação

Associação de Estudantes de Farmácia tem 72 anos

Os 72 anos da Associação de Estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa foram ontem comemorados com a votação dos novos estatutos.

Os anteriores datavam de 1930.

O presidente da Associação, Rui Santos Ivo, disse à Anop que os novos estatutos, votados em referendo, foram aprovados com 97,8 por cento dos votos.

A Associação de Estudantes que hoje conta com 350 associados tinha há 72 anos cerca de 30.

Para comemorar a efeméride e para iniciar as comemorações dos 150 anos de ensino farmacêutico, a Associação organiza, quinta-feira uma sessão para a qual foram convidados os ministros da Saúde e da Educação, que ainda não confirmaram a sua presença.

Rejeitando estatuto do internato

Policlínicos do Sul marcam greve para os dias 3 e 4 de Fevereiro

Os médicos internos gerais da Região Sul decidiram ontem em plenário efectuado na sala de alunos dos estudantes de Medicina de Lisboa (Faculdades de Ciências Médicas), ao Campo de Santana, convocar uma greve de 48 horas, em 3 e 4 de Fevereiro. Pretendem assim, os policlínicos, reforçar as suas reivindicações, «recusando totalmente o estatuto que a ministra da Saúde pretende impor aos internos gerais».

Exigem também «a execução de um estatuto real das necessidades em saúde, do País, para que as decisões ministeriais não sejam puros actos de gestão economicista».

Os cerca de mil e duzentos jovens médicos lutam pelo «direito ao trabalho de todos os médicos» e alegam que «nas condições actuais, o Estado tem a obrigação de lhes assegurar o pleno emprego, tanto mais que a situação da saúde em Portugal o justifica». Terão nesse aspecto o apoio total dos estudantes de Medicina de Lisboa.

A posição agora assumida constitui ainda um protesto contra «a prepotência revelada pela ministra da Saúde na sua recusa à negociação com os órgãos representativos dos jovens médicos».

Os médicos do internato geral voltaram a lançar um repto à ministra da Saúde, convidando-a a participar num debate público sobre a situação da saúde no País e as medidas recentemente decretadas por Leonor Beleza.

«A insistência na criação do desemprego médico é um flagrante desrespeito pelas necessidades das populações» — sublinham os jovens médicos que dizem não aceitar «a política do facto consumado».

Internos de Coimbra terça-feira em reunião

Durante o plenário que decorreu na Faculdade de Ciências Médicas, ao Campo de Santana, os policlínicos presentes — outros havia a medirem a tensão arterial em vários locais de Lisboa e a explicarem à população as razões desta sua posição — anunciaram a disponibilidade do Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, para receber uma delegação dos internos gerais em audiência na próxima sexta-feira.

A greve dos estudantes das Faculdades de Medicina de Lisboa teve o apoio dos respectivos Conselhos Directivos que, não marcando faltas ou não comparecendo às aulas, manifestaram a sua solidariedade com a luta dos futuros médicos. Segundo representantes da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa, a greve de ontem teve uma adesão de 100 por cento, como na quarta-feira.

Entretanto, em Coimbra, os internos gerais deverão reunir-se terça-feira naquela cidade para discutir uma proposta de greve. Caso a greve venha a ser convocada a nível nacional, ela representará a paralisação de um total de três mil médicos. Não serão, no entanto, postos em causa os serviços de urgência — revelou em conferência de Imprensa um representante da Comissão Nacional de Médicos do Internato Geral.

«A nossa greve não é uma greve de alunos contra professores mas sim contra a destruição das legítimas expectativas dos futuros médicos» — acrescentou um outro estudante da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Estudantes querem frente-a-frente com Beleza na RTP

O presidente da Faculdade de Medicina do Porto convidou Leonor Beleza para que o público saiba o que de facto — segundo ele — se passa quanto aos médicos do internato, que não corresponderá ao que a titular disse unilateralmente na RTP. No mesmo sentido providenciaram já jovens licenciados e policlínicos da Faculdade de Medicina de Lisboa, disse esta manhã uma jovem médica ao «DL». Mas, até ao momento, nem resposta nem mandado da direcção da RTP (pelouro do ex-director do «JN», Freitas Cruz, na sua qualidade de administrador).

Os estudantes das cinco Faculdades de Medicina (duas no Porto, outras tantas em Lisboa e uma em Coimbra) estiveram, repetimos, em greve durante dois dias para protestar contra a revisão da legislação das carreiras médicas e do estatuto do internato geral.

Não ficou posta de parte a hipótese como atrás se refere, de uma nova greve, porventura ainda mais dura, de acordo com uma delegação de estudantes que ontem esteve no «Diário de Lisboa».

Entretanto, chamam a atenção para este facto: «as estruturas representativas dos estudantes exigem — disse Rui Portugal, presidente da Associação de Lisboa — ser ouvidas sempre que se coloquem problemas sobre o futuro profissional dos estudantes de Medicina».

Reenquadramento e concursos motivam processo de luta

Professores anunciam greve nacional para o dia 7

O Secretariado da Federação Nacional dos Professores decidiu propor à classe docente quatro dias de luta, entre eles um de greve nacional no próximo dia 7.

A 4, 5 e 6, as greves serão cumpridas por distritos, com a seguinte distribuição: no dia 4, distritos do Porto, Setúbal e Portalegre; no dia 5, distritos de Lisboa, Braga, Viana do Castelo, Leiria e Beja: no dia 6, os restantes distritos do continente e das regiões autónomas.

No dia 5 os sindicatos membros da Fenprof participarão igualmente numa manifestação em Lisboa, no âmbito da Frente Reivindicativa Comum dos Sindicatos dos Trabalhadores da Função Pública.

Em causa estão, além das propostas governamentais insatisfatórias de aumentos salariais para os trabalhadores da Função Pública, o silêncio do Ministério da Educação e Cultura quanto ao reenquadramento dos professores nas letras da Função Pública, quanto à alteração de regras dos concursos para colocação dos docentes e ampliação dos quadros dos ensinos primário, preparatório e secundário.

Relativamente avs aumentos salariais, na última reunião com o secretário de Estado do Orçamento, Rui Carp, este membro do Governo informou os sindicatos da frente comum que os aumentos seriam definitivamente de 16 por cento, o que fica muito aquém das propostas sindicais de, inicialmente, 28 por cento e, mais tarde, 23 por cento.

Quanto ao reenquadramento de letra, Rui Carp afirmou que o Orçamento de Estado para 1986 não prevê verbas para cobrir materias deste tipo.

O Ministério da Educação e Cultura iniciara através do secretário de Estado da Administração Escolar, Simões Alberto, negociações com a Fenprof sobre o reenquadramento em 19 de Dezembro. Entretanto, não voltou a pronunciar-se sobre o assunto, adoptando idêntico comportamento quanto à alteração das regras dos concursos. O MEC recebeu as propostas da Fenprof sobre aquela matéria e sobre a ampliação dos quadros, em Dezembro, não tendo posteriormente marcado qualquer reunião para negociações.

Previa-se que os concursos para colocação de professores abrissem no próximo mês de Fevereiro, mas até agora nada se sabe, a não ser que as negociações deveriam ter sido logicamente realizadas em Janeiro.

O ministro da Educação e Cultura convocou finalmente a Femprof para uma reunião no próximo dia 31, mas não há qualquer garantia de que as reivindicações dos professores serão satisfeitas.

Por falta de pessoal

Alunos têm aulas semana sim semana não

A falta de pessoal auxiliar e a transferência de alguns elementos de quadros de pessoal já desfalcados para outras escolas estão a criar situações de funcionamento apenas parcial de alguns estabelecimentos de ensino.

O último caso conhecido é o da escola preparatória do Feijó que desde o passado dia 22 está a funcionar a 50 por cento da sua capacidade, em regime de turnos, alternadamente de manhã e de tarde.

Até àquela data, a escola funcionava dificilmente com 11 trabalhadores dos 25 do quadro que lhe compete, para 1170 alunos. Alguns desses trabalhadores entraram de baixa pelo que a escola se viu forçada a funcionar parcialmente.

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa afirma em comunicado que o Ministério da Educação agrava a situação, na medida em que vem transferindo o pessoal das escolas preparatórias e secundárias para nomeadamente, as Escolas Superiores de Educação.

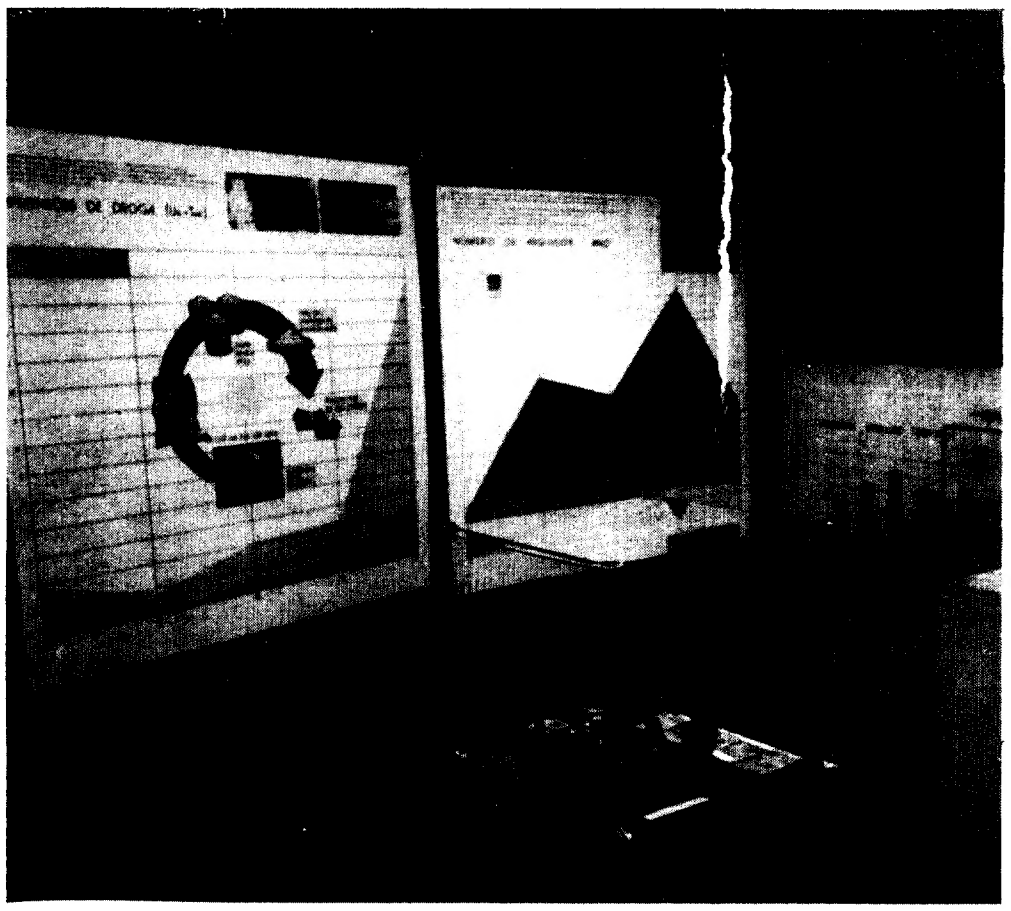
Idêntica situação foi criada à escola preparatória Damião de Góis que desde 15 de Janeiro também está a funcionar parcialmenmte. Desde aquela data que os alunos têm aulas semana sim semana não, consoante nessa semana funcione o turno da manhã ou o da tarde.

A escola tinha 18 trabalhadores auxiliares para cerca de 920 alunos. Desses, um foi reformado e oito concorreram a concursos abertos na Universidade de Lisboa e foram transferidos.

PJ faz balanço e exposição

Duas toneladas e meia de droga foram apreendidas em 1985

Dois milhões e meio de quilos de droga foram apreendidos pelas autoridades portuguesas no ano de 1985 — lê-se num placard da exposição sobre droga, aberta hoje ao público na sede da Polícia Judiciária de Lisboa. Segundo o director de serviços da Polícia Judiciária, José Pestana, «tem vindo a crescer o volume da droga apreendida em Portugal».



Aquele responsável acrescentou que em duas grandes operações levadas a cabo num iate em Cascais e Porto Alto foram apreendidas um total de 4,5 toneladas de estupefacientes em 1984.

A maior apreensão de droga registada este ano em Portugal, foi filmada em vídeo e está na sala da exposição para além de mais de uma centena de objectos utilizados pelos traficantes, mapas sobre a droga apreendida e fotos.

A exposição divide-se pelos títulos «nossos filhos, nós e a droga», «que se pode fazer para impedir a toxicomania», «trabalho do Centro de Estudos de Profilaxia da Droga».

A Polícia Judiciária é o único organismo policial competente para realizar a investigação do crime de tráfico de estupefacientes.

No âmbito do Ministério da Justiça existem mais dois organismos destinados à luta contra a droga, o Gabinete de Planeamento e Coordenação do Combate à Droga e o Centro de Estudos de Profilaxia da Droga.

Ao Gabinete de Planeamento compete planear e coordenar as actividades do combate à droga, designadamente através da preparação dos estudos e da planificação e execução de um programa nacional ou da utilização de meios adequados àquele combate.

É da competência do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga, o estudo das condições psicossociais que possam contribuir para o consumo da droga, a elaboração e execução de programas de prevenção do consumo de tóxicos.

O Centro de Estudos possui três centros regionais e em cada um encontra-se uma divisão psicossocial e uma divisão clínica.

Paralelamente à exposição sobre droga encontra-se exposto com carácter permanente material sobre criminalidade, integrando mapas, fotos, dispositivos de segurança, alarmes, fechaduras, um automóvel ilustrando formas de prevenir o roubo.

Assaltantes de residências detidos em Guimarães

A GNR de Guimarães anunciou ter detido em São João da Ponte cinco indivíduos autores de vários furtos em residências.

José Carlos Ferreira, Fernando Jorge, Adelino Esteves, Álvaro Rodrigues e Domingos Mendes confessaram-se autores de vários assaltos, sendo os três últimos acusados de recepta-ção dos objectos furtados, cujo valor ascende a centenas de contos.

Os indivíduos foram presentes ao tribunal de Guimarães, tendo quatro deles sido mandados aguardar julgamento sob prisão na cadeia local e outro libertado sob caução.

Todos os detidos possuem já cadastro criminal, tendo um deles cumprido prisão por tráfico de droga.

Engenheiro português preso no Brasil

O engenheiro português José Luís Marques Pereira Gil foi ontem preso pela Polícia Federal sob a acusação de ter defraudado em cinco mil dólares a empresa onde trabalhava.

Segundo o matutino «O Globo», o engenheiro português usou documentos falsos para vender um tractor, um moinho de água e várias peças.

O jornal sublinha que Pereira Gil já tinha prisão preventiva decretada em Lisboa em 1977 e que fugira para o Brasil a fim de não ser detido.

As autoridades portuguesas solicitaram então a sua extradição, mas José Luís Marques Pereira Gil começou a usar nomes falsos.

«O Globo» diz ainda que o cidadão português já casou três vezes no Brasil, uma em Brasília, outra em São Paulo e, finalmente, também no Rio Grande do Norte.

Só em Lisboa

Vinte prédios evacuados no ano passado

O Serviço Municipal de Protecção Civil evacuou em 1985 oitenta famílias e foi obrigado a intevir em vinte prédios de Lisboa que ameaçavam derrocada — disse o tenente-coronel José António de Almeida.

O comandante da Polícia Municipal de Lisboa, explicou que compete «ao Serviço Municipal de Protecção Civil a prevenção e protecção de pessoas e bens».

Das actividades a desenvolver pelos serviços no domínio da protecção civil salientou, designadamente, as operações de socorro e assistência, com especial relevo para as situações de catástrofe e calamidade pública.

«No campo da prevenção o serviço está a actuar junto dos centros comerciais, cinemas, boîtes e prédios degradados», acrescentou.

«A nossa acção não aparece só quando é necessário o socorro, fazemos uma prevenção que envolve as direcções dos serviços da Polícia Municipal e Protecção Civil», disse.

«Actuamos em prédios degradados, dinamizando acções tendentes a prevenir situações de desmoronamento e instalando provisoriamente os seus habitantes em centros de realojamento do município até à sua residência definitiva», acrescentou.

Criado em 1983, com a designação de Órgão Municipal de Protecção Civil, desde Novembro do ano passado passou a chamar-se Serviço Municipal de Protecção Civil, e nas últimas cheias interveio em articulação com a Caritas, Santa Casa da Misericórdia, serviços da câmara, Batalhão de Sapadores Bombeiros e direcções de saúde de transporte e de urbanização.

«Neste momento estamos a fazer um estudo no Estádio da Luz, um dos maiores do Mundo, que recebe dentro do seu recinto 120 mil espectadores, tentanto evitar situações de pânico» disse.

«Com a compreensão da direcção do Benfica verificámos que as saídas do estádio não são as mais apropriadas em termos de largura», salientou.

«A Direcção dos Serviços de Tráfego está a fazer um estudo detalhado sobre os acessos e portas do Estádio da Luz» disse.

O responsável pela Polícia Municipal referiu que no interior do estádio já foram tomadas medidas para as saídas de público e viaturas mas é necessário disciplinar ambas, considerando a experiência efectuada no último domingo como «excelente».

Também com a compreensão da direcção do Benfica ficou decidido que a Cruz Vermelha Portuguesa passará a ter acesso às instalações sanitárias do clube e campo de acção de trabalho de assistência a eventuais perigos.

Ficou também decidido que o campo número 2 do Benfica passará a servir de heliporto em caso de necessidade.

Outros estádios, nomeadamente o Estádio José Alvalade, «menos preocupante» segundo aquele responsável, serão em breve visitados pelos responsáveis da segurança.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

ESTIMADOS telespectadores, encontramo-nos na Fábrica Nacional de Cassetetes. Desde logo nos surpreendeu o clima de ordem e de harmonia que reina no interior da empresa. Isto é verdadeiramente consolador de verificar, a poucos dias de nos integrarmos na grande família da Europa Democrática.

Perguntámos ao sócio maioritário, o senhor Carlos da Moda, como se justificava tal facto. Ouçamo-lo:

– Nós aqui somos uma grande família que trabalha para o bem comum e de facto os lucros da Empresa aumentaram este ano em cerca de quarenta por cento. Existe aqui um bom relacionamento humano fundamental, como sabe, para o bom funcionamento das secções.

– Gostaria de ver este exemplo ser imitado?

– Francamente, não. Se lá fora todos se dessem bem, os cassetetes deixavam de ser necessários e lá ia a empresa à falência...

Lógico. Pus o mesmo problema ao engenheiro Canelóide:

– A paz social que reina no interior da Fábrica é o reflexo da paz interior que reina no interior de cada pessoa.

– Quanto aos salários?
– Num país onde as coisas são o que podem ser, os salários são, como não podia deixar de ser, aquilo que realmente são. Até agora os trabalhadores têm-se mostrado compreensivos e, como não podia deixar de ser, a paz social é aquilo que é.

Perguntámos ao chefe do pessoal, sr. Trancoso, quais, no seu entender, as razões de tamanha paz social:

– Antes de mais nada, muito obrigado à televisão portuguesa por me dar esta oportunidade e daqui mando um beijo à minha mulher e às minhas filhas que me estão a ver neste momento.

– Quanto à paz social...

– Formidável. Aqui todos se portam na linhaça. Os patrões tratam toda a gente como família.

Não apresentamos depoimentos dos trabalhadores, pois todos se recusaram alegando receio de represálias. Mas é inegável, porém, o clima de paz social que se vive na Fábrica Nacional de Cassetetes, uma indústria em franca expansão.

Estava na Sé de Lisboa

Túmulo do séc. XIV vai ser exposto

O túmulo de um cavaleiro do século XIV, descoberto o ano passado durante os trabalhos de restauro da Sé de Lisboa, vai ser em breve exposto ao público. Justino de Almeida, vice-presidente do Instituto Português do Património Cultural, foi quem procedeu, acompanhado da sua assistente, Isabel Migueis, à limpeza e leitura epigráfica do túmulo descoberto em Maio de 1985.

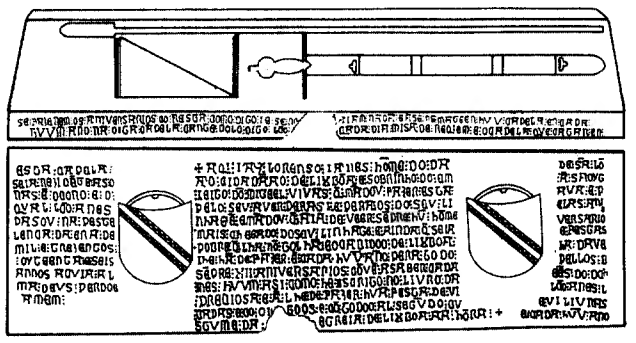
O monumento, segundo Justino de Almeida, «talvez o mais belo exemplar de escultura sepulcral» existente na Sé, «tem o maior interesse histórico, artístico e linguístico» e está a ser estudado por uma equipa de professores e estudantes universitários.

O sepulcro foi encontrado durante obras de restauro da capela de S. Lourenço, num dos claustros da Sé até agora encerrados ao público, quando os técnicos levantavam o chão em madeira.

Primeiramente, foi encontrada a tampa do túmulo e só depois descoberta a arca que continha ainda os ossos, um bocado de tecido e duas moedas (cetis) do tempo de D. Afonso IV.

Trata-se de um túmulo do cavaleiro Lourenço Eanes, donde vem o nome da capela, que tinha sido colocado a grande profundidade do soalho pela irmandade de S. Lourenço, no século XVII, já no período filipino, quando a capela foi restaurada dos danos do terramoto de 1531.

As ossadas, que segundo o professor Justino de Almeida, não terão sido devidamente cuidadas quando da recente descoberta, encontram-se ainda na



Sé, e o tecido foi mandado analisar no laboratório do Museu Arqueológico.

O túmulo, que apresenta uma fractura a meio, muito antiga, indício de ter sido profanado, possui gravada a espada, a lança e nesta a flâmula de um cavaleiro.

Em caracteres góticos, há uma inscrição de um texto em que se lê: «Lourenço Eanes, cidadão de Lisboa e sobrinho de D. Miguel Vivas (pensa-se que este era uma pessoa importante e que terá participado no julgamento de D. Inês de Castro), mandou fazer a capela para si e os da sua linhagem (...) havendo de manter-se um capelão que cante pelo dito Lourenço cada dia missa de requiem.»

Lourenço Eanes, morreu da peste negra de 1348.

Em Braga

Presos quatro espanhóis suspeitos de homicídio

Quatro indivíduos de nacionalidade espanhola foram detidos sob suspeita de autoria de um crime de homicídio — revelou a Polícia Judiciária de Braga.

Segundo a inspecção da Polícia Judiciária, os detidos são presumíveis autores do crime de homicídio de que foi vítima um agricultor de 70 anos, abatido a tiro de pistola de calibre proibido, num lugar ermo de Maceira, freguesia de Formariz, concelho de Paredes de Coura, em Setembro último.

Os indivíduos fazem parte de um outro processo, de crimes de assaltos a residências em várias comarcas, entre as quais Viana do Castelo, Paredes de Coura, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Vila Pouca de Aguiar, Vila Real e Peso da Régua.

Foram identificados ainda como autores de assaltos a uma dezena de igrejas no Alto Minho, de que se destacam as igrejas de Miranda, no concelho de Arcos de Valdevez, de S. Martinho de Coura, no concelho de Paredes de Coura, e do Senhor do Socorro, no concelho de Ponte de Lima.

Excesso de velocidade mata nos Açores

O excesso de velocidade foi a causa de trinta e dois por cento dos acidentes de viação ocorridos em 1985 nas ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge — anunciou o comando da PSP de Angra do Heroísmo.

Segundo um relatório policial, para além do excesso de velocidade, 25 por cento dos acidentes ocorridos nas estradas das três ilhas do grupo central açoriano deveram-se a manobras perigosas por parte dos condutores e 8,4 por cento a efeitos de álcool.

A Polícia de Segurança Pública está preocupada com o «aumento em flecha» dos acidentes provocados por embriagués dos condudores e, segundo o relatório policial divulgado em Angra do Heroísmo, lançou uma campanha de sensibilização dos automobilistas para os riscos do álcool.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

SALÁRIOS EM ATRASO

Medidas de Apoio segundo a nova Legislação

— **Aplicam-se:**
aos trabalhadores a quem a retribuição devida esteja vencida e não paga há mais de 30 dias, e tenham pedido a **rescisão** unilateral ou a **suspensão** do contrato de trabalho.

— **OS TRABALHADORES COM SALÁRIOS EM ATRASO**
podem requerer ao CENTRO REGIONAL DE SEGURANÇA SOCIAL, através do CENTRO DE EMPREGO da área da sua residência, a equiparação a desempregados involuntários.

— Assim, **os trabalhadores com salários em atraso,** podem então:

a) no caso de terem optado pela **rescisão** unilateral, requerer o pagamento da

INDEMNIZAÇÃO devida até ao limite de 6 meses de retribuição, no caso de se comprovar a impossibilidade de a empresa a pagar

e do

SUBSÍDIO DE DESEMPREGO ou subsídio social de desemprego, nos termos da legislação em vigor

b) quando optarem pela simples **suspensão** do contrato de trabalho, requerer o pagamento do **SUBSÍDIO DE DESEMPREGO** durante 6 meses.

INFORME-SE NO SEU CENTRO DE EMPREGO

os Pontos de Vista

de Bernardo Guedes da Silva

Portugal não é apenas uma Nação europeia e tende, cada vez mais, a sê-lo cada vez menos.

Na sua publicação mensal «Os Pontos de Vista», Bernardo Guedes da Silva, uma voz corajosa e descomprometida, aborda e analisa os pontos mais candentes da actual situação política nacional.

Se quer conhecer «Os Pontos de Vista de Bernardo Guedes da Silva», silenciados, habitualmente, pela Comunicação Social, Você pode, agora, fazer a sua assinatura.

Carta a Sua Excelência o Presidente da República

Excelentíssimo Senhor
General António Ramalho Eanes
Presidente da República Portuguesa

Senhor Presidente:

Perdoe-me Vossa Excelência o tempo que vou subtrair aos seus inúmeros afazeres com a leitura desta carta que, embora reduzida, é necessária e, sobretudo, a minha consciência me impõe que lhe dirija. Ao fazê-lo, tento, Deus me permita o consiga, ser fiel à amizade e estima que Vossa Excelência desde o princípio dos seus dois mandatos me inspirou, sobretudo, no que, ao relacionamento de Portugal com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, respeitava.

Também, por que não afirmá-lo agora e aqui, a consideração que Vossa Excelência me dispensou em momentos difíceis e dolorosos da minha vida profissional, quando tantos e foram muitos me deixaram cair, mais por omissões do que por afirmações e aonde, em Vossa Excelência, encontrei sempre um apoio que Vossa Excelência perante mim sempre recatou e eu, pela minha parte, nunca solicitei.

A política africana que Vossa Excelência foi capaz de tão bem quase parecendo a voz Portugal ticou. Em termos de um passado recente tudo certo, tudo bem.

Lembro-me de uma noite, na residência do Senhor Presidente, em Belém, no regresso de uma viagem ao Japão, lhe ter afirmado a minha mágoa relativamente à qualidade moral de algumas pessoas que se apropriaram da "ideia" do "Partido do Presidente", na perspectiva de uma minha possível adesão. Lembro-me da resposta de Vossa Excelência e fiquei tranquilo. Eu tinha. Senhor Presidente, uma grande confiança em Vossa Excelência. No entanto, a data das eleições presidenciais aproximava-se e, a partir daí, uma certa mudança

BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar "Os Pontos de Vista de Bernardo Guedes da Silva".
(12 números = 600$00). Assinatura a enviar para:

Nome: _____

Endereço: _____ Código Postal _____

Enviar este cupão, ou fotocópia, acompanhado da importância respectiva (em dinheiro, cheque ou vale postal) para

"Os Pontos de Vista de Bernardo Guedes da Silva"
Rua Latino Coelho, 1, 12.º-Dto. — 1000 LISBOA

Publicação mensal. Director, Editor e Proprietário: B. P. Guedes da Silva. Impresso na Grafitécnica Rua José Duro, 24-A 1700 LISBOA
Preço por exemplar 100$00

D.L.

O custo total foi de 58 mil contos

Operação "mini-Tollans" cumprida com êxito

A operação iniciada em Agosto para retirar três navios afundados há mais de cinco anos em águas portuguesas foi agora concluída com êxito, soube a Anop na Direcção-Geral de Marinha.

Os trabalhos, adjudicados após concurso público a um grupo de três empresas portuguesas, Etermar, ITS e ETE, começaram pelo «Sierra» um navio baleeiro sabotado por ecologistas no porto de Lisboa a 6 de Fevereiro de 1980.

Este navio, de 683 toneladas, encontrava-se afundado no Tejo em frente da doca pesca e constituía um perigo para a navegação, embora assinalado por bóias luminosas. Cinco mergulhadores, apoiados por uma grua flutuante, demoraram dois meses a cortar o navio em pedaços, utilizando pequenas cargas explosivas e maçaricos.

Em fins de Setembro, a remoção do «Sierra» foi dada por concluída e a equipa de mergulhadores deslocou-se, então, ao porto de Leixões para pôr de novo a flutuar o cargueiro «Windward Trader», que se virou na doca número dois quando carregava madeira, e o navio «Sea Shepherd», pertencente ao movimento ecologista defensor das baleias. O «Sea Shepherd» tinha sido sabotado e afundado a 2 de Janeiro de 1980 no porto de Leixões, onde se encontrava arrestado à ordem do tribunal, depois de ter deliberadamente abalroado o «Sierra» ao largo da costa portuguesa.

O «Sea Shepherd», de 800 toneladas, foi trazido à superfície com o auxílio de quatro flutuadores cilíndricos, que deslocavam 120 toneladas cada, e ainda com a força de tracção de uma grua de 150 toneladas.

Mas primeiro foi necessário tapar todos os rombos e sugar com mangueiras as toneladas de lodo que se tinham acumulado ao longo dos anos no bojo do navio.

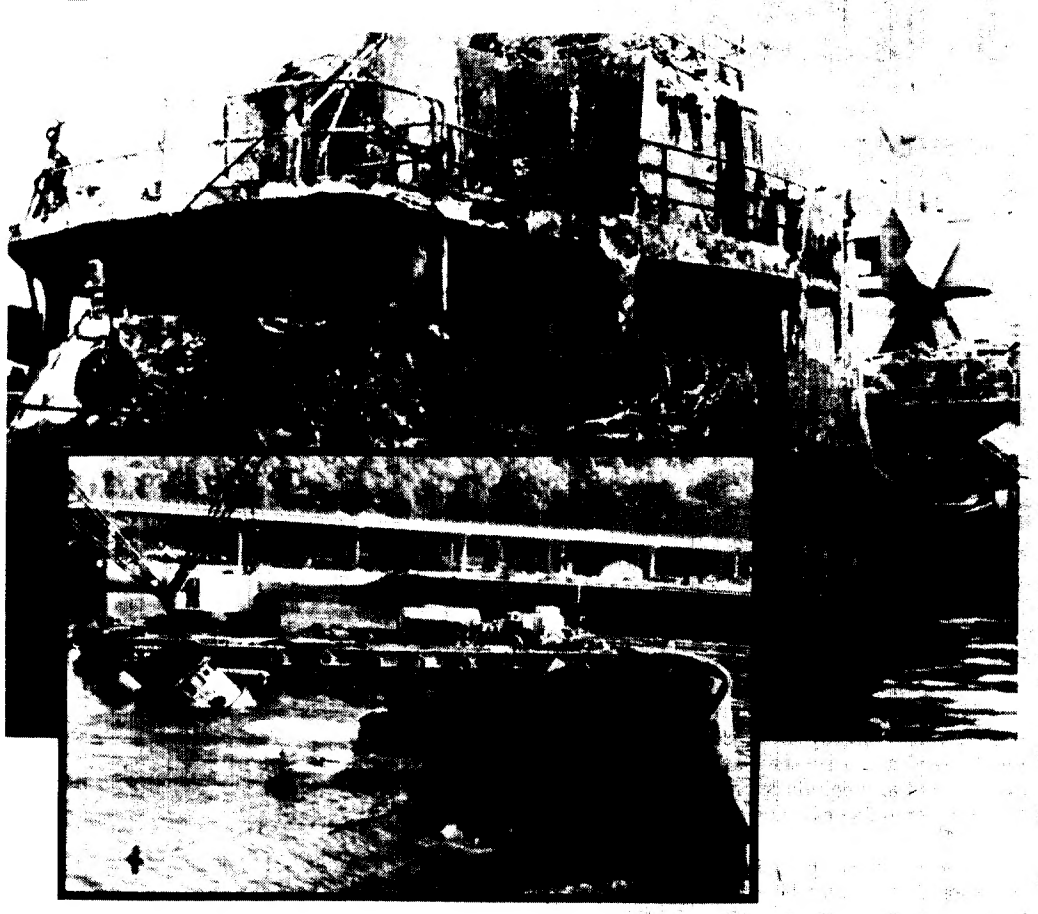
O «Windward Trader», que não fora alvo de qualquer sabotagem, encontrava-se praticamente intacto e a sua reflutuação foi mais fácil, até porque era o mais pequeno dos três navios afundados, deslocando apenas 300 toneladas.

Os trabalhos, que deviam ter terminado a 2 de Dezembro, prolongaram-se por mais algumas semanas devido a demoras causadas pelo mau tempo na deslocação da grua flutuante de Lisboa para Leixões.

Finalmente, os dois navios, postos a flutuar e em condições de serem rebocados, foram oficialmente recebidos pela Direcção-Geral de Marinha a 12 de Janeiro.

Os dois navios e o que resta do «Sierra» serão vendidos em hasta pública pela Direcção-Geral das Alfândegas, revertendo o produto da venda para os cofres do Estado, a título de indemnização pelos 58 000 contos que custou a remoção.

Uma parte dessa despesa foi ainda compensada pela indemnização de 15 000 contos paga ao Estado português pelo armador do petroleiro «Jakob Maersk», que em 1975 explodiu e encalhou entre Leixões e Matosinhos.



Portimão prepara-se para mostrar história no Museu Municipal

A dois passos do mar e no seio de uma fértil região agrícola, a actual cidade de Portimão foi crescendo desde tempos quase perdidos na memória das suas gentes, deixando como esperança múltiplos testemunhos vivos da passagem de várias culturas e povos.

Contar a história da cidade, com milénios de existência e situada no estuário do rio Arade, é a aposta do Museu Municipal de Portimão, um trabalho que se vem desenvolvendo há cerca de três anos e que finalmente em breve será mostrado ao público.

Sendo uma ideia que vem já dos anos cinquenta, o museu nasceu da tomada de consciência de um grupo de pessoas que actualmente faz parte da comissão instaladora, de que era «necessário e urgente conservar e divulgar esse património histórico, cultural e natural».

Apesar de o museu ainda não dispor de um espaço próprio, parte do trabalho da comissão instaladora, criada há três anos por deliberação da câmara local, vai ser brevemente mostrado ao público pela primeira vez através da exposição «memória industrial de Portimão: as fábricas de conservas».

A mostra terá lugar no antigo refeitório municipal da cidade, hoje transformado em sala de exposições temporárias e onde estão a ser feitas há já alguns meses, obras de adaptação a cargo da autarquia local, entidade promotora do projecto.

O museu em si será instalado futuramente no edifício onde hoje funciona o mercado municipal, um espaço considerado pelos seus responsáveis como «ideal».

Segundo José Gameiro, membro da comissão instaladora, o motivo desta escolha reside no facto de que o mercado «é um espaço que já faz parte do dia-a-dia das pessoas, um espaço que não lhes mete medo, além de simbolizar o espaço de troca comercial, a mesma troca que, no fundo, passará a vigorar depois de instalado o museu».

Grande parte dos achados arqueológicos do concelho de Portimão encontra-se espalhada por outros museus, como é o caso do de Lagos, Figueira da Foz e Lisboa, devido à falta de condições existentes na cidade para os guardar e conservar.

Entre as peças mais interessantes do espólio do museu municipal, recolhidas até agora, destaca-se uma âncora do século II a.C., oferecida por um particular e restos de um mosaico e de uma cisterna romanos, recentemente descobertos nos arredores da cidade.

Muitas das peças adquiridas pela comissão instaladora do museu ao longo dos seus três anos de existência, foram oferecidas precisamente por particulares ou empresas, nomeadamente um conjunto de máquinas e ferramentas dos primórdios da indústria conserveira ou um saco com cerca de 300 moedas romanas encontradas na praia da Rocha.

Um dos objectivos principais dos responsáveis pelo museu é «levar as pessoas a participar nele, para que o sintam como uma coisa sua».

Contudo, segundo afirmaram, nem sempre elas estão dispostas a ajudar. Daí que muitos vestígios do passado, tais como ruínas descobertas durante obras de construção, tenham sido destruídas ou ocultadas.

Para a comissão instaladora, isso deve-se ao facto de as pessoas «terem medo de perder os direitos sobre os seus terrenos, preferindo assim ficarem caladas».

Outro dos objectivos da comissão é, mais do que mostrar peças bonitas ou antigas, «intervir no meio cultural». «O museu não pode ser um espaço fechado, mero repositório de coisas velhas, tem antes de intervir no meio e, porque não, realçar actividades hoje esquecidas», sublinharam aqueles responsáveis.

Reconstruir os itinerários históricos do concelho, é igualmente outro dos propósitos da comissão instaladora do museu.

Desde a pré-história, testemunhada pela necrópole e pelo povoado de Alcala, as lagaretas romanas do vale da Arrancada, passando pelas marcas árabes de Alvor ou pela arquitectura religiosa e militar da era dos descobrimentos, nos séculos XV e XVI, há um grande percurso a percorrer.

Mas a viagem pode continuar através do testemunho de uma vida agrícola desaparecida, representada pelo morgado do Reguengo (novecentista), até chegar às primeiras décadas deste século, quando a indústria conserveira era a alma da então pequena cidade de Portimão.

Contudo, os projectos da comissão do museu não param aqui. Uma segunda exposição sobre a presença romana no concelho está já em preparação, enquanto prosseguem os trabalhos para a criação de um centro de documentação escrita e iconográfica da região.

O museu, aliás, não é encarado pelos seus responsáveis como um «fim em si» mas apenas como «ponto de partida para todo um trabalho futuro de contar a história de um concelho ao longo das gerações».

Alegando perseguição religiosa portugueses vão para o Canadá

O ano passado registou um substancial aumento de entradas de cidadãos portugueses no Canadá, tendo passado de 189 em 1984 para 1006.

Mas o mais significativo é que cerca de 75 por cento destes portugueses pediu para lhe ser aplicado o Estatuto de Refugiados, devido à alegada perseguição de que são alvo no seu país como Testemunhas de Jeová.

No entanto, os líderes das Testemunhas de Jeová no Canadá afirmam receber relatórios de missionários em Portugal que referem não existir qualquer tipo de perseguição religiosa no país ibérico.

Entidades governamentais acusam por seu lado agentes de viagens pouco escrupulosos de estar por detrás desta situação.

Segundo Craig Morrison, do departamento de imigração em Ontário, nos 1006 portugueses não estão incluídos aqueles que, passado algum tempo após a chegada ao Canadá requerem, nos postos de emigração, autorização para permanecer no país como refugiados religiosos.

Joseph Stern, presidente do comité canadiano para o estatuto de refugiado, considera que a maior parte destes casos constitui uma fraude e classifica a situação «como um assalto organizado ao sistema de emigração, perpetrado por agentes de viagens pouco escrupulosos».

Lucy Cardoso, ligada à emigração e ela própria de ascendência portuguesa, revelou que estes homens estão a fazer fortuna à custa de candidatos a emigrantes, a quem cobram uma média de 1.500 dólares canadianos.

Por outro lado, Michael Schelw, um advogado de Toronto representante da Amnistia Internacional no Canadá disse não ter conhecimento de qualquer perseguição religiosa ou política ou de detenções arbitrárias e casos de tortura em Portugal.

A Embaixada portuguesa em Otava disse à NP que o número de chegadas de portugueses ao Canadá está a decrescer depois de aumentar vertiginosamente nos últimos meses de 1985.

Esta diminuição é atribuída ao cuidado que as autoridades canadianas estão a colocar nos processos para a atribuição do estatuto de refugiados, principalmente se diz respeito a portugueses.

Esta situação está a preocupar a numerosa comunidade portuguesa que se vê assim envolvida num assunto pouco claro.

As comunidades portuguesas em Toronto e em Montreal foram das que registaram um maior crescimento nos últimos 15 anos.

Está-se, portanto, face a um processo fraudulento de pessoas que, conhecendo a habitual disponibilidade dos portugueses para emigrar, se aperceberam da maleabilidade da lei canadiana para situações de perseguição religiosa ou política.

Junto de meios da comunidade portuguesa começa a existir o receio que a actual situação de abertura venha a ser alterada pelas autoridades do Canadá.

Para a entrada de portugueses no Canadá não é necessário qualquer visto.

Motas só a pronto

Os motociclos e ciclomotores com uma cilindrada superior a 350 centímetros cúbicos só podem ser comprados a pronto pagamento — estabelece uma portaria hoje publicada.

Os motociclos e ciclomotores até 125 cm3 podem ser comprados em 24 prestações, com uma entrada de 15 por cento.

Quanto aos de 125 e até 350 cm3, podem ser pagos em 18 prestações, com uma entrada de 30 por cento.

Desemprego nos "Doze" sobe

O número de desempregados nos países da Comunidade Económica Europeia (CEE), com excepção de Portugal, Espanha e Grécia, era de 13 milhões em Dezembro de 1985.

Um porta-voz do Instituto Europeu de Estatística explicou sexta-feira que se a esse número se somar o número de desempregados em Portugal, Espanha e Grécia, relativos ao mesmo período, seriam então 16 milhões as pessoas sem emprego na Europa dos «Doze».

Funcionários públicos com salários em atraso

Os salários de Janeiro dos trabalhadores de alguns ministérios e representações diplomáticas de Portugal no estrangeiro ainda não foram pagos, informou ontem a Federação dos Sindicatos da Função Pública.

Em comunicado, a federação salienta que os salários daqueles trabalhadores são normalmente pagos entre os dias 20 e 25 de cada mês.

No documento afirma-se que o Governo «não só quer impor aumentos salariais de miséria de apenas 16 por cento aos trabalhadores da Função Pública, como também retarda o pagamento dos magros salários a que têm direito».

Entre os serviços cujos funcionários ainda não receberam os vencimentos de Janeiro encontram-se o Instituto Nacional de Estatística, a Direcção-Geral dos Serviços Centrais do Ministério da Agricultura, a Direcção-Geral da Indústria, o Gabinete de Estudos e Planeamento e a Direcção-Geral da Qualidade, do Ministério da Indústria e Comércio, bem como outros departamentos do Ministério das Obras Públicas, da Justiça e das Finanças.

Por outro lado, no que respeita aos Negócios Estrangeiros, verifica-se também um significativo atraso nos pagamentos dos trabalhadores dos consulados e representações diplomáticas de Portugal.

A situação assume uma gravidade a que o governo parece estar a ser indiferente, já que os salários são normalmente pagos a dias fixos do mês e a maioria dos funcionários assume compromissos — designadamente através da emissão de cheques com aquela data — que se vê agora na impossibilidade de honrar.

«Nada de especial»

A explicação para o sucedido ainda não foi dada oficialmente e os trabalhadores ignoram quando é que vão receber os seus ordenados. Segundo alguns responsáveis de serviços, a razão de ser do atraso residiria em problemas verificados a nível do tratamento informático dos vencimentos, mas um porta-voz do Ministério das Finanças disse ao «DL» que «não há nada de especial a assinalar e que os problemas pontuais que surgiram têm a ver apenas com questões de ordem burocrática».

Entretanto, no Ministério da Agricultura, o atraso dos ordenados do pessoal da Direcção Central dos Serviços Centrais parece relacionar-se igualmente com a recente substituição do director-geral por uma pessoa exterior aos quadros do Ministério.

Prevêem as Grandes Opções do Plano

Salários reais vão crescer 3% em 86

A retoma do investimento, o aumento do consumo privado e a desaceleração da inflação são os três grandes objectivos económicos do Governo para 1986, expressos no projecto das Grandes Opções do Plano para este ano.

O projecto, aprovado quinta-feira em Conselho de Ministros prevê um aumento real de cerca de 3,5 a 4 por cento no rendimento disponível dos particulares, uma evolução positiva dos salários reais de cerca de 30 por cento e um crescimento do consumo privado próximo também dos 3 por cento.

Para os próximos quatro anos, ressaltam como principais metas um crescimento anual do produto interno bruto da ordem dos 4 a 5 por cento, um défice da balança de transacções correntes entre 2,8 a 3,5 por cento do pib e um racio da dívida externa/PIB a baixar dos 77 por cento em 1985 para níveis próximos dos 60 por cento em 1989.

Para atingir estes objectivos, sublinha-se a necessidade de inverter a tendência depressiva do investimento que se verificou nos últimos 3 anos privilegiando, nomeadamente, o investimento em equipamento das empresas privadas e o aumento substancial do investimento do sector público administrativo em infra-estruturas.

A franca recuperação do investimento na habitação é outro dos objectivos do Governo, na sequência da baixa das taxas de juro e do custo do crédito, da actuação da nova lei do arrendamento urbano, da aprovação dos diplomas relativos a fundos de sociedades de investimento imobiliário e do aumento do rendimento real dos particulares.

A nível do comércio externo, as Grandes Opções do Plano prevêem uma alteração da evolução dos últimos anos, com uma desaceleração das exportações e um acréscimo significativo do volume de importações resultante do esforço de investimento previsto.

De acordo com o Governo, porém, a melhoria dos termos de troca que deverá ocorrer em 1986, assente num crescimento moderado dos preços de importação em consequência da previsível baixa dos preços do petróleo e das matérias-primas e do provável comportamento do dólar, deverá atenuar os efeitos daquela evolução sobre a balança de bens e serviços.

O facto, adicionado à moderação prevista na evolução da rubrica de rendimentos de capitais, permitirá, de acordo com o Governo, que o défice da balança de transacções correntes se stiue em cerca de 700 milhões de dólares, montante considerado «mais que razoável» tendo em conta o forte acréscimo previsto para o investimento.

Pedida a intervenção da Alta Autoridade

Euroaudio (200 trabalhadores) à beira da paralisação

Os trabalhadores da Euroáudio, empresa produtora de cassetes, com sede nas Caldas da Rainha, decidiram em plenário, realizado no dia 22, requerer a intervenção da Alta Autoridade contra a Corrupção na empresa.

Esta decisão baseia-se «**num processo de contornos muito nebulosos**» — como afirmam em comunicado — que levou à degradação da Euroráudio, à sua iminente paralisação e aos salários atrasados que totalizam um momento médio por trabalhador correspondente a dez ordenados.

A Euroáudio — ainda não pagou aos seus quase 200 trabalhadores o vencimento do mês de Dezembro e o subsídio de Natal: para trás ficaram também dez meses de salários.

Para justificar o não pagamento até agora, do vencimento de Dezembro e do subsídio, a administração disse aos trabalhadores e aos seus representantes sindicais, que o Banco Totta e Açores lhe não desbloqueia uma operação que poderá libertar fundos necessários para fazer face aos compromissos correntes da empresa.

Aquele banco tem créditos de mais de meio milhão de contos sobre a Euroáudio e exerce algum controlo sobre a gestão, nomeadamente nas operações de comércio externo, retendo parte do valor das transacções para ir amortizando os seus créditos sobre a empresa, e libertando, sob certas garantias, os meios financeiros necessários para fundo de maneio.

Para os pagamentos de Dezembro, a empresa abriu no banco uma operação para obtenção de fundo necessário para pagar os vencimentos e comprar matérias-primas. Segundo os trabalhadores e as suas organizações, aquela operação teve há cerca de duas semanas o aval dos responsáveis do banco, desde o GRES (Grupo de Riscos Especiais) até ao Conselho de Gestão. Este processo arrastou-se de 26 de Novembro de 1985 a pelo menos 10 de Janeiro de 1986, data em que, um responsável do Conselho de Gestão, autenticou o processo com a sua assinatura. Porém, após tudo isto, os responsáveis do banco fizeram voltar o processo à estaca zero, tendo solicitado à empresa a apresentação de documentos necessários à reanálise do processo.

A Euroáudio, por falta de matérias-primas, está neste momento quase totalmente paralisada, com evidentes prejuízos para a economia nacional, pois trata-se de uma empresa fortemente exportadora.

Como a própria administração afirmou aos sindicatos, em 1986, tem possibilidades de só da parte de dois clientes, obter encomendas no valor de 880 mil contos.

«Ter uma empresa destas parada, é um atentado à economia nacional e aos direitos dos trabalhadores — facto que, para estes, justifica também a intervenção da alta autoridade» — diz a União dos Sindicatos de Leiria em comentário enviado ao nosso jornal.

Sevinate Pinto demite-se no MAPA?

O director do Gabinete de Planeamento do Ministério da Agricultura, eng.º Sevinato Pinto, comunicou a alguns dos seus colaboradores que tenciona demitir-se daquele cargo, onde tem sido o «braço direito» de Álvaro Barreto.

De acordo com informações recolhidas pelo "DL", Sevinato Pinto ter-se-ia mostrado disposto a engrossar assim o movimento de contestação de que o ministro e a forma como ele está a conduzir a reestruturação orgânica do MAPA têm estado a ser alvo. O director do Gabinete de Planeamento, que é apontado como o próximo responsável do Secretariado dos Assuntos da CEE a criar no Ministério, constatou esta semana o desacordo dos chefes de divisão das chefias dos seus serviços, em relação à nova orgânica do MAPA, e ter-se-à comprometido a demitir-se do cargo, em apoio daquela posição.

CEE desbloqueou 5 milhões

O comissário português da CEE, Cardoso e Cunha, entregou ontem 5,4 milhões de contos ao Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, respeitantes à primeira participação financeira da Comunidade em projectos portugueses de desenvolvimento regional.

A comissão da CEE aprovou formalmente esta semana o compromisso relativamente à participação financeira da comunidade em 17 projectos de desenvolvimento regional em Portugal, no valor global de 242,6 milhões de ecus (34 milhões de contos).

O montante hoje entregue faz parte do compromisso global assumido pela Comunidade em relação a Portugal, estando previstos para Fevereiro os próximos créditos de pagamento do programa aprovado pela CEE.

Banco de Fomento em Espanha?

O Banco de Fomento apresentou ao Banco de Portugal um projecto com pedido de autorização para instalar uma sucursal em Espanha, anunciou ontem em Madrid o presidente do Banco de Fomento, João Salgueiro.

Para o presidente do Banco de Fomento e ex-ministro da economia, «se não se pode dizer que seja imprescindível, pelo menos é necessária e útil a instalação recíproca de bancos dos dois países, como instrumentos financeiros derivados do processo de adesão simultânea à CEE».

O Banco de Portugal, que costuma pronunciar-se, no princípio do ano, sobre este tipo de projectos dos bancos portugueses, ainda não tomou posição, informou João Salgueiro.

Dois bancos espanhóis aprsentaram no ano passado pedidos para se instalarem em Portugal, mas, apesar dos projectos terem sido aprovados pelo Banco de Portugal, o Governo não os autorizou.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

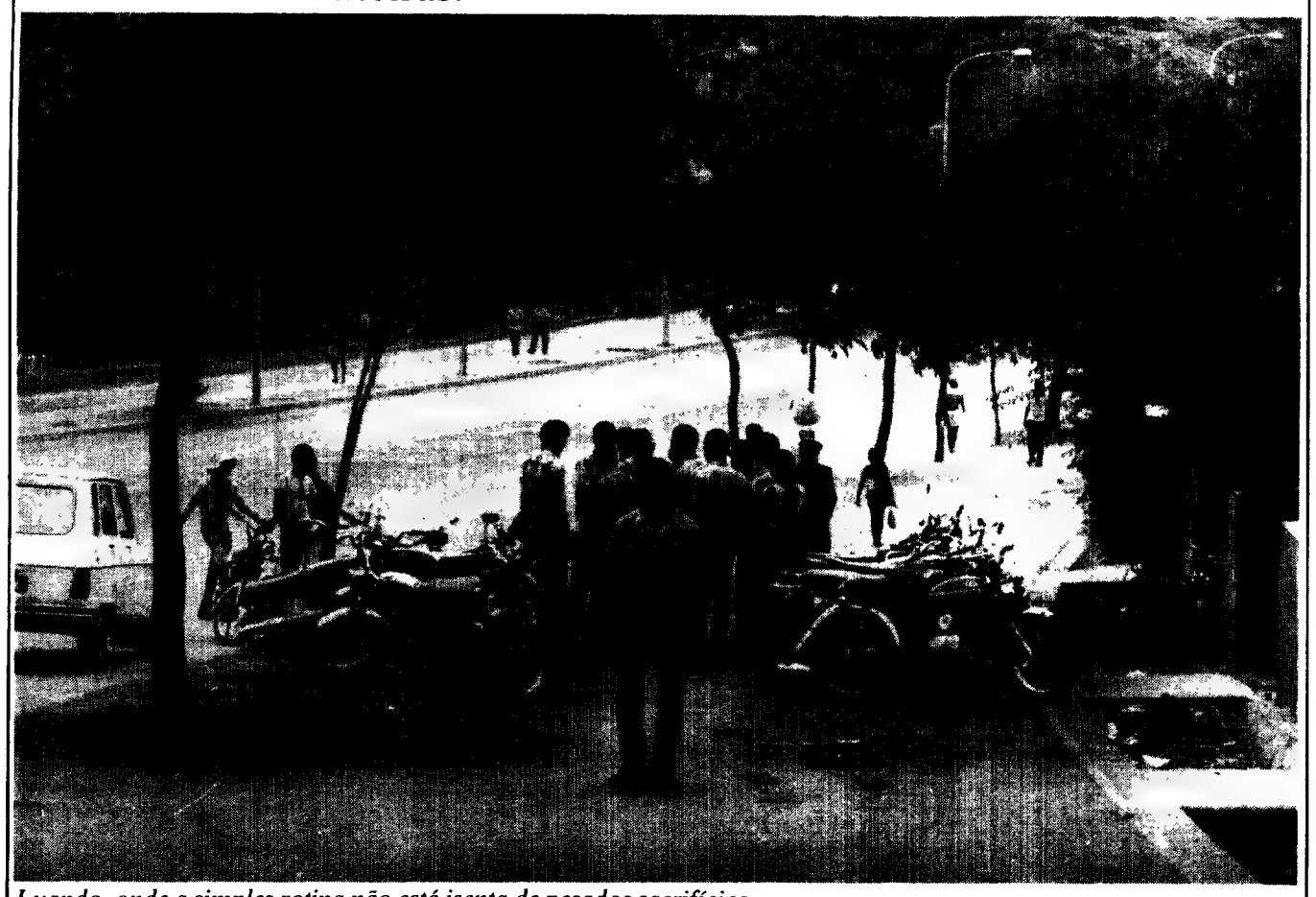
COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	56$10	62$10
ALEMANHA FED (marco)	64$10	65$30
ÁUSTRIA (xelim)	9$05	9$25
BÉLGICA (franco)	2$974	3$174
BRASIL (cruzeiro)	$007	$017
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	111$70	114$20
(notas de 5 a 1000)	112$20	114$70
DINAMARCA (coroa)	17$40	17$80
ESPANHA (peseta)	$992	1$112
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	157$10	160$60
(notas de 5 a 1000)	157$60	161$10
FINLÂNDIA (marka)	28$75	29$35
FRANÇA (franco)	20$90	21$60
HOLANDA (florim)	56$85	57$95
IRLANDA (libra)	195$30	199$30
ITÁLIA (lira)	$086	$096
JAPÃO (iene)	$752	$787
NORUEGA (coroa)	20$65	21$15
REINO UNIDO (libra)	217$40	221$90
SUÉCIA (coroa)	20$55	21$05
SUÍÇA (franco)	75$65	77$15
VENEZUELA (bolívar)	8$60	9$60

Observações:

1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Dez anos depois da independência, Angola não escapa às deficiências comuns aos países do Terceiro Mundo, agravadas, no seu caso, por uma situação de guerra prolongada, que lhe foi imposta de fora das suas fronteiras.



Luanda, onde a simples rotina não está isenta de pesados sacrifícios

Viver em Angola, hoje

Jorge Heitor

Serviço Anop/«DL»

Viver em Angola, hoje em dia, é difícil, dada a situação de guerra que o país atravessava e devido a muitas das características comuns ao Terceiro Mundo.

Estradas intransitáveis ou inseguras devido às agressões e aos actos de sabotagem, algumas cidades sem luz ou água, dificuldades de abastecimento . . . estes alguns dos problemas da vida num vasto país africano, potencialmente rico.

Uma capital cuja população teria duplicado nos últimos 12 anos, uma economia com diversas deficiências e uma potência regional a violar frequentemente as fronteiras, são fenómenos que transformam numa aventura viver actualmente em Angola, território muito mais vasto do que a Península Ibérica (mas com menos de dez milhões de habitantes).

Há já quase 25 anos, a completar agora no dia 4 de Fevereiro, que os angolanos não sabem o que é viver em paz, com a mesma tranquilidade possível, por exemplo, na França ou na Bélgica.

Primeiro, foi a luta pela libertação nacional e depois, uma vez proclamada a independência, em 11 de Novembro de 1975, a luta pela construção de uma sociedade de tipo socialista e a defesa do território contra as agressões sul-africanas.

Há 12 anos ainda, uma família de Luanda metia-se no carro, sexta-feira ao fim da tarde, e ia passar o fim-de-semana nas províncias do Sul, conduzindo 12 horas para baixo e outras tantas para cima. Mas hoje em dia é quase impossível circular nas estradas de Angola.

As incursões sul-africanas e a actividade da Unita, tornam a vida muito complicada em Angola, onde — como em muitos outros países de África — também há a contar com grande falta de quadros e com as peculiaridades de uma sociedade onde a maioria da população não sabe ler.

É certo que houve, a partir da proclamação da independência, alguns avanços na luta contra o analfabetismo e contra a doença. Mas, mesmo assim, os adultos analfabetos são hoje em dia bem mais de 50 por cento e os níveis de vacinação mantém-se abaixo do desejável.

Aliás, uma coisa é a vida em Luanda, e numa ou noutra capital de província, e outra a vida no campo, nessa generalidade do território onde se encontra a maioria da população.

Luanda, com cerca de um sexto da população total deste jovem país macrocéfalo, constitui um caso à parte, com muitos habitantes recorrendo ao contacto com o estrangeiro para aliviar as carências locais.

Parte razoável dos luandenses vai de dois em dois anos passar as férias em Portugal e/ou Brasil, de onde traz tudo aquilo de que necessita para vestir e ainda alguns bens transacionáveis.

Por outro lado, alguns luandenses que trabalham para companhias estrangeiras, recebem parte do salário em cupões que dão acesso à loja franca, destinada a diplomatas e cooperantes.

Nessa loja, agora a funcionar nas instalações de um antigo supermercado, podem-se comprar garrafas de vinho ou de «whisky», caixas de cerveja, batatas ou «pizzas» congeladas, enfim, uma variedade de produtos que não existe normalmente no mercado.

Quanto à maioria da população, só possuidora de moeda nacional, o kwanza, tem de se abastecer por um sistema de quotas (contingente semanal), numa loja certa, perto de casa. A menos que recorra ao mercado negro, a candonga, onde os produtos atingem preços elevadíssimos.

Nos espaços suburbanos, onde está estabelecido o mercado negro, uma simples lata de cerveja importada chega a ser vendida por 1500 kwanzas (o que, ao câmbio oficial, significa mais de 7500 escudos ou cerca de 50 dólares) e uma garrafa de «whisky» por 15 000 kwanzas.

Estas são algumas das características da vida numa sociedade do Terceiro Mundo, conjunto de países que ficou muito para trás do nível de desenvolvimento que ao longo do século XX tem sido atingido no Hemisfério Norte.

É verdade que hoje em dia a população de Luanda (como a de Maputo ou Bissau) anda decentemente vestida e toda ela calçada, o que não acontecia há 25 anos, quando foi desencadeada a luta armada de libertação nacional. Mas muita coisa há ainda a fazer nos jovens Estados africanos para que se colmate o grande desnível que os separa da generalidade dos países europeus.

Angola tem recursos, mas falta-lhe a oportunidade de os poder aproveitar da melhor maneira possível. A paz, a alfabetização intensiva e a formação profissional acelerada apresentam-se como objectivos para que este e tantos outros Estados de África saiam do clima de subdesenvolvimento em que actualmente ainda vivem.

De imediato, a República Popular de Angola vai pôr um certo travão na grande sangria de divisas que tem vindo a sofrer com o pagamento a muitos milhares de estrangeiros, de várias nacionalidades, que aqui trabalham e que nem sempre são considerados muito úteis para o desenvolvimento do país.

Nos próximos dias, a Assembleia do Povo deverá aprovar legislação no sentido de diminuir as transferências de divisas possibilitadas aos estrangeiros e dar aos quadros angolanos mais incentivos para que jamais pensem na hipótese de ir trabalhar para outro lado.

Rebeldes ocuparam capital do Uganda

As forças rebeldes do Exército Nacional de Resistência (ENR) encontram-se desde ontem em Campala, tendo conquistado o controlo de uma série de pontos estratégicos da capital, ugandesa noticiou ontem a BBC. Fontes diplomáticas em Campala disseram, entretanto, que as tropas governamentais comandadas pelo general Bazilio Okella estão a fragmentar-se e muitos soldados desertaram, passando a integrar unidades das forças opositoras.

«O governo está à beira do colapso e deverá cair proximamente, talvez ainda esta noite», disse uma fonte diplomática de Campala, que assegurou ainda que as tropas governamentais estão encurraladas em alguns pontos da cidade e enfrentam uma forte ofensiva das tropas do ENR. Testemunhas disseram, por seu lado, que soldados governamentais disparam sobre civis e fazem saques na pior vaga de violência desde que há cinco semanas as duas partes em confronto assinaram um acordo de paz.

Desconhece-se, entretanto, se o presidente do Uganda, Tito Okello, ainda se encontra no país, mas rumores insistentes dão como certo que ele já o abandonou. Também incógnito continua o paradeiro do líder do ENR, Yoweri Museveni, antigo ministro ugandês da Defesa, que foi um dos signatários do acordo celebrado há cinco semanas como o regime de Okello para a partilha do poder no Uganda, o qual previa a dissolução da estrutura actual das Forças Armadas ugandesas.

O general Tito Okello tomou o poder a 21 de Julho de 1985, através de um golpe de Estado que derrubou o então presidente do Uganda, Milton Obote, tendo iniciado imediatamente conversações com a oposição política e armada. As conversações culminaram na assinatura de um acordo entre as autoridades e o ENR, mas acusações mútuas de desrespeito do acordo vieram trazer de novo o nome do Uganda para o primeiro plano internacional.

Facção radical proclama Al-Attas presidente do Iemen do Sul

O actual primeiro-ministro da República Democrática Popular do Iémen, Haider Al-Attas, foi ontem proclamado presidente provisório do país. A notícia foi dada pela Rádio Aden que citava um comunicado do Comité Central do Partido Socialista do Iémen, segundo o qual o ex-líder do país, Ali Nasser Mohamed, teria sido demitido, aguardando agora julgamento. A rádio informa também que praticamente todos os membros da cúpula do Partido Socialista do Iémen foram eliminados.

Não há, contudo, qualquer referência ao paradeiro do ex-presidente Abdul Fattah Ismail, líder da ala extremista do partido e um dos cabecilhas do recente golpe de estado contra Nasser Mohamed.

Nos primeiros dias do confronto entre as duas facções do partido, os rebeldes acusaram o então chefe de Estado de tentar matá-los e instaurar no país uma ditadura pessoal. Com efeito, o presidente Mohamed anunciara recentemente ter ordenado a execução sumária de Abdul Fattah Ismail, acusando-o de conspiração. Outras fontes referem, contudo, a possibilidade deste se encontrar gravemente ferido e em Moscovo.

Líbia responde com alerta total a exercícios norte-americanos

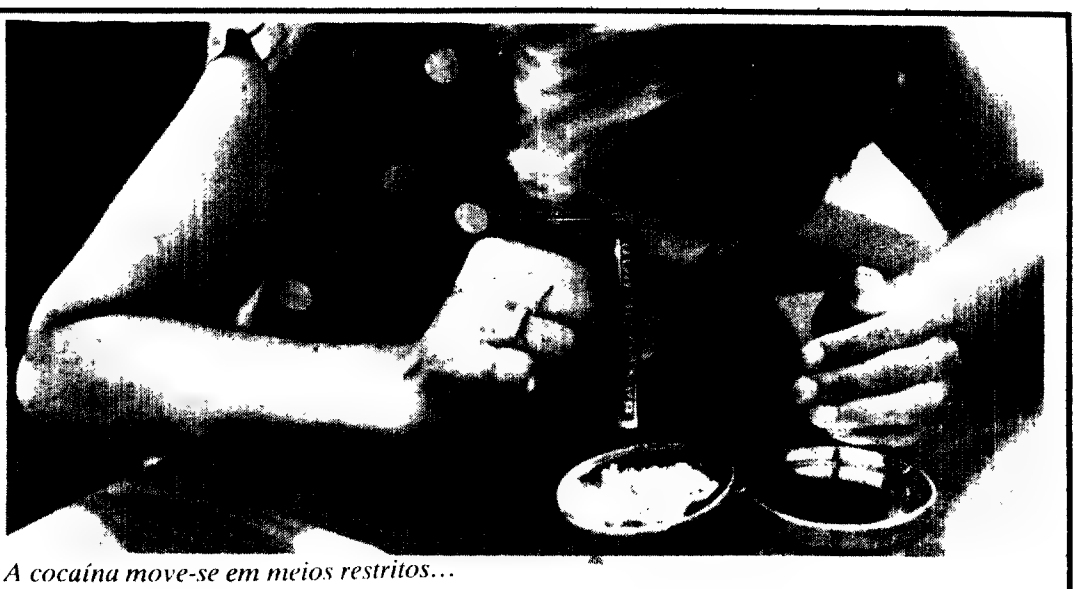
O dirigente líbio Muhamar Khadafy anunciou ontem que a Força Aérea e a Marinha líbia se encontram em «estado de alerta total» face às manobras navais dos Estados Unidos em frente da costa líbia. Khadafy, que falava a jornalistas ocidentais, em Tripoli, qualificou as manobras uma «provocação agressiva» por parte do presidente norte-americano, acrescentando que enviou aviões de combate ao golfo de Sirta para «defender as águas territoriais líbias».

Durante o dia de ontem, jactos norte-americanos e líbios andaram frente a frente no primeiro dia de exercícios navais de unidades dos Estados Unidos na costa do Norte de África, mas não se registaram confrontos. Segundo um responsável da Administração Reagan, aviões de guerra dos Estados Unidos e da Líbia estabeleceram contacto visual uns com os outros. O mesmo responsável, que pediu para não ser identificado, precisou que um grupo de quatro caças líbios tinha voado para o Norte do Mediterrâneo aparentemente para observar as unidades norte-americanas.

Mas quando os caça norte-americanos se aproximaram deles a curta distância os aviões líbios afastaram-se e regressaram à Líbia sem qualquer movimento ameaçador. Os porta-aviões «Coral Sea» e «Saratoga» vão continuar o seu programa de operações militares perto da costa líbia durante todo o fim-de-semana como estava previsto, informaram fontes norte-americanas.

Entretanto, o jornal alemão-federal «Bild» comentava ontem que a Alemanha Federal está a enviar secretamente armas para Tripoli através da Grécia. Segundo o jornal, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da RFA recebeu informações confidenciais de fontes diplomáticas de que Khadafy obteve 30 armas anti-aéreas de fabrico alemão. «Estas armas permitirão à Líboa abater qualquer avião da NATO ou de Israel em operação no Mediterrâneo», afirma o jornal. Segundo o «Bild», o Ministério alemão-federal da Defesa não tem conhecimento oficial do facto.

DROGAS DE ORDEM VÁRIA...



A cocaína move-se em meios restritos...

Um «stock» de heroína, liamba e haxixe apreendido pela PJ...

Cannabis já florida...

O preço do risco

Lurdes Féria

Ninguém sabe ao certo os números porque as estatísticas, entre nós, nem são actualizadas nem convincentes. Sem nos fiarmos no que indicam haverá cem mil, cento e vinte mil? Referem-se, apenas, aos dependentes das drogas que a sociedade considera ilícitas ou malditas sem que as outras — as domésticas, do quotidiano, já institucionalizadas — constem das estimativas. Quantos não abusam do álcool, do café, dos tranquilizantes, do dopping, e até da inofensiva (?) Aspirina, a boa, da Bayer Segundo um psiquiatra mais de metade da população portuguesa toma ansiolíticos, a via para o alívio das tensões, a maneira de aguentar os embates e as crispações.

Obviamente: quem lucra são as empresas de produtos farmacêuticos, cada vez mais prósperas e imaginativas na invenção desta química «mágica» que também abate os que nela se enredam. O **Valium** pode ajudar os homens de negócios com úlceras a dormir, as mulheres sexualmente frustradas a controlar os seus impulsos ou os políticos, sem escrúpulos, a aplacar as suas consciências; o álcool pode afogar muitas mágoas, contribuir para que um obscuro funcionário ganhe coragem para dizer no emprego ao chefe, cara a cara, umas tantas verdades.

Ora, o que é isso comparado com a heroína? Perguntam os leitores. Claro já lá vamos. Primeiro, o ritual que se cumpre com o achar da veia, a batida no braço, a seringa a penetrar e, depois, o **flash**, esse intenso prazer orgástico. Garantem os entendidos que a seringa é o intermediário entre o **junkie** e a sua amante, com o nome de heroína. Consiste num acto perfeitamente onanista, solitário, de um para um. Colar o rótulo de chique à heroína não faz sentido visto que ela se infiltrou, sorrateiramente, em todas as classes sociais. Tanto lida com os cristais, os diamantes, os veludos como com a sordidez dos bairros miseráveis de Nova Iorque, Milão, Paris ou Lisboa. A cocaína, sim, movimenta-se em círculos restritos, de elites, tem adeptos entre os políticos, jornalistas, vedetas da música, etc e tal.

Heroína, detentora do título de **rainha negra**, representa a atracção pelo abismo, o beco de onde raramente se sai. O heroinómano, por ela, despoja-se de tudo: vende o carro, os livros, a casa, as pratas, a mãe, se o patamar social em que está for alto; assalta, rouba e mata se viver de uma zona suburbana, revoltada, e sem o privilégio, sequer, de perceber o conceito de moral. E nos **gethos**, onde actualmente mais se implantou, após a fase do **Mandrax** com cerveja. A motivação que empurra a juventude para este túnel, de acordo com os psicólogos e sociólogos, tem a ver com a crise da família e da escola e a falta de perspectivas para o futuro. Todavia, há nesta explicação, algo que falha. Inclino-me mais para a ausência de um denominador comum, pois encontram-se heroinómanos nas classes altas, baixas, e mesmo na tranquila classe média, nas famílias progressistas e nas de direita, nas autoritárias e nas permissivas; nas pequenas povoações da província e nos grandes centros urbanos.

Porquê? Sem resposta. «Encontrei um «dealer» no comboio para o Porto, das onze da noite, que tinha montes de gente à espera... Em Campanhã, em Gaia, no café, à porta de casa. Resolveu, então sair em Espinho, para não o incomodarem. Um autêntico romance de aventuras a vida desta malta das drogas. Acho imensa piada aos das poses, estilitas e modelos, que tomam quinze ou vinte anfetaminas diárias. É uma geração esquisita com montes de projectos que nunca se realizam» (Um músico do Porto).

Incontrolável

Toxicomania ajusta-se a uma situação que implica a restrição da liberdade, havendo contudo a tese de que o corpo é nosso, podemos dispor dele como quisermos. Inclusivamente, li num jornal espanhol declarações de um heroinómano basco que chamava fascistas aos militantes da ETA por estes criticarem duramente os dependentes. Não duvido que os fanatismos ideológicos fabriquem espíritos conservadores e persecutórios, mas até que ponto um certo conceito de liberdade não colide com a liberdade dos outros? É apenas uma interrogação — de facto não simpatizo com juízes e muito menos com os que se armam em polícias dos outros.

«Aos dezoito anos fumava somente erva, sentia mesmo uma certa repugnância pelas drogas duras. Uma pessoa julga-se imunizada e um belo dia acontece... Por curiosidade, ou para reparar uma sensação de perda experimentei». Gabriela, 26 anos, envolve-se emocionalmente com um sujeito que metia heroína nas veias, gostava dele e para melhor o perceber, resolveu mergulhar no seu mundo. Ia lá ficando, só conseguindo libertar-se depois de muitas peripécias (clínicas, tentativas de suicídio, fugas, desânimos), com ajuda da família e dos amigos.

Contudo, há viagens sem regresso, **luas-de-mel** que terminam em tragédia. Basta um erro na dose ou, no completo descontrolo, achar que pôr termo à vida é a única maneira de vencer a escravidão.

Passando o limiar das verdadeiras drogas, já não há leões soberbos nem de grandes cabeças, somente organismos desamparados na busca angustiada do produto que lhes permitirá sobreviver hoje, e os levará amanhã a uma decadência inevitável e, ulteriormente, à morte.

Palavras de Gerad Borg, autor de um livro vivencial, com experiências terrivelmente duras, num tempo em que os «hippies» procuravam as rotas do Oriente.

Este psicólogo francês, homem de muitas leituras, assistiu (e participou) ao movimento de êxodo da juventude dos países desenvolvidos. Centenas de milhares de jovens, com itinerário traçado, abandonam a segurança, o conforto, a família. Era a época dos **sixties** em alguns aspectos gloriosa. Não confundir a filosofia subjacente ao movimento **hippie**, os ideais, a generosidade que os animava, com qualquer toxicomania. **A nova geração digam o que disserem, não se alimenta ainda de heroína, mas o processo é já incontrolável**, afirma Gerard Borg. De resto, nas diversas paragens do seu percurso, verificou que os **hippies** viviam separados dos **junkies** (viciados na heroína) e que manifestavam um comportamento muito diferente, pautado por certas normas.

Istambul: ponto obrigatório, uma espécie de etapa de aclimatação ao ambiente de exotismo com que a seguir se deparava. Entre Maio e Agosto, os simpáticos hotéis na área da praça **Sultan Ahmed** esgotavam os quartos, e nos restaurantes sobretudo no **Pudding Shop,** (sítio que qualquer manual **hippie** aconselhava), notava-se a presença de jovens loiros, cabelos compridos, vestidos com trajes coloridos e uma profusão de adornos a reforçar o visual indianizado em moda. Demoravam-se uns dias, depois seguiam viagem por Teerão, Cabul, Karachi e, por fim, a **Índia, um Santo Graal da busca hippie.** Uns chegavam ao destino sem impedimentos, nem cortes no trajecto, outros porém confrontavam-se com perigos terríveis, não escapando aos roubos, violações e à morte, por vezes, como o caso dos dois franceses degolados, em território iraniano, por salteadores afegãos.

Rolando, 38 anos, português, viveu uma experiência enriquecedora.

Não parti para a Índia atrás da droga... somente porque gostava de conhecer uma civilização diferente. Claro que lá se toma contacto com a droga, apesar da repressão governamental, imposta pelos Estados Unidos. Reuniamo-nos nos «campus», onde o pessoal europeu fumava erva, íamos a casa de um indiano ouvir mú-

Continuação da pág 14

DROGA

Camponesa vende coca num mercado ao ar livre em La Paz, Boli

sica enquanto passávamos o charro, atravessávamos um rio e o barqueiro partilhava, connosco, o seu cachimbo... Foi no Turist Camping de Delki, que me apercebi do consumo de coisas mais fortes. Alemães, holandeses... malta nórdica, usam drogas muito pesadas. Conheci um alemão que estava, constantemente, a fumar haxixe misturado com tabaco, e um pouco de heroína ou morfina. Ainda me ofereceu uma passa mas eu... Deus me livre, detestei. Aliás, também experimentei o ópio, tanto fumado como comido, sobretudo quando fazia grandes viagens de comboio, ia distraído a pensar e a viagem passava-se rapidamente ou dava-me para dormir... muito porreiro.

Paranóia

Rolando declara-se não dependente de nenhuma droga, a não ser do tabaco. Pertence à geração de fumadores ocasionais do **haxixe** ou da erva, é músico e retira prazer dos derivados da **cannabis** em momentos concretos. Viajou até à Índia, já em finais dos anos setenta, com o movimento **hippie** destroçado. Insidiosamente a heroína, **the horse,** destrona substâncias inofensivas, se tomadas com cuidado. Na década anterior os **junkies,** ainda minoritários, normalmente não iam mais longe que Istambul, detinham-se nas espeluncas miseráveis que nenhum guia turístico mencionava, género **Gul Hane,** assinalado pelos **hippies,** verdadeiros, com uma cruz vermelha. Entretanto, os adeptos do **shoot** foram progressivamente crescendo com a derrocada dos misticismos.

Rolando, na digressão indiana, constatou que os alemães **devem ser dos europeus com mais problemas.** Drogam-se para fugir à sociedade, onde se inserem, constituindo um espectáculo bastante mais deprimente que os americanos que gozam de uma grande protecção da sua Embaixada nos países orientais. **Fiz a travessia para a Índia por terra, comecei por me meter num autocarro, em Istambul, com destino a Teerão. Que sítio mais horroroso o Irão! Com temperaturas abaixo de zero e tipos iranianos a ameaçar cortar-nos o pescoço, etc., etc... uma paranóia incrível. Nem nos atrevíamos a perguntar nada. Numa outra ocasião também estive na Colômbia, a terra da cocaína, mas vi, durante a viagem, dois ou três casos que me impressionaram de tal forma que resolvi nunca tocar nesse produto...**

Havia, nos anos sessenta, a impressão generalizada, no universo dos hippies, que Bangue-coque era uma cidade nojenta. Que tudo girava à volta do dinheiro e do repouso do guerreiro americano que consumia prostitutas taliandesas e o pó, prazeres compensatórios para o desgaste da guerra, no **Vietname**. Actualmente, apodrecem nas prisões da **Tailândia** cerca de 500 estrangeiros, condenados a dezenas de anos pelo tráfico e consumo de drogas, em geral heroína. Na maioria, os presos são de nacionalidade norte-americana e francesa, todavia desde 1980 o número de espanhóis cresceu. As penas, que podem ir até à prisão perpétua, endureceram devido às pressões exercidas pelo Governo dos Estados Unidos. Em 1971, palamentares norte-americanos denunciaram, publicamente, que mais de dez por cento dos soldados destacados para o Vietname se drogavam com heroína, fabricada no célebre «triângulo de oiro». Dez anos mais tarde voltam a negociar com os tailandeses propondo-lhes uma solução para o problema dos prisioneiros, reivindicando assim os seus compatriotas encarcerados...

Para **Rolando** o porquê da dependência coincide com mal-estar social. «Alguns indivíduos de personalidade fraca recorrem à droga, a fim de se inebriarem, de esquecer as coisas desagradáveis. Os alemães, segundo entendi, metiam-se em grande porque tinham problemas psicológicos, embora a nível económico estivessem bem... Na tropa, em Angola, raros eram os que não fumavam erva, até os soldados de serviço. Sei lá... eu sentia-me mal fardado, odiava toda aquele tanga da tropa e a subserviência em relação aos superiores... se calhar acontecia o mesmo com muitos outros forçados a entrar naquela palhaçada».

Contra a fadiga existem estimulantes como a cocaína, a cafeína ou as anfetaminas com poderes para prolongar o período de actividade do cérebro e de reforçar a memória, tendo no entanto um fraquíssimo efeito sobre as sensações. Os analgésicos euforizantes (heroína, mofrina...), por outro lado, fecham o indivíduo num universo de percepções doces e restritas. No que respeita aos alucinogéneos (mescalina, hachich, LSD...) parecem libertar-nos de certos domínios, pelo que aumentam a intensidade das percepções auditivas e visuais. Só que a acção destas últimas drogas não é suficientemente conhecida, para além das pistas, fornecidas por algumas experiências, que confirmaram que os alucinogéneos atacam uma região central do cérebro muito rica em circuitos.

Órbita

Carmo, 36 anos, um testemunho: «Tomei LSD, montes de vezes... Conheço a base da curtição, a onda dos Rimbauts já passou, abora consome-se droga gratuitamente, não se tem nada para fazer... tomam-se merdas. Dantes, um dos álibis era dar largas à imaginação para escrever ou pintar, hoje os consumidores são empregados de escritório, operários, gente com contratos a prazo ou desempregados... e metem-na da mais dura. Há gajos que vivem na órbita do grama do pó que compram, da qual fazem não sei quantas carteirinhas de mil e tal paus, depois do produto cortado. Um grama de heroína, no mercado, custa à volta de vinte contos, comprada às onças sai por muito menos. Então, os junkies cortam o pó para terem a dose de que precisam. Isto é muito grave... os subúrbios de Lisboa estão minados, com incidência na Cova da Piedade, Amadora, Cacém, Odivelas e Moscavide. Afinal o que interessa è reduzir os jovens à imobilidade, fazer com que não se mexam, não tenham ideias».

Uma violência nova explodiu nas cidades, agravando-se consoante os anos oitenta avançam. Os códigos, acordos tácitos entre uma certa marginalidade e as instituições, romperam-se de todo. O meio clássico dos delinquentes simpáticos, de luva branca, é actualmente muito residual: limitado a uns velhos senhores que contam as suas histórias. Estamos perante uma violência séria, dos «sem futuro» («No Futuro», dos Clash), sem perspectivas e, por isso, sem nada a perder. «Em New York um elevador é um lugar perigoso, nunca se sbe se saímos de lá vivos...» (Charles Olivenstein, director da clínica de Mormotan, em Paris).

Clínica que nasceu, em 1971, um pouco como atitude de reacção aos hospitais psiquiátricos. Entretanto o tempo foi correndo veloz, sem que o seu responsável se apercebesse de que clientela tinha mudado. Até que abriu os olhos e viu: já não eram os viajantes, «on the road», na pesquisa de uma nova sabedoria. **Claude Olivenstein**, no intuito de compreender o fenómeno dos **oitenta**, decidiu voltar às fontes, o que significa revisitar os lugares míticos — S. Francisco, Índia, Nepal. Regressou decepcionado, porém convencido de que se impunha partir para outra fase. A época heróica da «imaginação ao poder» esfumara-se, sensato seria enfrentar a realidade. «Sempre tenho encarado os problemas da toxicomania de uma maneira lúcida e cheua de nuances, a fim de obstaculizar as teorias dos caçadores de feiticeiras, sempre prontos a agir. Havia que compreender os jovens deste tempo, o meu dever era tratar os toxicómanos, e não assumir o papel de juiz. Na verdade, senti uma certa antipatia pelo movimento punk, parecia-me que atrás dele estavam os fantasdas do fascismo e do anti-semitismo...»

Heroína — «rainha» ou «cavalo», como lhe chamam na gíria, mata que se farta. O charro, o mandrax, a cerveja caíram em desuso, nos bairros pobres das cidades. De acordo com as estatísticas, países como a Itália e a França, foram colhidos de surpresa com o alastramento da heroína e a sua implantação em praticamente todas as classes sociais. E aqui, neste outrora sossegado canto? **«Há consumidores muito jovens, em regra com problemas de posicionamento na sociedade. Lares desfeitos, desentendimentos com os pais... estes são os que maior perigo correm. Para arranjar dinheiro recorrem ao furto, à prostituição... Quando se tornam dependentes dedicam-se à traficância. Adulteram o produto com leite em pó, ou, por vezes, arsénico, e em situações de carência podem assaltar farmácias. Há, ainda, o pequeno traficante que consome mas sem dependência, provém quase sempre da classe burguesa e viaja muito, o que lhe permite adquirir o produto mais barato».**

Numa outra escala, temos os médios traficantes, **que nunca fumam nem injectam, o seu empenho é o rendimento. Porque pretendem preservar o estatuto de cidadãos, acima de qualquer suspeita, contratam «correios» ou «camelos» a quem pagam para se deslocarem às fontes de abastecimento. São peças de uma engrenagem que se sujeitam ao azar de uma intercepção nos aeroportos ou nas fronteiras. Um esquema organizado, obediente a modelos mafiosos, que tem atrás de si gente com dinheiro. Gente que pode ser do campo da construção civil, por exemplo. No nosso país já há disso, embora as coisas talvez sejam um pouco desorganizadas, à portuguesa. A Polícia, de vez em quando, apanha um correio, um ou outro pequeno traficante... ou um consumidor, porque os peixes graúdos são difíceis de agarrar. Reconheço no sector da droga duas formas de marginalidade distinta: uma, de cariz intelectual, porque a sociedade é repressiva, e outra com tonalidades menos bonitas. Tenho encontrado tipos sensíveis que gostam de pintar e de escrever... malta insegura, desadaptada a esta máquina».** (Um agente da Polícia Judiciária).

Risco

Introduzida no mercado, em 1898, a heroína tem vindo a penetrar, com pés de lã, derramando-se pelas cidades. Dá cabo de vidas, provoca estragos, na sua sanha assassina. Bastante mais destruidora do que a morfina, de onde deriva, produz reacções no comportamento daqueles que a ingerem. É fácil identificar um **junkie** debaixo do efeito da heroína: tem a pupila reduzida, um comportamento ausente, a língua embaraçada, vómitos, dificuldade de concentração, sonolência, passividade... Um testemunho: «**A primeira vez que injectei sentia-me confortável, como se estivesse envolvida por algodão ou no útero materno, e também entorpecimento. Sem mágoa perante as coisas que, em situações normais, nos desgostam. Depois há o fascínio pelo ritual, a sensação de estarmos a iniciar qualquer coisa e uma espécie de conflito entre o prazer e a angústia. Comecei, esporadicamente, a injectar-me sempre a pensar que saía daquilo quando quisesse, sem nunca pôr em dúvida a minha força. Entretanto, fui aumentando as doses e as vezes até que um dia acordei cheia de dores...**

Gabriela, a estudar em Paris, atravessa uma fase de irritação, ansiedade, incapacidade de concentração, quando o produto lhe falta. Já presa na teia, quase perdida. Como a mesada familiar se evaporava, rapidamente, tinha forçosamente de colaborar no esquema do tráfico... «**Conheci gente incrível, desde o «dealer» que não toca no produto, a emigrantes libaneses, turcos e sul-americanos. Íamos aos hotéis, cafés e casas particulares... fazia-se negócio. No meu grupo havia de tudo, mas a média das idades nunca ultrapassava os trinta. Um dia, quando descia a rua onde morava, fui abordada por um amigo que me pediu para lhe vender o produto, recusei porque tinha pouco. De repente, puxa da faca, espalmei a mão nas campainhas das portas, mas logo apareceu outro tipo armado de pistola e tive de ceder a minha dose. Conheci gente que se suicidou com um tiro na cabeça e gente que morreu com «overdoses» nem isso nos fazia medo embora tivéssemos a percepção perigo...**»

Brinca-se com a morte, a volúpia do risco, ao princípio. A páginas tantas, tanto faz: quanto mais frio melhor. Relata William Borroughs em «**Naket Lunch**» que os dependentes da heroína «**abrem caminho à busca do frio, levantam as golas, com as mãos na garganta, já sem forças.**» Um junkie recusa o calor, quer estar frio, gelado, como um cadáver. Gabriela traça planos de fuga que, todavia, se goram. Pronto: vou reduzir as doses e, depois, safo-me. «**Vinha gente a minha casa e ainda tomava mais... uma merda. Resolvo consultar um médico, tinha-me informado sobre um que passava receitas e era verdade. Andei nesse esquema durante dois meses, entretanto o meu estado agrava-se, já não dava para correr Paris à procura de heroína. Não sabia como me chamava, passava os dias na cama, sem vontade de nada. De início os junkies ainda cultivam o aspecto mas acabam no abandalhamento total. Normalmente, vestem de negro, o mito do maldito, e há um certo orgulho em sê-lo como se só ele entendesse determinadas coisas.**»

Há quem afirme e, com razão, que a heroína derruba as barreiras sociais. O vicío homogeneíza as classes, junta-as à volta dessa estranha religião, provavelmente, pela proximidade da morte. Gabriela não dorme, as dores vêm de quatro em quatro horas — dores horrorosas como se os membros se desligassem uns dos outros, à beira da anaroxia. Um pavor. «**Os meus pais internam-me**

DROGA

lívia...

uma clínica, de Paris, que-em que me desintoxique mas quilo era tenebroso porque penas me medicamentavam om calmantes que não tira-am as dores. Aí, vi tipos a hutarem com canetas, o mbiente era sórdido e, ao fim e quinze dias, fugi. Es-ondi-me em casa de uns ami-os, a quem pedi para me rancarem no quarto, e assim e aguentei um mês e meio.

Chorei de alegria porque e julgava curada, até fui a asa no dia de Natal para mos-rar aos meus pais a proeza. e novo caí na heroína e, endo que sozinha não conse-uia libertar-me, parti para ortugal...»

Na clínica do Porto para onde ai, projecto-piloto ainda inci-iente, dão-lhe **metadona,** um ubstituto da heroína que tam-ém cria habituação. Contudo, s dores não a largam, numa rise de desespero corta os pul-os, acto que a conduz ao hospi-l, amarrada numa camisa-de-orças. Segue-se a passagem or uma clínica particular após ma estada na casa de uns ami-os em Lisboa. Foi o fim do esadelo. Decorreram cinco nos e Gabriela nunca mais in-roduziu, no sangue, o «**ca-alo**». Ainda vulnerável des-reve o **depois,** os complexos de ulpa, as perturbações psicoló-icas. «**Depois de pararmos mos tendência para ficar ependentes das pessoas ou de ualquer coisa. Claro que nha problemas familiares, os eus pais não se entendiam... ou, por outro lado, uma gaja culturada, não sabia de onde ra, a verdade é que me sentia uito só. Os meus pais, gente e esquerda tentavam trans-itir-me ideias que nunca via ealizadas. Enfim: uma frus-ração pegada! Porque é que s pessoas se drogam? Julgo ue a sociedade actual menos-reza a afectividade e há uma síndroma que é o delírio da solidão...»**

É a história de Gabriela, felizmente com um desfecho positivo...

Negativa

Em Portugal, os Centros de Estudos de Profilaxia da Droga vão-se estruturando à medida do possível. Com equipas de psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais e psiquiatras, assistem quem lhes solicita ajuda. Das suas três divisões regionais (Norte, Centro e Sul) a de Coimbra, dirigida pelo dr. Carlos Amaral Dias, parece ser a que melhor dá conta do recado. Apresentamos um depoiamente de um assistente social do Centro de Lisboa. Hirondina Chitas que se referiu às dificuldades sentidas neste trabalho. «**É difícil na medida em que os sucessos não se vêem a olho nu. Até que ponto aconteceu a cura?. Após a alta é preciso aguardar cerca de cinco anos para se saber. Ás vezes pensamos que o indivíduo está em condições de funcionar lá fora (por ter encontrado um objectivo na vida) e enganamo-nos ao vê-lo recair. O toxicómano, na minha opinião, é um indivíduo a viver à margem da realidade ao contrário de muita gente que vive o dia-a-dia, sem sonho. O real dele traduz-se na procura da substância, no conflito permanente com os obstáculos que lhe impedem o acesso a ela. Perante os outros, sobretudo os pais, porta-se pela negativa: Transforma-se na vergonha da família, fura todas as normas. Ora, mais vale ser um mau sujeito do que não se sentir sujeito — esta, a sua posição. Claro que as pressões sociais agravam nele o funcionamento negativo, considerado anti-social. Revela-se egoísta e conservador, a evolução da sociedade faz com que interiorize certas normas.**»

Segundo as estatísticas, a viagem pela droga seduz mais os rapazes e em idades entre os quinze e os vinte e um anos. Jovens sem referências culturais, sem emprego, sem aventura... mas com desassossego interior. Alguns há com vida aparentemente segura, casamento, filhos, trabalho, todos os vínculos que tornam um indivíduo domável. «**Noutro tempo a sociedade era mais definida, cada um tinha o seu papel e o seu espaço. Agora, multiplicam-se os significantes, casamento, morte, filhos que nascem perderam a importância.**»

O Centro é um porto de desembarque de experiências várias. São as anfetaminas, os barbitúricos, os **Roypnois** que os médicos receitam (para tranquilizar o paciente) os itenerários mais frequentes; e, ultimamente, a heroína, «**olhada como a droga da moda**». Provam-no os casos, com que **Hirondina Chitas** contactou, como a heroína se imiscuiu em todas as classes sociais. «**Os que ainda não estão em estado lastimoso apresentam-se bem vestidos, com uma aparência impecável. Disfarçam tanto que nem se chega a perceber. Nunca pomos, logo, a hipótese de internamento, este vem como alternativa última. Em certos casos propomos a terapia na própria casa, o que por vezes vai bulir com os papéis da famália que, à partida, encara o problema de uma forma incorrecta. Há famílias que acabam por se convencer que um tipo se torna toxicómano devido aos problemas que tem, ao contrário de outras que negam, em absoluto, esta verdade.**»

Hirondina Chitas referiu, a título de exemplo, o caso tremendo de uma família de esquerda (?), em que o pai mandava a Polícia telefonar para casa no intuito de amedrontar o filho, um adolescente ainda...

Reatar

Reconhece o dr. José Gameiro, baseado na convivência estreita mantida com toxicómanos, que a percentagem de êxitos é baixa, se a dependência for da heroína. A seu ver a toxicomania leve é passageira, simples desvio da adolescência que, corrigida, não constitui um corredor para a droga pesada. Mas a heroína afigura-se-lhe um perigo mortal, mais ou menos a curto prazo, pois afecta órgãos vitais como os rins e o fígado. Sem falar das **overdoses**, das infecções transmitida pelas seringas mal lavadas. Na qualidade de psiquiatra (e muita experiência no tratamento de toxicómanos), teve oportunidade de os observar por dentro, na sua intimidade. «**Um heroinómano tem dificuldade em estabelecer uma relação afectiva. Trata-se de uma personalidade imatura que busca um prazer masturbatório, narcisista, sem grandes fantasias. Não imagina nada, quer o prazer, e depressa. Um prazer solitário, por isso se injecta fechado no quarto ou na casa de banho de um café. O flash é sentido antes da heroína chegar ao cérebro... Sim, há casais de heroinómanos a viver uma relação falsa porque, a nível sexual, é pobre. Nota-se uma incapacidade, muito funda, na relação dual mais intíma, visto o que conta é o seu próprio prazer, não lhe interessa o dos outros.**»

José Gameiro garante que o tratamento dos heroinómanos corresponde a muitos reatares, acidentes, desistências e, logo, os recomeços. O mais complicado não é a fase de desintoxicação que dura perto de três semanas, submetida a relaxantes musculares, ansiolíticos e hipnóticos para dormir, de noite. Em situações graves os médicos também ministram neurolépticos, calmantes fortíssimos. «**A dificuldade reside no tratamento psicológico, na reconstrução da personalidade. Em regra, o heroinómano insere-se numa família de pai ausente, no ponto de vista físico ou psicológico. Tenho verificado isto: pai ausente e mãe superpresente, como padrão...**»

Pelo que presenciou, José Gameiro conclui que não há toxicomanias, no nosso País, mas sim politoxicomanias. Raros são os heroinómanos puros, a dependência abarca produtos diversos; e inúmeras são as pessoas dependentes dos tranquilizantes, sobretudo do **Lorenin,** que vão às consultas de psiquiatria. «**Com certeza, são drogas vendáveis em qualquer farmácia. Depois, temos a toxicomania de fim-de-semana, a dos comprimidos misturados com álcool para curtir uma boa, e ainda os toxicómanos, da alta burguesia, que de vez em quando vão fazer curas de desintoxicação nas clínicas de Londres, os que podem pagar cem contos por dia.**»

Este psiquiatra, por formação cultural bastante sensível à compreensão da toxicomania, desenha um esboço dos pacientes com quem lida, especialmente dos heroinómanos. Define-os como gente «**muito fina e atenta**» capaz de captar logo a sua disponibilidade para ela. Entre ambos, médico e paciente, estabelece-se um jogo de verdade e agressividade. Em suma: os heroniómanas, segundo José Gameiro, são tipos espertos, embora possuam um imaginário pobre, ou melhor têm o imaginário bloqueado.

Na Holanda, em 1973 (a primeira vez que Tó Zé lá foi), já na ressaca do período áureo, ainda se dormia ao relento no **Wonder Park, ainda se deambulava pelos cafés dos hippies** - ainda persistia a memória dos hippies. Voltou a Amesterdão nos anos **oitenta** e não ganhou para o susto. Tudo mudado, para pior, com a onda da heroína que permitia a organização de **mafias,** a degradação e o crime. «**Foi exactamente, a partir de 1973, o eclodir da viragem, com os veteranos do Vietnam que, em aliança com os chineses, introduziram o pó na Holanda. Ainda se descobriam restos dos sessenta, da gente que sempre repudiou a heroína. Foram anos marcados pelo haxixe e o ácido, enquanto os oitenta são marcados pela heroína e a confusão. Na época de oito, dos sixties, fumava-se erva e tomava-se chá no Melk Weg, onde havia uma grande vigilância sobre enventuais chutatores. Quem fosse apanhado a meter heroína era imediatamente expulso. Agora, os antigos hippies, muitos deles estabelecidos com cafés e boutiques, em Amesterdão, deram o fora chateados porque a sua cidade se tinha transformado num antro de prostituição e de dealers.**

O junkie funciona mal, não tem problemas em lixar um amigo... Detecta-se à légua: veste de preto, e anda de óculos escuros para esconder os olhos. Amesterdão, actualmente, é uma cidade agressiva com uma Polícia que também é mais repressiva. Os cafés frequentados pelos hippies, na maioria americanos, fecharam por causa da clientela que mudou dos fumadores do charro para os que querem fazer a transa ou chutar na casa de banho.»

Tubarão

Desgostoso, Tó Zé que aderiu à civilização do **hach,** erigida em sessenta, insurge-se contra a heroína tão devastadora, tão «**exterminadora de criancinhas**». Ele sabe, também chutou e vendeu essa substância em Amesterdão. Todavia, pressinto nele uma certa reserva na abordagem do assunto, quando lhe pergunto sobre o tráfico. «**Em Lisboa já começa a estar pesado, é perigoso falar. Na Judite (a Judiciária) chamam-lhes tubarões aos que mexem os cordelinhos. Lembra-se da canção do «StepenWolf» que aludia aos «purherman», o tubarão situado acima do dealer vulgar? Arrumam com um gajo, enquanto o diabo esfrega um olho. Verdade é que já vi morrer pessoas bastante mais novas do que eu... A propósito: ainda, recentemente, foi fuzilado o Cid na Tailandia. Era correio, ia buscar o pó... bem, agora, vemos por aí os moderninhos, muito superficiais, a correr atrás da moda e, por isso, são presas fáceis.**

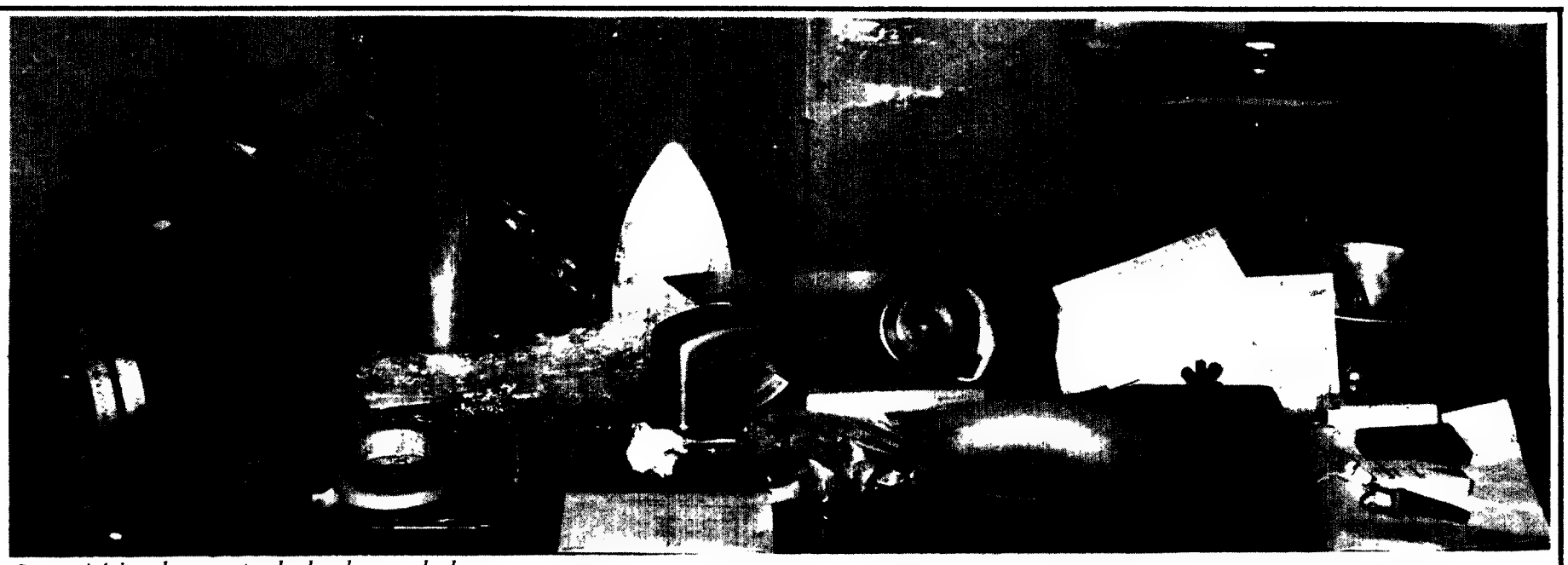
Pois, a heroína está na moda, quem fuma um charro é catalogado de careta. Odeio os traficantes de cavalo porque vi tipos cortar as veias, a deitar sangue por todos os lados e a rirem que nem loucos.

Voltemos a Carmo que a custo pronuncia a palavra heroinómano porque **esteve** nela e escapou milagrosamente. As outras experiências ultrapassou-se sem luta, sem dor. Foram etapas que queimou, com a heroína viu o rosto da morte. Claro o haxixe passou de moda porque não rende dinheiro nem dá para falsificar. Certas camadas da população lisboeta saltaram da passa para a heroína, num ápice, graças à oferta do produto. Penso que é um negócio ligado, em Portugal, à Polícia e uma mafia internacional...

António (um outro António) morreu na Costa da Caparica. Ou suicidou-se, nunca o saberemos. Era um desportista, saudável, com os seus **hobbies** e amigos, uma namorada, e muitos discos de música rock para ouvir, tranquilamente, no seu apartamento. Subitamente, os que com ele privavam, adivinham o seu segredo, até porque já era difícil de ocultar. O seu vício: heroína. Perde o interesse pelo mar, ri pouco e isola-se cada vez mais, sem paciência, sequer, para aturar a companheira. Entretanto morreu — de overdose? De acordo com um testemunho recolhido, na Costa da Caparica, a **zona** está minada. São meninos-família, são pescadores, uma boa porção de jovens» **Conheço dois casos de tipos, com overdose, abandonados no Serviço de Urgência do Hospital. O grupo só funciona para o chuto. Há os que chutam tudo: heroína, coca**

Continuação da pág. 16

DROGA



O «escritório», bem apetrechado, de um «dealer»...

destilada, supositórios... Aliás, na Costa da Caparica, o mercado é sintomático do vício, aparece tudo à venda desde relógios, objectos de oiro e outras coisas que ficam como depósito por um quinto do seu valor. **Normalmente, os dos chutos, e há muitos pescadores metidos neles, não fumam erva mas tomam superdrufos, com muito álcool, quando não têm o produto. Arrastam-se pelas ruas, feitos em farrapos, a cair. Não falam, não atinam com nada. De há três anos para cá só existiam dez, agora são mais de cinquenta os dependentes da heroína.»**

Ao que apurámos abastecem-se em Lisboa, num mercado cuja rota passa por Amesterdão e Almada. Habitualmente, os intermediários visitam o cliente nas suas casas, com uma certa discreção. Nervos em franja, impacientes, os dependentes do **cavalo,** esperam os seus homens como o Lou Reed. Recebem-no em alvoroço, desejosos de que o **flash,** lhes incendeie o corpo. **«Nota-se, logo, quando um dealer vai à Costa porque os chutadinhos desaparecem todos. Enquanto o produto dura não saem de casa. Sem pó, em carência, entram no desespero, chegando a enfiar agulhas nas veias depois de afiadas em lixas de caixas de fósforos. É que a sensação de alívio sente-se já com a agulha espetada. Os heroinómanos constroem o mundo à volta daquilo, mesmo em grupo só falam do tema».**

E as famílias? Calam-se, escondem o vício dos filhos como se fosse um flagelo. Por vergonha, preferem não agir, esconder a coisa até mais não poder...

Nuno Miguel, psiquiatra, não ortodoxo, tem da droga uma concepção diferente dos seus colegas... ortodoxos que se fixam numa enorme rigidez. As teorias que defende já geraram conflitos na classe médica, quase sempre conservadora. Atende toxicómanos, nas consultas do Hospital de Santa Maia, e em privado. No decurso desta tarefa verificou que se deve prestar a maior atenção à adolescência, é aí que tudo começa. **Uma pessoa pode ficar dependente de uma substância, quanto menor for a sua integração social e a capacidade de fazer projectos. A integração tem a ver com a família e a escola, muitos problemas surgem devido ás dificuldades de relacionamento com os outros adolescentes. Há toda uma problemática sexual, muito mais complicada nos rapazes do que nas raparigas... Quanto à penetração da heroína julgo que alastra por zonas novas, embora os focos tradicionais se mantenham. Já tenho tratado trabalhadores da Lisnave e do Arsenal, em avançado estado de dependência. Os que fumam haxixe não me preocupam muito, ao invés dos que tomam Roipnol de uma forma desorganizada, produto responsável por muitos crimes de adolescentes. Ao que parece desencadeia um impulso de roubo e violência.**

Paaíso

Se a heroína mata também o **Algifene,** analgésico vendido nas farmácias a um preço irrisório, tem esse condão. Há quem injecte supositórios derretidos dessa substância, causadora de entupimentos nas veias. O que caracteriza a dependência? **É centralização da pessoa num prazer que a desliga da vida. Droga não se define como este ou aquele produto, há quem se drogue com optalidon... Os heroinómanos são pessoas divididas: um lado que quer deixar e o outro que incita à continuação. Julgo haver sinceridade em ambos os desejos, é como se quisessem o impossível. O desejo de parar não significa que não gostem da heroína, é mais pelo que esta fez deles e da sua vida...**

Viajar, interiormente, será romper com o mundo vulgar, convencional e medíocre. Perseguia-se o êxtase, uma busca funda e ao fundo do autêntico. Encontrar o **Paradise Now,** através de meios químicos. Bebia-se vinho, fumava-se erva, estava-se juntos, mas a sociedade de **paz e amor** foi-se arruinando, corroída por um estranho veneno. Não há mais **happenings,** só os que os milionários de Holliwood fazem, nas suas mansões, guardadas por metralhadoras. O que sucedeu à Califórnia, da anarquia, da espontaneidade? Nem um resíduo permanece do espírito de outrora. **Fui a uma recepção de médicos ilustres, bem inseridos no «establishment». De repente, vejo parte das pessoas dirigirem-se para a cozinha onde havia boiões de ópio, heroína e cocaína. Sirvam-se... a decadência romana fascina-me, mas a fachada aborrece-me.** (Claude Olivenstein).

Para Olivensettein, os consumidores de droga da actualidade distinguem-se dos que, nos anos sessenta, fumavam **haxixe** ou se entregavam ao ritual do ácido. Para a gente de **oitenta,** a droga é um fim, não se pretende mudar o mundo nem analisar o **ego.** Portanto, uma atitude grosseira, banalizada, destituída de justificação.

Especializado no tratamento de toxicómanos, **Olivenstein** discorda da tese que mistura, no mesmo saco, drogas leves e duras, tal como não subscreve a teoria de que a **erva** seja uma escalada para substâncias mais fortes. Nem todos os fumadores de **haxixe** acabam heroinómanos: está provado que a **cannabis** não provoca dependência física. De resto os efeitos da erva variam, consoante o produto, a personalidade do fumador e o momento socio cultural. Há ervas lançadas no mercado «cortadas» com cocaína ou anfetaminas, nomeadamente a **colombiana,** e a maior parte das ervas orientais continham ópio, datura ou noz vómica — por exemplo: o **Black Bombay,** famoso nos anos sessenta, era um **coktail** à base de ópio. Naturalmente que os consumidores destas ervas apresentavam sintomas de dependência.

Uma pessoa com determinado arcaboiço não se torna toxicómano. Tive um caso de dependência do haxixe (um jovem de vinte anos) que foi ao centro pedir-nos para se submeter a uma psicoterapia. Qual a razão da dependência? Não sei... houve qualquer coisa que falhou, recuso as teorias simplistas que catalogam o pai, do toxicómano, de ausente e, a mãe, de superprotectora. Certo é que encontrei mais dependentes do sexo masculino que do feminino, não só no Centro de Profilaxia como também no Centro de Delinquência de Menores, onde trabalhei. Nos nossos serviços em cem pessoas, setenta são rapazes e trinta raparigas. Julgo que elas possuem uma estrutura de personalidade mais sólida e que, por outro lado, as mães protegem mais os rapazes... Os toxicómanos, pelo que observei, desejam e não desejam tratar-se, há ambiguidade no seu apelo. É que a droga, boa ou má, dá uma certa resposta, sobretudo a um vazio pessoal. O esforço terá de vir do toxicómano, depois de perceber o que se passa consigo. Tive um caso bicudo, com um heroinómo, estudante do 3.º ano de Medicina, que opunha resistências a assumir um papel de submissão que é o do doente. Gostava de conversar, achava giro, mas evitava a entrega, preservando coisas que considerava intocáveis. Convivemos, durante alguns meses, e entretanto desapareceu... Uma psicóloga do Centro de Profilaxia de Lisboa).

Vontade

A terapia, para que resulte, exige vontade do paciente, colaboração, entrega. De outra maneira, se a pessoa resiste nada feito. Daí a inoperância dos tratamentos compulsivos. Um dependente é uma pessoa frágil, com medos que não aprendeu a lidar com os outros, inapta para enfrentar as adversidades. Sendo apetrechado, convencido das suas potencialiades criativas, poderá conquistar a tão necessária envergadura para viver.

Sustentam alguns que a vida, sem um nadinha de evasão e de irracionalidde, seria sensaborona, pobre. Beaudelaire, Theophile Gautier Nerval, Alexandre Dumas, Herman Hesse, Jean Cocteau, Aldous Huxley exprimiram, na literatura e nas nas suas vidas, esta ideia. Mas a apologia de uma **consciência stoned** pode derrapar para desvios extremos e patológicos. **Nos Paraísos Artificiais,** Beaudelaire afirma que **toda a contradição se desvanece, todos os problemas filosóficos se tornam límpidos, ou pelos menos assim parecem,** com o uso do haxixe. Admite, todavia, que quem recorre a um veneno, para pensar, **não tardará a não poder pensar sem esse veneno.**

Ele e outros escritores, do século passado, serviam-se, mais ou menos moderadamente, desses desinibidores. **Balzac** bebia trinta chávenas de café por dia... Muitos artistas precisam de fustigar a sua fantasia, para desobstruir o canal da criatividade, anular um sentimento de insatisfação.

Henri Michaut, Huxley e Artur Kostler elaboraram, mesmo, teorias fascinantes sobre o assunto. Eram as percepções que se abriam, estimuladas pelo **«psilsybe»,** substância contida nos cogumelos alucilogénios que os feiticeiros mexicanos mastigavam durante os cerimoniais a que presidiam. A partir daí descobre-se o **LSD,** ácido lisérgico, derivado químico dos cogumelos. **Aldous Huxley,** num dos seus escritos pergunta: **«que é melhor, ter a felicidade com o fungo ou a idiotia com a ideologia?».** Assim, o LSD, droga poderosa, muito mais potente que a mescalina, se torna num símbolo, onde uma certa América, frustrada e doente, se vai procurar a si mesma. O poeta **beat** Allan Ginsberg, crítico implacável do sistema americano, **também enaltecia as propriedades do ácido.**

Vivia-se a era psicadélica, com empenho. **«Que fazemos na terra? À excepção dos espíritos simples, ninguém parece concordar que viver é sentir o perfume das flores, escutar o mar, olhar as árvores, escalar montanhas, comer um bom queijo, beber vinho da Malvasia e acariciar uma mulher... No seu conjunto, o mundo político está habitado por homens paranóicos, doentes...»** (Allan Watts). E Cocteau? Escreveu **«Ópio»,** belíssimo livro desprovido de considerações moralizantes. Não importava ao poeta saber se o ópio era bom ou mau (viveu a experiência numa clínica de desintoxicação, portanto sabia por si), situa-se antes na **margem,** batalha perdida de antemão contra os signos sociais. **«Ópio: devo-lhe as minhas horas perfeitas. Pena é que a medicina em lugar de aperfeiçoar a desintoxicação não trate de tornar o ópio inofensivo».**

Disse isto, criou esta imagem ímpar na literatura, em alusão ao tédio do opiómano curado: **«Tudo o que fazemos na vida, inclusivamente o amor, fazemo-lo no comboio que corre para a morte. Fumar ópio é abandonar o comboio em marcha, é ocupar-se de outra coisa que não seja a vida e a morte.»** E descreve os momentos de prazer absoluto, inegualável, **«a grande primavera que enlouquece as veias, transportando gelos e lavas de fogo»,** e também as sensações de pavor que se assemelham a **«devastações, motins, fábricas a explodir, exércitos em fuga, dilúvio, o ouvido a escutar toda uma apocalipse da estrelada noite do corpo humano».** Caos, inferno, morte.

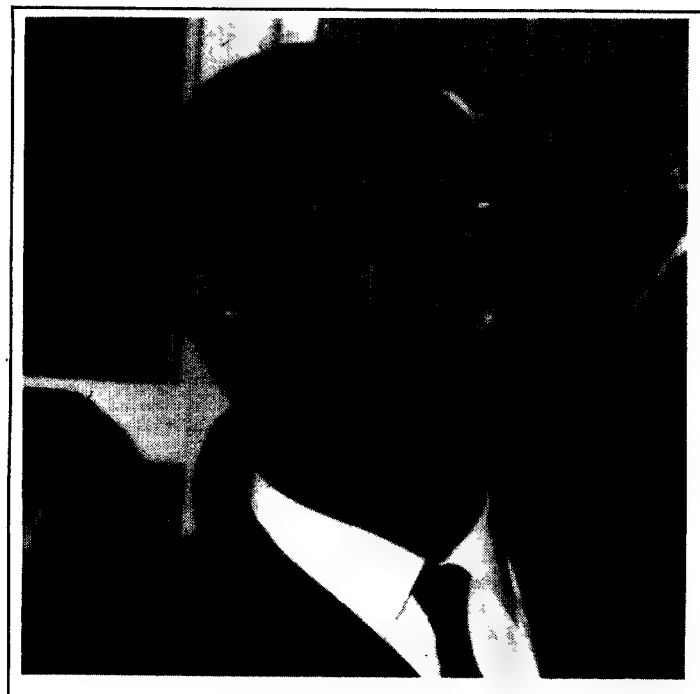
Já agora: Reinaldo Ferreira (repórter X), autor das «Memórias de um Morfinómano», um testemunho pungente sobre a dependência de certas substâncias perigosas e, justamente, um libelo contra as hipocrisias sociais, as condenações gratuitas. **«Eles sabiam que eu lutava, que me desesperava como fera enjaulada contra as grades do meu cárcere moral... Contudo os que me atiravam (a maldição) como uma sentença de Deus estão todos rotulados por fraquezas mais fracas, por desonras mais vergonhosas, por vícios mais repugnantes»,** escreveu.

Em anos distantes o consumo de estupefacientes, no mundo ocidental reduzia-se a uma circunferência diminuta, hoje ampliou-se por estratos sociais tidos como acomodatícios. Vulgarizou-se, se bem que não tanto como na China em 1800, onde o ópio tinha aderentes em todas as camadas etárias e sociais. Todos sem distinção de sexo, de idade e de casta, fumavam às escâncaras o produto extraído da papoila. Em contrapartida esse costume, no Ocidente, era considerado como um atentado à moral social.

De Quincey, discorreu sobre a cadeia do ópio que o cingia: **«sentia-me esmagado por vinte oceanos e oprimido por uma culpa inexplicável... jazia inerte no fundo dos fundos».**

Heroína, morfina (descendentes do ópio)... não nos iludamos, apoderam-se dos corpos e das mentes, transformam-se em irrefreáveis necessidades. No entanto todas as outras drogas, mesmo as socialmente toleradas, adquirem um carácter obsessivo. Mas o mais revoltante, neste processo, é o mundo dos que com as drogas lucram, sem ligarem aos estragos que fazem. O que mais me enoja são os extremosos chefes de família, envolvidos numa auréola de respeitabilidade, contribuintes com avultadas somas nas campanhas eleitorais de políticos (ainda mais respeitáveis), que enriquecem à custa do tráfico de narcóticos.

Não entremos em tais zonas chocantes e misteriosas, verdadeiras «trillers»...



Assassinado em 17 de Janeiro de 1961, há 25 anos, Patrice Lumumba, que esteve no poder apenas 40 dias, tornou-se o símbolo da descolonização e da independência africanas

PATRICE LUMUMBA

Assassinado há 25 anos

Jean-Claude Lorre
Serviço Ardopress/«DL»

No dia em que, a meio-século ou mais de distância, se levante um livro de ouro e um livro negro da descolonização no Mundo, os lugares serão raros e caros para os países que tinham eficazmente preparado, e realizado, sem efusão de sangue, a passagem à independência dos seus antigos domínios coloniais. Não faltará também quem dê alguns empurrões para escapar ao pelourinho dos mais graves equívocos, erros, crimes — quão numerosos!

Mesmo que a História não seja parca nisso (Algéria, Indochina, Angola, Moçambique, etc.), a Bélgica não deixará de merecer uma menção especial — e pouco invejável pela inacreditável imprevidência de que deu provas antes da proclamação da independência do Congo, a 30 de Junho de 1960. E pelos trágicos acontecimentos que se lhe sucederam.

O imenso território de 2 milhões e 345 mil quilómetros quadrados, com grandes riquezas agrícolas e mineiras, só tarde foi explorado, apenas em 1874, pelo britânico John Stanley por conta de Leopoldo II da Bélgica que dele se tornou proprietário e soberano.

Um deserto político

Leopoldo, antes de morrer, legou-o à Bélgica, em 1908. Como consequência, durante as duas guerras mundiais, embora tivesse o seu território europeu ocupado pelos alemães, a Bélgica continuou a ser uma potência económica graças precisamente ao Congo. Ainda melhor, em 1945, será o único Estado libertado com saldo credor para com Washington e Londres pelos seus fornecimentos de urânio e de outras matérias-primas preciosas.

Quando nos anos 50, a Grã-Bretanha, a França, a Holanda, a Espanha (com a única excepção de Portugal) «descolonizavam» os seus antigos impérios, tornou-se impossível para Bruxelas não fazer o mesmo. O general De Gaulle, em especial, tinha concedido a independência a todos os países africanos quando do seu regresso ao poder, em 1958-59. Como poderia a Bélgica, país relativamente pequeno, manter-se afastada da evolução geral?

Uma diferença sensível e lastimável — que, no entanto, talvez se explique pelo seu passado de ex-propriedade privadareal — em relação ao Congo: enquanto que Paris desde 1945 associava as suas colónias (mesmo que fosse mais simbolicamente que de facto) à vida política francesa (tinham os seus representantes no Palácio Bourbon, alguns dos seus dirigentes, como Senghor e Houphouet Boigny, tinham-se tornado ministros), o Congo, rica vaca leiteira, com os minerais inesgotáveis do Catanga, permanecera um deserto político: o número dos diplomatas podia contar-se com os dedos de uma única mão, os outros «evoluídos», pouco mais eram.

«Não gostam do cheiro dos negros»

Em 1945, «La Croix du Congo», publicação católica, procura colaboradores «indígenas» ou, pelo menos, negros capazes de lhe enviarem «cartas de leitores». Em catorze milhões de habitantes de então, houve exactamente **dez** candidatos que se apresentaram, dos quais um rapaz de vinte anos, cujo nome seria famoso anos mais tarde e continua a sê-lo hoje ainda no mundo inteiro: Patrice Lumumba.

Numa das suas «Cartas», ele conta, mas o jornal censura a sua «história», que quando perguntou a um missionário «Porque na missa, os negros são mantidos atrás dos brancos na igreja?» o seu interlocutor em sotaina respondeu-lhe:

— Compreenderás certamente que os brancos não gostem do cheiro dos negros.

Um lindo discurso real...

O contágio da caminhada para a autodeterminação dos povos da África francesa provocou graves tumultos em Leopoldeville. Washington, tanto como... Moscovo pressionaram Bruxelas a agir. Depois de uma última discussão, a independência do Congo foi solenemente marcada para 30 de Junho de 1960. Não era possível continuar a temporizar, nem a recuar.

Não só a Bélgica não sonha em recuar como quer fazer as coisas com ostentação. O jovem rei, que não tem ainda trinta anos e que casará — já os seus súbditos quase tinham deixado de o esperar — alguns meses mais tarde com Dona Fabiola de Mora y Aragon, vai em pessoa a Leopoldeville para proclamar o acontecimento.

Num lindo discurso fala apenas do que une os dois países, do seu desejo de substituir a colonização por uma franca e leal colaboração. Os assistentes, negros ou brancos, não podiam desejar melhor.

Joseph Kasavubu, chefe da delegação congolesa à Conferência da Independência, eleito presidente da República seis dias antes, respondeu-lhe no mesmo tom, moderado e conciliador.

... Que suscita uma resposta

A cerimónia até aí um êxito sem mácula vai terminar por uma reconciliação, beijinhos entre todos, deixando-se os casos mais delicados... para depois?

Nenhum outro discurso tinha sido previsto, quando — extra-programa — o primeiro-ministro, Patrice Emery Lumumba, corre à tribuna e apodera-se literalmente do microfone. O amor dos Africanos pela palavra é bem conhecido: irá ele repetir o que acaba de ser dito por Kasavubu? Existe uma certa rivalidade entre os dois homens.

Os presentes, o rei Balduín, os convidados estrangeiros e os congoleses logo se aperceberão de que se trata de coisa completamente diferente.

«Salários de fome»

«Esta independência — grita Lumumba — se é proclamada de acordo com a Bélgica, país amigo, foi arrancada numa luta de lágrimas, fogo e sangue, uma luta justa e indispensável por acabar com a escravatura que nos foi imposta.»

Surpresa desagradável, mais, indignação em alguns rostos. Será este o local e o momento mais próprios para a evocação destas recordações, cuja veracidade ninguém nega mas sobre as quais teria sido... seria mais diplomático lançar um véu discreto, nesse dia? Não é essa obviamente a opinião do orador que imperturbavelmente continua:

«Em paga de um trabalho extenuante, com uma duração desumana, os salários que recebemos não nos permitem matar a fome, nem vestir-nos, nem termos casas decentes, e ainda menos educar os nossos filhos com dignidade.»

Perturbação e sorrisos

«Fomos insultados, espancados, porque éramos **pretos,** a quem tratavam por tu, já que o senhor respeitoso era reservado apenas para os brancos. A lei não era a mesma para eles — e para nós. Éramos exilados na nossa própria Pátria. Nas cidades havia casas magníficas para os brancos e palhotas em ruínas para os negros... que não podiam frequentar nem os cinemas, nem os restaurantes, nem as lojas ditas «europeias». Estes viajavam nos cascos das barcaças e o branco na cabina de luxo.»

Se o discurso foi ruidosamente aplaudido pelos partidários do jovem dirigente nacionalista, foi escutado em silêncio, pesaroso e penoso, pelo resto da assistência. O rei Balduíno que nove anos antes tinha subido ao trono, depois da obdicação... forçada do pai, Leopoldo III, nas circunstâncias difíceis que se sabem e que se julgava couraçado contra os maus golpes da política, esforçou-se por esboçar um sorriso... amarelo.

O abade Fulbert Youlou, presidente da República do... outro Congo, da margem oposta do rio, presente na qualidade de vizinho e de padrinho, estava visivelmente incomodado. O catanguês Tshombé, que nunca aceitara Lumumba, esfregou as mãos prevendo que os excessos de linguagem acabam sempre por se voltar contra aqueles que os usam.

Deus é branco?

Mas quem era este desmancha-prazeres, que tão grosseiramente estragou a viagem do soberana belga e os belos projectos de uma transferência de poderes sem choques, sabiamente elaborados, dos seus conselheiros? Palavras que fizeram tremer os observadores e os jornalistas que tinham ocorrido a Leopoldeville.

Oriundo de uma família pobre, Patrice Lumumba nasceu em Kasai, província rica em diamantes, a 2 de Julho de 1925. Viveu desde a infância o drama da sua condição social: a imensa desigualdade entre brancos e negros. A sua primeira revolta remonta aos... dez anos quando lutou com um dos seus companheiros que pretendia que Deus era branco. Foi então expulso da escola da Missão Católica. Não faz mal! O tio Emile coloca-o nos... concorrentes, menos sectários, uma missão protestante sueca.

Lê muito — o seu modesto emprego nos PTT deixa-lhe bastante tempo livre —, casa-se com uma jovem «montelene», Pauline, que compra — de acordo com a tradição — com o seu primeiro salário. O seu francês é muito bom e conhece ainda vários dialectos congoleses.

Empregado nos cheques postais

A administração manda-o para uma escola de aperfeiçoamento da capital, Leopoldeville, hoje Kinshasa. A segregação não difere muito do que se passa em 1986 na África do Sul. Os negros não podem entrar na cidade dos brancos a não ser para trabalhar, são geralmente mal recebidos nas lojas, por vezes são atendidos num balcão especial. À noite têm que... desaparecer. E quando a cara não agrada a um «branco» ou a uma «branca», é tratado por... «macaco sujo».

Lumumba adere a uma associação cultural, a ABAKO, cujo chefe, Joseph Kasavubu, começará por ser seu protector e depois seu detractor e rival.

Belo rapaz, bem falante, simpático às mulheres, o que não faz mal nenhum, apreciado pelos superiores na secção dos cheques postais, em Yangambi, e depois a Stanleyville, revelando-se ainda um bom orador. Patrice Lumumba depressa será assinalado, descoberto pelos seus compatriotas, como um dos... pouco numerosos, jovens do Congo, politicamente evoluídos.

Um «empréstimo» desastrado

Melhor ainda, em 1956, tem ele 31 anos — é convidado a ir a Bruxelas numa viagem de estudo para ser consultado sobre o estatuto único dos funcionários, então em preparação.

Viragem da sua vida, prejudicada por um «mal-entendido» que alguns consideram um passo em falso que virá a ser duramente censurado. O seu avião, a sua estadia na Europa são-lhe pagos mas não dispõe de roupa adequada para permanecer num país frio nem lhe pagam

Continua na pág. 18

PATRICE LUMUMBA

Continuação da pag. 17

as pequenas lembranças que desejaria levar à mulher, aos três filhos, aos amigos. Todos os meses passam milhões pelas suas mãos; é então que resolve fazer um «empréstimo», entre esses milhões, no equivalente à modesta soma de 126 000 francos antigos.

Conta poder reembolsar essa importância trocando provisoriamente a sua casa, comprada a crédito, por uma mais pequena e colocando a diferença dos juros na conta do Correio.

Depois do rei — a cadeia!

A transacção financeira, a seu ver tão simplista como honesta, passaria despercebida se um inquérito provocado precisamente em consequência da sua mudança de endereço, não viesse a descobrir a irregularidade. E apesar de em Bruxelas as propostas de Lumumba de como modernizar e adaptar o sistema dos cheques postais no Congo tenham sido ouvidas com interesse, e apesar de ter sido recebido pelo ministro respectivo bem como pelo próprio rei (!) — foi preso, julgado e condenado a 30 de Junho de 1956, a dois anos de cadeia pena reduzida, no entanto, a dezoito meses, em Junho de 1957.

Grave erro psicológico que todas as potências coloniais cometeram: ao encarcerarem um «evoluído», por motivos imaginários ou pouco importantes, transformavam-nos em mártires. Nem um único congolês acreditará na culpabilidade de «Patrice», que de repente se tornou célebre: passará a ser uma vítima dos brancos. Demitido do correio, contratado, pois tinha o sentido dos negócios, para director comercial (!) de uma marca de cerveja! Uma carreira que segue por atalhos sinuosos.

Recebe vencimentos reais em comparação com o que ele ganhava como empregado dos correios e sobretudo vive em Leopoldeville, onde estabelece interessantes relações políticas e donde pode irradiar para todo o país.

Motins sangrentos

A partir de 1958, os acontecimentos precipitam-se. A 24 de Agosto, De Gaule pronuncia o seu memorável discurso em Brazaville sobre a «inevitável descolonização» da África, que obtém enormes repercussões do outro lado do rio. A 10 de Outubro, Lumumba funda o MNC, Movimento Nacional Congolês, cujos objectivos principais são a Independência e a Unidade, ou seja, nada de cedência das regiões ricas, como o Catanga, a favor de interesses industriais estrangeiros.

Os que reivindicam a descolonização e os que se lhe opõem não tardam a defrontar-se. Os primeiros motins rebentam, o 4 de Janeiro de 1959 provoca duzentos mortos — todos negros. Dezenas de mortos também num comício em 30 de Outubro de 1959, em Stanleyville. Lumumba é preso e condenado — o delito desta vez é político — a seis meses de cadeia, o que não impedirá o MNC de conquistar 58 lugares em 63 nas eleições comunais.

O ex-pequeno revoltado de Kasaí passa a ser conhecido em todo o Mundo. Oito dias depois de ser condenado, é libertado para poder participar à Mesa-Redonda belgo-congolesa de Janeiro de 1960, em Bruxelas. Três homens representam o Congo: Moisés Tshombé, dos monopólios belgas do Catanga, Kasavubu, que «corre», diríamos hoje, por conta dos grupos de interesses, sobretudo, norte-americanos, e Lumumba, acusado de ser «o agente de Moscovo».

Triunfo nas eleições

O mais grave consiste no facto de perante estes três caminhos, que pouco têm de comum entre eles, os belgas, apanhados de surpresa, e que tão deficientemente tinham preparado as coisas, sentem-se, por sua vez, desamparados. Inquietos pela eloquência demagógica de Lumumba, querem ... desembaraçar-se o mais rapidamente possível daquele inextrincável imbróglio congolês, mesmo através de uma solução atamancada.

A reunião acaba com a elaboração de uma «Lei Fundamental» manca e pela fixação da independência em 30 de Junho de 1960. «Depois de nós, o dilúvio» parecem pensar os interlocutores de Bruxelas.

A partir desse dia, as coisas precipitam-se. Vitória de Lumumba nas eleições legislativas: o MNC e os pequenos partidos que o apoiam, obtêm 62 lugares em 137. Outros não desejam mais do que se lhes juntar, para garantir a maioria absoluta.

Motins e pilhagens

Os meios financeiros internacionais ficaram em pânico. As instruções consistem, desde que seja impossível recusar-lhe o lugar de chefe do governo, que Kasavubu, embora desmoralizado, não deve desistir mas tornar-se presidente da República para ter mão nele, para o vigiar, pronto para intervir, ou seja, para tentar eliminá-lo quando a ocasião se proporcionar.

Esta estratégia foi rigorosamente cumprida, ainda mais depressa do que se esperaria. À custa de uma guerra civil sangrenta, de sacrifícios e destruições... terríveis, pormenor que será contabilizado nos ganhos e perdas.

Sabe-se o que se passou a 30 de Junho de 1960, na bela festa de proclamação da independência que degenerara em escândalo em virtude do requisitório intempestivo, «inoportuno» de Lumumba.

Não foi este no entanto o seu último e gravíssimo erro político. Um outro consistiu em promover todos os militares sem excepção, do novo exército congolês a um posto superior, com a possibilidade para o soldados de eles próprios escolherem os seus oficiais uma medida que vai mais longe do que a Revolução Francesa, ou a de Outubro de 1917, na Rússia. Verificam-se por toda a parte motins e pilhagens, os «brancos» ficam aterrorizados, refugiam-se na Rodésia ou em Brazaville — e sobretudo apelam a Bruxelas por auxílio. A 10 de Junho duas companhias, enviadas por avião, desembarcam em Elisabethville.

Cisão no Catanga

Tshombé não perde tempo. Enquanto que a poderosa «União Mineira» põe em «look out» 150 000 trabalhadores, ele proclama a independência do Catanga e a sua «união económica» com a Bélgica. Se esta cisão se concretizasse, seria a condenação à morte do Congo, privado das suas principais riquezas — tanto mais que a 9 de Agosto, uma outra província rica, o Kasaí do Sul, seguia o exemplo de Catanga.

Lumumba, que naturalmente não pode aceitar o desabamento dos fundamentos, dos alicerces políticos e económicos do seu país — finalmente descolonizado — tinha, pelo menos no papel, o apoio de Moscovo e mesmo da Bélgica oficial. Reagiu de acordo com o seu temperamento tendo partido em guerra para a reconquista dos territórios perdidos.

É aqui que se inicia um dos capítulos mais sombrios da História da África Negra, apenas comparável à sangrentar guerra do Biafra cujas motivações fundamentalmente tribais eram, no entanto, muito diferentes.

Torturado e espancado

No Congo foram os interesses colonialistas ameaçados que decidiram, a partir de Agosto de 1960, hoje a vinte e cinco anos de distância, isso está provado — que o extremista e intratável Lumumba devia ser eliminado, único processo de evitar, aos seus olhos, que este país rico, que possuía, entre outras, matérias-primas militarmente importantes, se tornasse uma democracia popular, satélite de Moscovo.

Para o conseguir todos os meios são bons: a velha inimizade entre o Catanga, o Kasaído Sul e o resto do Congo, a rivalidade pessoal entre os homens, tudo isto sob a égide das Nações Unidas cujos capacetes azuis — fracasso tremendo — se revelaram incapazes de restabelecer ou de manter a ordem.

O que devia acontecer, aconteceu. Lumumba, hóspede da Casa Branca quando da sua estadia em Washington, será traído, abandonado, preso e asassinado no dia 17 de Janeiro de 1961 depois de ter sido pavorosamente torturado, espancado até à morte de acordo com as ordens de Tshombé. Este, destituído, exilado, aliás, acabará, por sua vez numa célula da prisão de Argel.

A revolução congolesa não se limitará a devorar os seus filhos, mas igualmente os seus coveiros. O extraordinário, o único, no caso de Patrice Lumumba é que tendo estado no poder apenas durante quarenta dias, sendo responsável por sangrentas guerras civis, o seu nome tornou-se depois o símbolo da luta anticolonialista do continente negro.

O homem que tirou as castanhas do lume

A União Soviética contribuiu habilmente para alimentar esta lenda: a Universidade dos Povos de Moscovo, que forma os licenciados do Terceiro Mundo, tem o seu nome, assim como a antiga Elisabethville, rebaptizada Lumumbasi.

Epílogo saboroso, o antigo jornalista Joseph Desiré, dito, Sese Kuku Mobuto, actual senhor do Congo, tendo-se tornado militar, promovido a coronel e secretário de Estado por Lumumba, mas cujo papel na morte deste é controverso, foi o homem que soube habilmente tirar as castanhas do lume, conseguindo neutralizar os clãs rivais e fazendo reinar entre eles uma ordem que não tem muito a ver com a democracia. Amigo e aliado de Washington... e de Israel, não perde no entanto uma oportunidade, um aniversário, para exaltar as ideias de Lumumba de quem afirma ser o discípulo e o continuador!

Por quem morrem os heróis e quem tem o direito de reivindicar a sua herança? O debate não é de ontem e não varia de acordo com a cor da pele.

Belenenses homenageou Manuel Bulhosa

A proposta de criação de um fundo social de apoio a antigos e prestigiados atletas do Belenenses, em situação financeira difícil, foi anunciada ontem, durante a entrega da Cruz de Cristo em ouro a Manuel Bulhosa, um dos mais destacados sócios e dirigentes na história do clube que recebeu o galardão das mãos do presidente da Assembleia Geral do Belenenses (Alberto Regueira) tendo sido ainda empossado no cargo de presidente do conselho geral, cuja primeira reunião está marcada para o dia 7 de Fevereiro e tem carácter consultivo, cabendo-lhe dar pareceres sobre matérias do interesse do clube.

«Estamos confiantes no contributo a dar pelo conselho geral para a vida do clube» — disse Alberto Regueira, que traçou o perfil do homenageado, que conta com a medalha de mérito e o título de sócio honerário do Belenenses. Manuel Bulhosa classificou-se como «um velho belenense, simpes e modesto que deseja contribuir para a melhor expressão do clube», tendo afirmado: «Esta é uma distinção que me desvanece. Espero servir Portugal ao servir o desporto».

No final da cerimónia foi anunciado o projecto de criação de um fundo social de apoio a «velhas glórias» do clube, que se encontram com problemas financeiros, tendo sido citado o «drama» humano de alguns dos antigos sócios que vivem em situação muito difícil.

Milão salvo da bancarrota

O empresário petrolífero italiano Dino Armani salvou o Milão da bancarrota, pagando as dívidas mais urgentes do clube transalpino, no valor de 5 milhões de dólares (800 000 contos). O dinheiro «fresco» de Armani e o compromisso tomado por um grupo de homens de negócios afectos ao vice-presidente Gianni Nardi, de duplicarem o número de acções que já detêm, atingindo os 12 milhões de dólares (cerca de 2 milhões de contos) afastaram momentaneamente a declaração de falência do clube transalpino, facto que, a concretizar-se, representaria a intervenção imediata dos tribunais e a descida automática do Milão à 2.ª Divisão do futebol italiano.

O grupo de accionistas, liderado por Gianni Nardi, enviou um telex à Federação Italiana de Futebol e à Liga de Clubes, onde se afirma que **«a direcção do Milão é confiada ao vice-presidente Nardi até à realização da assembleia de sócios»**, marcada para 31 do corrente, para escolher um novo presidente para o clube. No telex enviado à FIF acrescenta-se que **«os salários em atraso serão pagos imediatamente e efectuar-se-ão todas as investigações que a Federação julgue convenientes»**.

Entretanto, surgiu mais um candidato à presidência do Milão: o ex-jogador «internacional» Rivera, actualmente segundo vice-presidente. Rivera foi o responsável pela ruptura entre o magnate da televisão privada, Silvio Berlusconi que também aspira a dirigir o clube e que se tinha oferecido para comprar a maioria das acções sob «a condição de o clube pagar todas as dívidas deixadas pelo presidente demissionário, Giussy Garina». O ex-«internacional» italiano integrou-se surpreendentemente no grupo de Gianni Nardi e convenceu Armani a investir os seus «petrodólares» no clube, afastando Berlusconi da corrida à presidência, pelo menos até à assembleia de sócios, no fim do mês.

Evitado o caminho dos tribunais, o Milão tem de restabelecer a ordem interna no que respeita ao «plantel», onde o treinador sueco Nils Liedholm se mostra impotente para resolver **«problemas administrativos que não são da minha competência mas que todos os jogadores me apresentam»**.

Recentemente, os dois futebolistas ingleses do clube (Mark Hateley e Ray Wilkins), pediram uma dispensa para integrar a selecção do seu país num jogo particular com o Egipto, mas Liedholm disse que **«não era a pessoa indicada para decidir»**.

Dino Viola não subornou árbitro francês Vautrot

Os juízes do Tribunal de Disciplina da Federação Italiana de Futebol declararam inocente o presidente do Roma (Dino Viola) da acusação de suborno do árbitro francês Michel Vautrot, que dirigiu o encontro Roma-Dundee para a Taça dos Campeões Europeus de 1984, antes do qual, segundo a acusação, teria sido **concretizada a tentativa de suborno.**

Os magistrados desportivos sublinharam no seu veredicto que **«não existe culpabilidade de Viola, e em consequência, tão-pouco existiu delito»**. A decisão dos juízes refere-se à suposta entrega por Viola de 100 milhões de liras (59 000 dólares) a Spartaco Landini, para que os entregasse a Vautrot com o propósito deste influenciar o resultado do jogo através da sua arbitragem.

"Taça" em futebol

Juiz do Porto no Restelo

Manuel Dias Santos (do Porto), arbitra hoje o Belenenses-Setúbal, da 4.ª eliminatória (1/16 avos de final) da Taça de Portugal em futebol, no Estádio do Restelo. Os restantes encontros da eliminatória são dirigidos pelos seguintes árbitros: Vieira-Peniche (Xavier Oliveira, Ass. Fut. Porto); Torreense-Lixa (Agostinho Santos, Leiria); Lusitânia-Paços de Ferreira (Carlos Esteves, Lisboa); Guimarães-Amarante (Miranda Dias, Coimbra); Benfica-Vialonga (Sepa Santos, Lisboa); FC Porto-Estoril (Raul Ribeiro, Aveiro); Vianense-Braga (José Guedes, Porto); Sporting-União de Coimbra (Heliodoro Saraiva, Setúbal); Penafiel-Almeirim (José Alves, Braga); Académica-Almada (António Marçal, Lisboa); União da Madeira-Paredes (Agnelo Alexandre, Santarém); Varzim-Farense (Azevedo Duarte, Braga); Valdevez-Barreirense (Isidro Santos, Porto) e Rio Ave-Portimonense (Fortunato Azevedo, Braga).

Trabalho no Benfica junta juventude e experiência: Samuel e Nené.

Jogos marcados para as 15 horas de hoje, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar. Os casos de empate poderão ficar resolvidos num prolongamento de 30 minutos em duas partes iguais, com mudança de campo. Se as igualdades se mantiverem ao fim dos 120 minutos, será marcado novo jogo, em princípio na próxima quarta-feira, dia 29 do corrente, às 15 horas.

No Funchal: Chaves eliminou o Marítimo

O Marítimo foi eliminado da Taça de Portugal ao perder ontem no Funchal, com o Desportivo de Chaves (0-1), num jogo que obrigou a prolongamento e durou 120 minutos. O golo dos flavienses foi obtido por Júlio Sérgio.

A equipa visitante foi sempre o conjunto mais dinâmico sobre o terreno, com os seus jogadores a chegarem sistematicamente primeiro à bola. Também por isso o seu triunfo foi justo e, com um pouco mais de sorte, poderia mesmo ter sido mais evidenciado. Sobretudo depois da obtenção do golo, os pupilos de Raul Águas criaram diversas situações de muito perigo para as redes de Quim e só por manifesta falta de serenidade não conseguiram marcar.

Sob boa arbitragem de Santos Ruivo (Santarém), as equipas alinharam:

MARÍTIMO: Quim; Matos, Aurélio, Russo e Carlos Jorge (Van Der Horts, aos 101 minutos); Osvaldo, Adérito e Tozé; Roçadas (João Paulo, 84), Silvanus e Vítor Madeira.

CHAVES: Fonseca; Vivas, Alfredo, Amândio e Carvalho; Diamantino, António Borges e Kiki (César, aos 40 minutos); Jorge Silva (Peter, 90), Jorge Plácido e Júlio César.

Andebol: Portugal venceu a Polónia

João Gonçalves (com seis golos) foi um dos principais responsáveis pela vitória de Portugal frente à Polónia (25-20) em jogo da 3.ª jornada do Torneio Internacional de Andebol, em Serdika (Bulgária).

O seleccionador nacional, Manuel Manita, afirmou que o encontro foi muito disputado e que «os bons resultados obtidos pela equipa portuguesa ficam a dever-se, principalmente, ao seu trabalho colectivo». Portugal defronta hoje a Bulgária.

Ontem, por Portugal, alinharam e marcaram: Carlos Silva, Rui Aguiar, João Gonçalves (6), José Luzia, José Pires (5), Mário Santos, Jorge Rodrigues (3), Luís Miguel (2), Luís Crespo (5), António Morais (3), Mário Gentil (1) e José António.

Coimbra em Itália

Uma selecção de andebol de Coimbra vai participar na 14.ª edição da «Coppa Intrmnia», em Terano (Itália) um dos mais prestigiados torneios da modalidade.

Modalidades

Râguebi

O Campeonato Nacional de Râguebi prossegue este fim-de-semana com a realização da 13.ª jornada, a qual engloba os seguintes encontros: **Hoje:** Cascais-Universidade Livre (14.30h); CDUP-Campomaiorense (15h.); Agronomia-Académica (14h.); e Belenenses-Direito (14h.) **Amanhã:** CDUL-Benfica (14h.).

Campeonatos nacionais

Hóquei em Patins

Prossegue hoje o campeonato nacional de hóquei em patins, com a 10.ª rodada. No cartaz: Sesimbra-Benfica «CM» (árbitro: João Faria, de Lisboa) FC Porto-Ferpinta (Aníbal dos Santos, do Porto); Oliveirense-Juventude de Viana (Armelim Ferreira, de Santarém, todos às 17 e 30); Paço de Arcos-Sporting (Vítor Medina, de Santarém); Belenenses-Cascais (Vítor Rocha, de Lisboa); encontro que terá por palco o pavilhão do Restelo; Académica da Amadora-Sporting de Tomar, no Pavilhão da Amadora (Climério Ferreira, de Lisboa) e Sanjoanense-Famalicense, em S. João da Madeira (Horácio de Abreu, de Santarém), todos às 21 e 30.

Basquetebol

O campeonato nacional de basquetebol do escalão superior tem hoje mais uma rodada, com o seguinte programa incluido na 8.ª jornada do Grupo A: Queluz/Pioneer-Sangalhos/Aliança Velha, 17.30 horas; Benfica/FNAC-Barreirense/Pão de Açúcar, 17.30 e Illiabum/Teka-FC Porto/Sonae, 17. **Grupo B** — 7.ª jornada: Ovarense/Baptista e Irmão-Imortal/Montechoro, 17; Sanjoanense-Ginásio/Ducados, 17.30 e Olivais-Académica, 16. Para a **2.ª Divisão — (7ª jornada) — Zona Norte — Grupo A:** Acad. do Porto-FC Gaia, 17.30; Beira Mar/Ultracongelados Aveiro-Esgueira/Barrocão, 21 e Vasco da Gama-Desp. Leça, 21. **Zona Sul — Grupo A:** Luso do Barreiro-Estrelas da Avenida, 21; Atlético-Belenenses, 18 e Estoril Praia-Sporting/«CM», 18.30. **Grupo B:** Farense-Técnico, 17; Algés-Scalipus, 16 e Quimigal-Oeiras, 17.

Ontem, o Benfica venceu o Sangalhos por 110-68 e o Queluz derrotou o Barreirense, por 76-73.

Andebol: 2.ª Divisão

Com a realização da 18.ª jornada, conclui-se hoje a primeira fase do «Nacional» de Andebol da 1 Divisão, seniores masculinos. O calendário na Zona Norte: Vilanovense - Académico do Porto, Sporting de Braga -Francisco da Holanda, Quimigal - Infesta, Beira-Mar - Académica de Coimbra e S. Bernardo - Futebol Clube de Maia, todos às 18 horas. Zona Sul: Caramão - Caselas, Passos Manuel - Almada, Académica da Amadora - Náutico do Guadiana, Pedro Nunes - Clube TAP e Paço de Arcos - Atlético de Sismaria, todos às 18 horas.

Também se realiza hoje a 7.ª jornada da primeira fase do «Nacional» feminino. Hoje, na Zona Norte: Associação Académica de Agueda - Académico do Porto, às 18 e 45; Casa do Povo de Muge - Estrela e Vigorosa às 18; e Espinho - Beira-Mar, às 18. Zona Sul: Albicastrense - Passos Manuel, às 17; Ginásio do Sul - Torres Novas, às 21; Atlético de Sismaria - Associação Desportiva de Oeiras, às 20; e Scalipus - Benfica, às 16.

AOS EXCURSIONISTAS

CORSOS CARNAVALESCOS

Mealhada nos dias 9 e 11 pelas 15 horas

com o Rei do Carnaval «O LIPE» da telenovela "Louco Amor"

Inglaterra: violência não pára

Um jovem de 17 anos apunhalado sábado durante um encontro de futebol do campeonato inglês encontra-se em estado grave.

A Polícia deteve sábado 49 pessoas num posto de venda de combustíveis a norte de Londres, onde adeptos da equipa londrina do Millwall e do Newcastle provocaram avultados prejuízos.

Um porta-voz da Polícia disse que o jovem Alan Price sofreu pelo menos quatro golpes de arma branca na sequência de violentos recontros entre os antagonistas. Os incidentes ocorreram no regresso dos adeptos do Millwaal, que jogara com o Suderland, e do Newcastle, equipa que defrontou o Chelsea na capital londrina.

México: mulheres e filhos dos nossos seleccionados têm viagem gratuita

José Torres e Manuel Fernandes chegaram a um abraço: e ficou esclarecida (e soterrada) a situação de impasse que afastava seleccionador e «capitão» sportinguista, impedindo a chamada do dianteiro leonino aos trabalhos do conjunto nacional que está preparando a campanha para o México. Portanto, definida e ultrapassada uma afirmação vinda a lume em que Manuel Fernandes entendia que **não valia a pena ir treinar pela selecção se estavam já escolhidos os colegas que iriam ser efectivos**, esperemos que Torres (finalmente) chame o ponta-de-lança de Alvalade para o «onze de todos nós».

Ainda a propósito do México: saibam as esposas dos jogadores que fizerem a viagem à fase final do «mundial» que têm passagem garantida pela Federação. Mais ainda: podem levar os filhos. Agora é que a corrida vai ser tenaz: e (apostamos dobrado contra singelo) ninguém vai dizer que tem qualquer lesão, tudo estará fino e apto para todos os treinos e jogos que previamente forem necessários. Não será por falta de apoio moral que o nosso «onze» vai perder jogos.

N de S

Viúva de Agostinho vai receber 1200 contos

Uma receita superior a 1200 contos vai ser entregue aos filhos e mulher de Joaquim Agostinho, o maior ciclista português de sempre, após a realização de uma festa de homenagem ao campeão, realizada em Paris. Devido à impossibilidade da presença da viúva do ciclista, a fotocópia do cheque, com o valor nominal de 60 mil francos, foi entregue «simbolicamente» ao atleta Carlos Lopes, principal promotor da festa de homenagem e primo do falecido ciclista.

Para a angariação de fundos, artistas portugueses participaram na festa realizada a 14 de Dezembro, em Nogent-sur-Marne (perto de Paris), entre os quais Alexandra, Marco Paulo, Tony de Matos, Raul «Ouro Negro» e José Malhoa. Várias empresas públicas e privadas, portuguesas e estrangeiras, quiseram apoiar igualmente a iniciativa, a que não faltou o contributo de um restaurante de emigrantes de expressão bem portuguesa: «Saudade» em Paris.

A comissão organizadora da festa negou, entretanto, que tivesse pago «cachets» a qualquer artista, assim como o pagamento de multas resultantes dessa irregularidade **«porque** – disse Mário Silva, que esteve na base da realização – todos os artistas acederam a participar gratuitamente».

Relativamente a outras iniciativas, nomeadamente um jogo de futebol realizado em França (com a presença da equipa do Sporting) e uma corrida de touros no Cartaxo, os organizadores limitaram-se a comentar **«que não se viu nem um tostão das receitas, pois foram da responsabilidade de outras pessoas»**.

A festa, que se realizou no pavilhão Baltard, contou ainda com a presença de Eusébio, Linda de Suza, Acácio Silva, além do embaixador de Portugal em França, dr. Luís Gaspar da Silva.

Estamos a nadar na Suíça

O nadador benfiquista Miguel Santos classificou-se em 4.º lugar na final dos 200 metros estilos (nadadores nascidos em 1970/71) dos campeonatos internacionais de Genebra (Suíça), com 2.19,82 minutos. Na mesma final, ganha pelo alemão federal Arne Wielelm, (com 2.16,26 minutos), o também benfiquista Diogo Madeira obteve a 7.ª posição, com 2.20,73. Diogo Madeira ganhara a 5.ª série (2.20,76 minutos). Na 3.ª série, José Raimundo (FC Porto), e Pedro Pinto (Benfica), obtiveram o 6.º e 7.º lugares, respectivamente, ficando afastados da final.

Nas outras provas, nenhum nadador português atingiu as finais. Nos 200 metros estilos femininos (nadadores nascidos em 1972/73), Patrícia Alves (Benfica), obteve o 16.º lugar da geral, com 2.46,39 minutos. A vencedora foi a alemã federal Silke Beckmann (2.33,91). Na mesma competição, mas para nadadores nascidos em 1970/71, Ana Raimundo (Sporting), obteve o 10.º lugar da geral, com 2.34,47 minutos. A vencedora foi a italiana Monique Pavallello (2.25,20).

Nos 200 metros livres masculinos (nadadores nascidos em 1970/71), Rui Castro obteve o 11.º lugar da geral, com 2.06,97 minutos. A final foi ganha pelo polaco Jadas Przemyslaw (2.01,51).

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Niza, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3133, arquivo 96, para o estabelecimento na freguesia de S. Simão, concelho de Nisa, de uma linha aérea a 30 KV, com 942 metros, do poste n.º 58, da linha Bruceira-Castelo Branco ao PT NIS-14 de Pé da Serra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 15 de Janeiro de 1986

Pel'O Engenheiro Director,
Joquim Gonçalves dos Santos

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Monforte, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3041, arquivo 96, para o estabelecimento na freguesia de Santo Aleixo, concelho de Monforte, de uma linha aérea a 30 KV, com 1635 metros, do poste n.º 70, da linha para o PT MFT 7, Santo Aleixo-Monforte, ao PT MFT 9-Estação Elevatória de Águas de Santo Aleixo-Famaguda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 15 de Janeiro de 1986

Pel'O Engenheiro Director,
Joquim Gonçalves dos Santos

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Doutor Jorge Paixão Pires, Juiz de Direito da 3.ª Secção do 1.º Juízo Cível da comarca de Lisboa:

FAZ SABER que no dia 25 de Novembro de 1985 foi distribuída a esta Secção uma acção especial de interdição a que coube o número 1712, a fim de ser decretada a interdição por anomalia psíquica de Manuel Andrade da Corte, solteiro, residente no Casal de S. Brás, lote 138, 3.º Dt.º na Amadora.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1986

O Juiz de Direito,
(a) Jorge P. Pires

O Escrivão-Adjunto,
(a) José C. Teixeiro

D.L. 25/1/86 – 2.ª Pub.

MEDICINAS ALTERNATIVAS

CURSOS

Abertas as inscrições para os seguintes cursos:
ACUPUNCTURA * NATUROPATIA * QUIROPRAXIA
OSTEOPATIA * HOMEOPATIA * IRIDOLOGIA
* Professores especializados nacionais e estrangeiros *
INSCRIÇÕES
I.M.N — Av. Praia da Vitória, n.º 18 — 1.º Esq. * LISBOA
Telefone 55 40 87
* Cursos homologados pelas associações de classe *

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

Proc.º 135/85 - 2.º juízo, 2.ª Secção

Pela 2.ª Secção do 2.º Juízo desta comarca e nos autos de execução ordinária que Carlos Bernardes & Filhos, Ld.ª, Sociedade Comercial por quotas, com sede no Bairro Vila Morena-Torres Vedras move contra Maria Isabel de Almeida Geitoeira e mando José Castelo Oliveira, ambos com última residência na Rua Avelino Salgado Oliveira, n.º 23-2.º Dt.º em Camarate-Loures, correm éditos de quarenta dias, que se contarão da segunda e última publicação do anúncio, citando aqueles executados para no prazo do DEZ dias, findo o dos éditos, deduzirem oposição, pagarem à exequente a quantia de 1 057 264$50, acrescida de juros vincendos contados sobre 601 580$ desde 16/10/85 até integral pagamento, ou no mesmo prazo nomearem bens à penhora suficientes para garantia e pagamento daquelas quantias, sob pena de, não o fazendo, se devolver esse direito de nomeação à exequente, pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria à disposição dos executados

Torres Vedras, 20 de Janeiro de 1986

O Juiz de Direito,
(Luiz Eduardo Branco de Almeida Gominho)

O Escrivão de Direito,
(João Isidro Rodrigues Martins)

D.L. 25/1/86 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO

A N Ú N C I O

Acção Ordinária
Processo n.º 3972 3.ª Secção
Autores — Jaime Augusto dos Santos e mulher, Idalina da Conceição Madeira dos Santos, residentes na Av.ª de Roma, n.º 3-5.º-Dt.º, em Lisboa.

Réu — António Batista Paulo — ausente em parte incerta e com última residência conhecida no Largo João Vaz n.º 7-2.º Frente, em Lisboa.

Correm éditos de TRINTA DIAS contados da segunda e última publicação do presente anúncio notificando o Réu António Batista Paulo, para ficar bem ciente de que por requerimento apresentado nos Autos a folhas 43, pelos ilustres Mandatários do Réu supra-identificado, Drs. Victor Wengorovios e Miguel Pamplona, foi, requerida a renúncia ao mandato por ele outorgado aqueles causídicos em 26/2/979, devendo constituir novo Mandatário nos termos do disposto no Art.º 39.º do C. Processo Civil.

Lisboa, 14 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
Eduardo Nunes da Silva Baptista

O Escrivão-Adjunto,
Carlos Manuel Baptista

«DL» 25/1/86 — 2.ª publicação

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 6 de Fevereiro de 1986, pelas 15 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, vão à praça os móveis abaixo descritos, penhorados a NEVES PUBLICIDADE, Ld.ª, com sede na Rua Farmacêutica, n.º 15-C/V, no processo de execução fiscal n.º 5 183/85.

BENS PENHORADOS

Verba única — Um conjunto de mobiliário de escritório composto por 2 secretárias metálicas com tampo em fórmica e com 3 gavetas cada; uma secretária de dactilografia, metálica, com tampo em fórmica e com 4 gavetas; uma secretária para dactilografia, metálica, com 5 gavetas; 4 cadeiras metálicas forradas a napa preta e uma cadeira metálica com braços de apoio; um ficheiro metálico com mesa de rodas; uma estante metálica com 4 prateleiras; uma calculadora OLIVETTI 250 sem n.º visível; uma máquina de escrever manual de marca MESSA com o n.º 6806607 e um frigorífico da marca Fagor, de 210 litros, modelo E-215 com o n.º de série 107, tudo em razoável estado de conservação a que se atribui o valor total de sessenta mil escudos (60 000$00).

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1986

O Juiz de Direito,
Manuel Luís Macaísta Malheiros

O Liq. Trib.,
F. Lopes

«DL» 25/1/86 — 2.ª publicação

MUNDIRAMA — VIAGENS E TURISMO, LIMITADA

CERTIFICO narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Janeiro de 1986, lavrada de folhas 4 a folhas seis, do livro de notas para escrituras diversas número A — dois, do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada em Direito Maria Filomena Marques da Cruz, JOSÉ DE OLIVEIRA CLARO e FLORENTINA DA SILVA CLARO, como únicos sócios e gerentes da sociedade em epígrafe, com sede em Lisboa, na Rua do Crucifixo, número 33, aumentaram o capital social de 2.500.000$00 para 10.000.000$00, sendo o aumento no montante de 7.500.000$00, subscrito pelos sócios e realizado em dinheiro, com as importâncias respectivamente, de 5.250.000$00 e de 2.250.000$00 e em consequência deste aumento de capital alteraram o número um do artigo quarto do respectivo pacto social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

ARTIGO QUARTO

UM — O capital social é de dez milhões de escudos, está inteiramente realizado em dinheiro e nos diversos bens e valores da sociedade, conforme a escrituração e corresponde à soma das quotas seguintes:

uma de sete milhões de escudos do sócio José de Oliveira Claro; e uma de três milhões de escudos da sócia Florentina da Silva Claro.

Está conforme: Lisboa 22.º Cartório aos vinte de Janeiro de mil novecentos e oitenta e seis.

O Terceiro Ajudante

Maria de Fátima M. O. de Sousa
N. Lourenço

D.L. 25/1/1986

O professor Tierno Galvan recebendo o dr. Januário d'Alessio (presidente da FIFUSA, Federação Internacional de Futebol de Salão) e António Alberca (presidente da oficializada FEFS, Federacion Española de Futbol Sala) antes do recente 2.º Campeonato Mundial de Futebol de Salão realizado em Espanha.

Futebol com tarja negra

Está de luto o futebol, nomeadamente na modalidade de salão: a morte de Enrique Tierno Galvan, que exercia o cargo de «alcalde» de Madrid e tinha como grande credencial a admiração de toda a Espanha pelo trabalho desenvolvido à frente da capital do país vizinho e o respeito por um passado de grande lutador contra a prepotência e a ditadura. Professor catedrático, defensor de primeira linha do ideal socialista, Tierno Galvan desapareceu aos 67 anos: opositor ao regime de Franco, conheceu as prisões, esteve escorraçado, lutou com todas as forças para fundar o Partido Socialista (primeiro do Interior, sucessivamente Popular e agora PSOE) de que era presidente honorário.

Jaz no cemitério madrileno de Almudena um sincero amigo de Portugal e das nossas gentes: uma queda, na sua residência, foi o fim da esgrima de um homem honesto e virado para o futuro, que tornou o seu ideal uma bandeira. Um cidadão que, nas horas livres, era figura apaixonada em torno do futebol: e que, especialmente, incrementou a modalidade de salão, ajudando à recente realização do 2.º Campeonato Mundial, desenrolado em várias cidades de Espanha. Uma artéria de Lisboa terá agora o nome de Tierno Galvan: a menor das humenagens que Portugal deve a um amigo que o futebol tem necessidade de colocar na memória dos inesquecíveis.

Aos médicos e futebolistas

Depois do controlo «antidoping» ter resultado positivo no portimonense Freire e em três colegas do Sporting da Covilhã, vários médicos se interrogaram sobre o que é (ou não) possível de prejudicar os profissionais de futebol das equipas que estão sob a sua orientação.

Aí vai a lista de produtos que, proibidos pela FIFA, estão sujeitos a acarretar graves sanções disciplinares para os jogadores que os tomarem, sabendo-se que a aparelhagem que vai funcionar no México, para a sua detecção, tem possibilidade de saber quem teve um **deslize** nos seis meses que precederam a fase final do «mundial»:

A — Estimulantes psicomotores, Como por exemplo: Amphétamine; Benzphétamine; Chlorphentermine; Cocaine; Diéthylpropion (Amfepramona); Diméthylamphétamine; Ethylamphétamine; Fencamfamin; Phendimétrzine; Phenmétrazine; Phentermine; Méchlorphénoxato; Méthylamphétamine; Méthylphenidate; Norpseudoépnedrine; Pémoline, Pipadro; Prolintan; e substâncias similares.

B. — Aminas simpaticomiméticas, Como por exemplo: Chlorprénaline; Ehpédrine; Etaephédrine; Isoétarine; Méthyléphédrine; Méthoxyphénamine; Norephédrine; Isoprénaline e substâncias similares.

C. — Diversos estimulantes do sistema nervoso central, Como por exemplo: Amiphénazole; Bémégride; Caféine; Copropamide (composição do «Micorène»); Crotétamide (composição do «Micorène»); Doxapran; Strychnine; Leptazole; Nicétamide; Picrotoxine; Ethamivan e substâncias similares.

D. — Analgésicos Narcóticos, como por exemplo: Analéridine; Codéine; Dextromoramide; Dihydrocodéine; Dipipanone; Ethylmorphine; Phénazocine; Heroine; Hydrocodone Hydromorphine; Levorphanol; Méthadone; Morphine; Oxocodone; Oxomorphine; Pentazocine; Pethidine; Piminodine; Tebacone; Triméperidine e substâncias similares.

Síncope mata voleibolista de 1.ª

A norte-americana Flo Hayman, considerada uma das três melhores voleibolistas do mundo, faleceu em Tóquio, vitimada por um ataque cardíaco durante o jogo que disputava. Hayman fez parte da selecção norte-americana que obteve a medalha de prata nas Olimpíadas de Los Angeles e alinhava desde 1982 numa equipa do campeonato de voleibol japonês.

A jogadora (de 31 anos), sentiu-se indisposta durante o terceiro «set» do encontro, sendo transportada em maca para um hospital, onde morreu pouco depois. Flo Hayman integrou a selecção norte-americana participante nas Taças do Mundo de 1977 e 1982, nos mundiais de voleibol de 1979 e 1982 e nos Jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles.

Do Zero ao Infinito

Neves de Sousa

Filhos e enteados

Estiveram entre nós dois dirigentes da arbitragem do futebol mundial. Houve palestras e reuniões, celebrou-se (abraço com abraço) a passagem de um mexicano e de um brasileiro por estas paragens. Os altos dignitários fifeiros foram (até) pretexto para almoçarada de marisco, ali para Paço de Arcos. E mais coisas: consoante os gostos (e os hábitos) de cada um.

Leu-se, em alguns jornais, que também se efectuou (num caro hotel da capital) o acto de posse do novo elenco que vai chefiar o luso futebol. Discursos, mais abraços, palavras de circunstância ou autenticamente de acordo com o coração e o sentir.

De nada valeu (nadinha) um mexicano e um brasileiro terem sido nossos hóspedes. Terem comido e bebido à custa do erário público nacional. De nós todos. Ao fim e ao cabo, mal entraram no avião, ainda estavam (provavelmente) algumas lágrimas nos olhos de amigos que ficaram (por ora) na Portela de Sacavém e já faziam manguitos à ideia de escolher / designar /seleccionar / apoiar algum árbitro português para a festa do «mundial» mexicano.

Não demos notícia circunstanciada da opulenta recepção que foi prodigamente ofertada a um mexicano e a um brasileiro, grandes mestres da arbitragem futebolística: não recebemos qualquer indicação oficial (federativa) da sua presença nem o mínimo convite para nos aproximarmos das duas tão elevadas individualidades.

Não referimos, com a amplitude que porventura poderia merecer, a bonita cerimónia que deve ter sido a continuidade, à frente da Federação de Futebol, de personalidades que merecem o maior respeito e, momentaneamente figuras populares, justificam referência: também para a festinha não foi convidado este jornal.

O que aconteceu no seio da arbitragem mundial já se sabe: levámos todos) com os pés.

Oxalá a escolha de filhos, em detrimento de enteados, não traga mau sinal futuro aos propósitos dos homens da Praça da Alegria. Há precedentes.

As perguntas que fazemos

● Certo (ou errado) que Carlos Lopes tinha prometido, de há muito tempo a esta parte, que a sua despedida seria na maratona de Tóquio, em homenagem a mestre Koboyashi, o homem que o recuperou para o atletismo de alta competição?

● Certo (ou errado) que depois do silêncio feito sobre as mortes de Pavão, Rico e José Pedro também uma capa de esquecimento começa a cair sobre o falecimento do jovem José Manuel Lopes Cavaleiro, que defendia as cores do Desportivo de Tentugal, tinha uma confirmada «deficiência cardíaca», mas estava autorizado a jogar futebol oficial e (pasme-se!) com autorização do Centro de Medicina Desportiva de Coimbra?

● Certo (ou errado) que o acidente sofrido por Conceição Oliveira (19 anos, canoísta do Clube Náutico de Crestuma que sofreu fractura da coluna vertebral durante um treino, elevando já a nove o número de canoístas do Crestuma afastados da modalidade em consequência de graves lesões e doenças contraídas nos exercícios de preparação) **«é** (como disse publicamente Ferreira da Silva, presidente da Federação Portuguesa de Canoagem) **resultado das desinteligências entre a Junta de Freguesia de Crestuma e os dirigentes do Clube Naval, pois os treinos decorrem em situação precária e sem um mínimo de segurança»?**

José António (Belenenses) perante Proust

● Qual é, para si, o cúmulo da miséria?

● **As barracas que (infelizmente) ainda existem nos arredores de Lisboa.**

● Onde gostaria de viver?

● **Na Suíça ou no Canadá, devido ao estado de espírito que estes países provocam ao oferecerem ao cidadão espaços verdes, civismo e limpeza.**

● O seu ideal de felicidade terrena?

● **Conseguir reunir tranquilidade íntima, relação amorosa estável e actividade profissional normal.**

● Que heróis de romance prefere?

● **Nenhum em particular, embora aprecie as figuras de Irving Wallace.**

● Personagem histórico favorito?

● **Sinto dificuldade em nomear alguém embora considere que existiu uma pessoa que marcou (e continua a marcar) todos aqueles que o lêem: Luís Vaz de Camões.**

● Quais as suas favoritas na vida real?

José António: craque aos Raios X

● **A actriz Meryl Streep. Só.**

● Pintor preferido?

● **Não sou muito informado no que respeita à pintura, contudo aprecio Rembrandt.**

● Músicos favoritos?

● **Os Deep People e Lionel Richie.**

● Qualidade preferida no homem?

● **A honestidade.**

● Virtude que distingue?

● **Essa mesma honestidade.**

● Ocupação preferida?

● **Gosto muito de ler e conviver com os amigos.**

● Quem gostaria de ter sido?

● **Com a mesma profissão que tenho, ser formado em Economia.**

● Principal traço do seu carácter?

● **Ser um pouco introvertido e muito honesto.**

● Que mais aprecia nos seus amigos?

● **A verdade. Sou contra a hipocrisia.**

● Seu principal defeito?

● **À primeira vista dar a ideia de ser uma pessoa antipática.**

● Cor preferida?

● **Azul.**

● Autores favoritos em prosa?

● **Irving Wallace, Eça de Queirós e Fernando Namora.**

● Os seus poetas preferidos?

● **Não sou um leitur assíduo de poesia: portanto, não tenho preferências. Todavia, posso acrescentar que vou começar a ler a obra de Fernando Pessoa.**

● Nomes preferidos de que mais gosta?

● **Nenhum em particular, porque tanto as pessoas como as coisas valem por aquilo que são ou representam e não pelos seus nomes.**

● O que mais detesta?

● **A guerra.**

Bibliografia desportiva

«Horizonte»

Com todo o aplauso, recebemos o n.º 11 do 2.º volume da «Horizonte» (Revista de Educação Física e Desporto) que, comandada pelo professor Teotónio Lima é uma pedrada no charco da escassa bibliografia desportiva. António Vilela, André Costa, Pinto Lopes, Olímpio Coelho, Jorge Olímpio Bento, Leandro Massada, Vasconcelos Raposo e Sebastião Cruz rubricam um sumário destinado a vasto auditório, numa publicação que é forçoso divulgar e incentivar pela mensagem que traz até ao nosso desporto.

Na sua agenda

Colóquio sobre desporto

Artur Jorge, treinador do Futebol Clube do Porto, participa na próxi na 2.ª-feira, em Peso da Régua, num colóquio sobre desporto. Para além daquele técnico, estarão presentes o médico do clube das Antas, dr. Domingos Gomes, bem como os futebolistas Eurico e Semedo. A iniciativa deste colóquio sobre desporto pertence à Associação de Alunos da Escola Secundária de Peso da Régua.

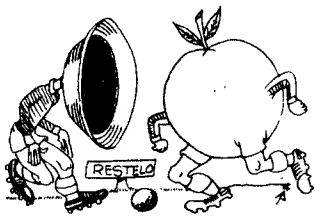
Atletismo em Lisboa

Dando cumprimento ao seu calendário de provas, a Associação de Atletismo de Lisboa promove hoje a realização do Torneio Regional de Inverno, em pista. As provas decorrerão no Estádio Nacional, com o seguinte programa: 3000 metros marcha (Femininos), às 14 e 30; 60 m barreiras (masculinos), triplo salto, disco (F) e altura (F), a partir das 14 e 50; 60 m barreiras (F), às 15 horas; 60 m (M), às 15 e 10; 60 m (F), às 15 e 25; 200 m (M), às 15 e 35; 200 m (F), altura (M), comprimento (F) e dardo (M), todos às 15 e 50; 800 m (M), às 16 e 05; 800 m (F), às 16 e 20; 3000 m (M), às 16 e 30; 5000 m marcha (M), às 16 e 50.

Hóquei em campo: Torneio de Lisboa

A Associação de Hóquei em Campo de Lisboa marcou para hoje os seguintes jogos em atraso, referentes à 8.ª jornada do Campeonato Regional: Carris - Palmense (Tapadinha, 14h); e Hockey - Belenenses (Av. Brasil). Entretanto, amanhã, disputa-se a partida F. Benfica - Caramão (Campo Francisco Lázaro, 11h), antecipada da 12.ª jornada.

O traço de Pargana



No Restelo: pastéis de Belém com laranjas de Setúbal.

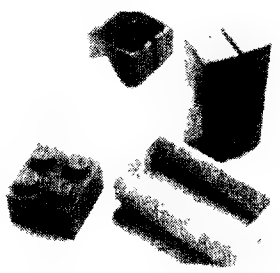
Pequena história da LEGO

Sistemas para construir e educar

Em 1916 um carpinteiro e marceneiro chamado **Ole Kirk Christiansen** estabeleceu-se em **Billund,** uma pequeníssima aldeola nos pântanos da **Jutlândia,** aí ganhando reputação de fazer produtos de qualidade até mesmo do mais pequeno pedaço de madeira. Em 1932, nos meados da Depressão, ele e os seus empregados encontraram-se sem trabalho, começando então a fabricar artigos para adultos, desde escadotes até tamboretes para ordenhar e bases de madeira para árvores de Natal, e brinquedos para crianças, em madeira, que rapidamente se tornaram no futuro da firma. Os automóveis eram os brinquedos principais sendo um dos modelos mais populares o «**Billund Especial**».

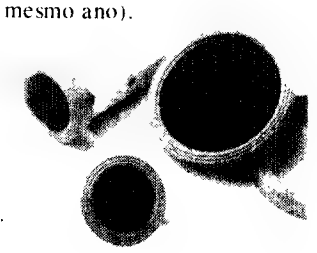
Em 1934 **Ole Kirk** deu aos seus brinquedos o nome **LEGO** (a partir das palavras dinamarquesas **Leg Godt,** que significam brincar bem). Mais tarde veio a descobrir-se que a palavra **Lego** em latim significa juntar.

O plástico só foi introduzido após a Segunda Guerra Mundial. Um dos primeiros produtos foi uma roca de bebé com a forma de um peixe. No princípio a madeira e o plástico eram manufacturados lado a lado. Quase despercebidamente, a firma começou a fazer pedras **LEGO** em plástico, sendo comercializadas duas versões, uma com 4 espigas e outra com oito. A pedra tinha espigas mas não tinha tubos.



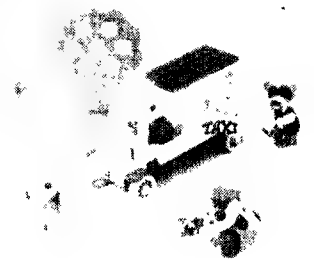
Em 1954 o filho de Ole Kirk, **Godtfred Kirk Christiansen,** decidiu que as pedras **LEGO** podiam fornecer a base para um sistema de brinquedo distinto. Começou a trabalhar o «**sistema de brincar LEGO**». A ideia estabeleceu-se firmemente quando o novo princípio de encaixe com espigas e tubos foi desenvolvido e patenteado mais tarde: os tubos trouxeram ao sistema uma nova estabilidade, uma firme acção de encaixe, e inumeráveis variedades de combinação.

A roda Lego foi inventada em 1961 e lançada no ano seguinte, sabendo-se que os primeiros comboios **LEGO** pousaram nos carris em 1966 (o motor de 4,5 Volts foi comercializado no mesmo ano).



A pedra «**DUPLO**», oito vezes maior que a pedra **LEGO,** foi lançada três anos mais tarde e, em 1971, a companhia introduziu os componentes da casa de bonecas, mobília e engrenagens, em cores alegres e em diversos tamanhos.

As primeiras figuras **LEGO** nasceram em 1974, seguidas em 1978 pelas minifiguras **LEGOLAND.** O programa técnico foi lançado em 1977 com modelos como na vida real para as crianças mais velhas. A «**Legoland Cidade**» foi também novidade no ano seguinte, com placas e estradas — ideal para se construir uma cidade própria e dar-lhe vida. Neste ano **Kjeld Kirk Kristiansen,** neto do fundador, foi a força condutora na organização de uma nova divisão da gama em categorias, sistematizando dentro do sistema.



A linha **Fabuland** com as suas figuras de animais e grandes componentes de construção chegou em 1979 — e continua a ser desenvolvida. Foi também neste ano que a **Legoland Espacial** voou a grande altura para o sucesso em todo o mundo.

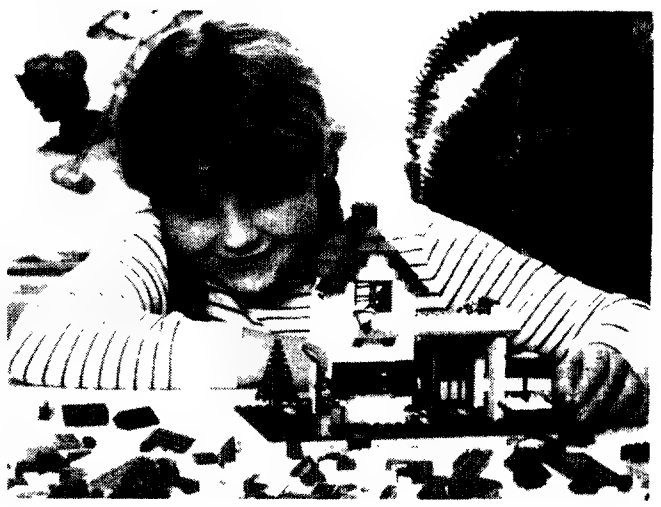
O programa de comboios aumentou, com chegada em 1980, e foi entusiasticamente recebido pelas crianças (e adultos) em toda a parte. Três anos mais tarde foi a vez da linha «**Duplo Baby**», com rocas destinadas às crianças a partir dos três meses de idade.

Esta é, em síntese, a história de uma família, de um conjunto de sistemas de brinquedos e de uma aposta para, com imaginação, ajudar à criatividade das crianças.

Vivendo geralmente em cidades e com brinquedos que são geralmente coisas acabadas que só podem ser utilizadas de uma maneira, os jogos de construção oferecem às crianças um vasto campo para o seu desenvolvimento, estimulando os poderes criativos e intelectuais, inatos na criança. A perícia é prescindível o que estimula por inteiro a criança que, sem peias, lhe dá a oportunidade de criar, recreando-se,, e produzir, expressando-se, dando forma concreta a pensamentos abstractos.

Assim, e enquanto brincam, as crianças constroem a sua autoconfiança e aprendem e desenvolvem-se sem consciência dessa aprendizagem e desenvolvimento.

Os jogos de construção, de que a **LEGO** é um bom exemplo, são hoje, essenciais para as crianças. É essa a razão pela qual a **LEGO** calcula que cerca de 300 milhões de crianças e adultos brincam ou brincaram com as suas pedras, de que hoje existem 250 conjuntos e muitas centenas de componentes, todos diferentes, vendidos em mais de 50 000 lojas em cerca de 120 países.



"Lusitafarme" representa Pierre Fabre

A **Lusitafarme — Produtos Farmacêuticos, Lda.** é o novo representante em Portugal dos **Laboratórios Pierre Fabre Cosmetique — Paris,** tendo apresentado às farmácias e à Comunicação Social, em reuniões de trabalho em Lisboa e no Porto, as suas novas linhas de produtos **Klorane beauté, A — Derma, dermopains** e **Équation.**

Nestas reuniões foi ainda indicada a dinâmica a imprimir aos produtos **Pierre Fabre** já existentes no mercado, ou seja, as gamas **Elancyl, Ducray** e **Klorane**, (capilar, bebé e sabonetes).

Esta apresentação esteve a cargo da farmacêutica **Geneviéve Dahlem do Centro de Investigação Dermatológica dos Laboratórios Pierre Fabre** e da **dr.ª Olímpia Fernandes,** consultora técnica destes produtos em Portugal.

O dr. **João Castanheira Martins,** director-geral da **Lusitafarme** saudou a numerosa assistência e **Jean Pierre Farret,** representante internacional dos **LPF,** dissertou sobre a evolução técnicocientífica da **Pierre Fabre**.

B.F.B. celebra 125 anos apoiando Portugal na C.E.E.

O **Banco Fonsecas & Burnay** comemora, este ano, o seu 125.º aniversário com o desenvolvimento de acções em que se inclui o apoio à integração de Portugal na CEE, com base na experiência recolhida pela sua sucursal em Bruxelas, ali instalada há vários anos, e a única portuguesa a operar na capital belga.

A participação portuguesa na Europa dos 12 foi um dos temas do **Encontro Nacional de Objectivos** que decorreu no Vimeiro, dia 18 do corrente, com a presença de cerca de 250 quadros e técnicos do **BFB,** aos quais incumbe colaborar numa nova política de gestão daquela entidade bancária, na qual se integra o novo posicionamento de Portugal. O **BFB** irá, a partir de agora, ter a possibilidade de canalizar transferências dos fundos comunitários para Portugal, apoiado pela sua sucursal na capital belga, por onde já passaram operações de grandes empréstimos a diversos países.

"Carga Expresso" novo produto nos TAP

A partir da experiência alcançada com o serviço **Carga Expresso Door to Door**, a **Tap Air Portugal** tem em preparação o lançamento, durante o ano de 1986, de uma modalidade de transporte de carga que exclui a recolha na origem e a entrega domiciliária no destino e que se designará por **Carga Expresso Airport to Airport** aplicável a toda a sua rede internacional. Esta modalidade beneficiará das mesmas vantagens de facilidades aduaneiras, da garantia de espaço e da celeridade no transporte do serviço **Door to Door**, sendo as tarifas a aplicar compatíveis com os serviços a prestar.

O serviço **Carga Expresso Airport to Airport,** tem vindo a ser aplicada com resultados significativos nas linhas domésticas da **Tap Air Portugal,** aplicando-se, quando solicitado, o conceito de recepção e entrega domiciliária mediante o pagamento de uma taxa adicional.

Philips galardoada no Japão

No passado mês de Dezembro a **Philips** recebeu o prémio japonês de tecnologia **Mainichi**, pelo desenvolvimento e comercialização do sistema **Compact Disc.** É a primeira vez que o prémio **Mainichi** — nome da maior companhia jornalística do Japão — é entregue a uma empresa não japonesa em 37 anos de outorga destes galardões, tendo-o recebido até hoje, e desde 1949, 138 tecnologias.

Quanto à **Philips**, este é o 8.º prémio internacional que recebe pela concepção e desenvolvimento do sistema **Compact Disc.**

B.F.N. assinalou 25 anos de vida

O **Banco de Fomento Nacional** procedeu à emissão restrita de uma medalha comemorativa do seu 25.º aniversário, da autoria do artista **Acácio Santos**, no seguimento de um conjunto de iniciativas e actividades que, ao longo do ano de 1985, assinalaram os 25 anos de existência do **BFN,** como instituição especializada de crédito.

O Natal no Grupo Fernando Barata

Albufeira albergou três festas de Natal para o pessoal do **Grupo Fernando Barata.** A discoteca «**O Pescador**» no **Hotel Sol e Mar,** o «bar-dancing» do **Aparthotel Auramar** e o «**Oleandro Coutry Club**». Os trabalhadores deste grupo na Madeira festejaram o Natal no refeitório do **Hotel S. João,** no Funchal, e o bar pombalino do **Hotel Suíço-Atlântico** recebeu, os funcionários de Lisboa.

Mas este grupo abriu também as suas portas, nesta época festiva, para os turistas (internos e externos, sobretudo ingleses) com festas de Natal e «reveillons» nos hotéis **S. João** no Funchal e **Sol e Mar** em Albufeira e na esidencial Vila Recife, também nesta localidade, que pela primeira vez esteve aberta na época baixa, aumentando a capacidade hoteleira de Albufeira em mais de 200 camas.

Mas as **O.F.B.** foram ainda escolhidas para o convívio de Natal da delegação algarvia da **Associação Barmen de Portugal** efectuado no **Oleandro Country Club** e para o 17.º Congresso do **Movimento Internacional dos Falcões,** que optou pelo **Hotel Sol e Serra** de Castelo de Vide. Surgido da Áustria em 1922 e devotado desde o início à educação e protecção da infância e da juventude, este movimento tem a sede central em Bruxelas e é actualmente presidido pelo sueco **Nils Nilsson,** fazendo parte da **Internacional Socialista,** da **UNESCO** e da **UNICEF** e do **Conselho da Europa,** neste caso a título consultivo. Em Portugal é representado desde 1984 pela **Associação para a Promoção Cultural da Crianca.**

O que aconteceu aos intérpretes de um único grande êxito?

Charles Fraser

AEI / «DL» em exclusivo para Portugal

Os intérpretes com um único grande êxito na sua carreira começaram quase ao mesmo tempo que uma revista norte-americana começou a publicar as suas listas de êxitos musicais. São homens e mulheres cujos nomes e canções estiveram na boca de toda a gente, antes de se tornarem simples ecos da história da música.

Na altura em que as listas de «tops» comemoram o seu quinquagésimo aniversário — mais exactamente a 4 de Janeiro —, podem-se recordar o que se designa em inglês como «one-hit wonders», ou seja, homens e mulheres que tiveram uma canção no primeiro lugar dos «tops» e que nunca conseguiram êxito igual, por muito que tentassem.

Por exemplo, a controversa canção de Serge Gainsbourg e Jane Birkin «Je t'aime moi non plus» esteve nas listas internacionais de êxitos durante 34 semanas em 1969. Os dois ainda pertencem ao meio artístico francês, mas o seu êxito na canção terminou tão abruptamente como começara.

John Denver, ainda um artista de fama internacional, inacreditavelmente também teve um único êxito nas listas: «Annie's song», em 1974. Diz ele: «Há coisas mais importantes do que as tabelas de êxitos, mas é agradável ter estado no top!».

Também Paul McCartney e Elton John

A dupla Paul McCartney-/Stevie Wonder também conseguiu apenas um único grande êxito. É o mesmo se passou com Elton John e Kiki Dee e com os Queen e David Bowie.

Os êxitos únicos começaram assim que a revista norte-americana «Billboard» começou a publicar as tabelas de êxitos em 4 de Janeiro de 1936. E têm-se sucedido desde então.

Em 1954, por exemplo, Kitty Kalen «varreu» tudo com um disco intitulado «Little things mean a lot». Desde então, não voltou a aparecer nas listas de êxitos.

Jerry Keller teve êxito mundial em 1959, com «Here comes summer». Mas em breve o Inverno abafou a sua carreira.

O mesmo se passou como os Kalin Twins, que criaram um padrão moderno com «When», para depois desaparecerem rapidamente.

O actor Lee Marvin também esteve nas tabelas de êxitos com a canção «Wand'rin star», do filme «Os maridos de Elizabeth». Mas será que ele tentou repetir o sucesso? Marvin responde:

«Não sejam tontos. Foi um milagre a canção ter chegado a número um, mas foi um milagre ainda maior eu ter conseguido acabar de a gravar». Um dos «one-hit wonders» que mais êxito tiveram foram os Archies, com a canção «Suger sugar», que se manteve em primeiro lugar nas tabelas durante oito semanas.

Quando a «Billboard» começou a elaborar as suas listas de êxitos, estas incluíam apenas dez «singles». Só em 1955 a revista começou a publicar os «Top 100».

Durante metade do primeiro ano de existência dos «Top 100», uma canção de Perez Prado esteve no primeiro lugar ou perto dele: «Cherry pink and apple blossom white».

Os outros grandes sucessos musicais do ano incluíram «Sincerel Y», pelas McGuire Sisters, «Sixteen tons», por Tennese Ernie Ford, e «Love is a many splendoured thing», pelos Four Aces.

O «hit parade» britânico

Por essa altura, a Grã-Bretanha já tinha o seu própria «hit parade». Em Novembro de 1952, o «New Musical Express» tinha publicado as primeiras listas de êxitos britânicos com base nas vendas de discos. Incluiam doze canções e eram relegadas para um canto secundário do jornal.

Mas a sua popularidade cresceu rapidamente. Dois anos depois, a lista tinha sido alargada para vinte canções e era publicada com muito maior destaque. «Here in my heart», por Al Martino, foi a primeira canção a figurar em primeiro lugar num «hit parade» britânico e manteve-se aí durante nove semanas. Mas, depois disso, Martino pouco sucesso teve e foram necessários três anos para que outra canção sua, «The man from Laramie», voltasse a fazer parte das listas de êxitos. Só 18 anos depois, surgiu o seu terceiro sucesso, «Spanish eyes», que ocupou o quinto lugar das tabelas em 1973.

Uma cantora norte-americana, Jo Stafford, ocupou a segunda posição no primeiro «hit parade» britânico com «You belong to me».

A mesma cantora conseguiu colocar no primeiro lugar «Here in my heart». Foi apenas um «hit» numa carreira brilhante que deu a Jo vendas num valor superior a 35 milhões de dólares.

Mas os anos cinquenta pertenceram realmente ao «rock and roll». Billy Haley and the Comets produziram o que é ainda o maior êxito de sempre deste género com «Rock around the clock» e Elvis Presley iniciou a sua sequência de êxitos.

Os anos sessenta iniciaram-se com o êxito monstruoso de Percy Faith, «Theme from a summer place», que esteve nos «tops» de todo o mundo.

A isso seguiu-se o aparecimento de uma nova «estrela», o australiano Frank Ifield. Teve três grandes sucessos: «I remember you», «Lovesick blues» e «Wayward wind».

Foi quando «Wayard wind» dominava os «hit parades» que um disco chamado «Love me do», de um novo grupo com o nome de Beatles, fez o seu aparecimento modesto. Meses depois, a «beatlemania» tinha chegado, alterando todo o mundo da música pop.

Nenhuma vedeta dominou os anos setenta, embora os Bee Gees tenham talvez conseguido as maiorès vendas com «Night fever» e «Stayin' alive». O «single» de maior êxito em todo o mundo foi «You light up my life», por Debby Boone.

E actualmente?

Mas nenhum dos «singles» actuais se pode comparar em vendas com canções dos primeiros tempos das listas de vendas. «White Christmas», por Bing Crosby, já vendeu até agora 150 milhões de exemplares.

É também a canção mais pedida do mundo, seguida de «People will say we're in love», «Harbour lights», «I'll be seeing you» e «You'll never know».

Quais serão os grandes êxitos musicais dentro de 50 anos? Será que os grandes nomes de hoje, como Michael Jackson, Madonna e Prince, ter-se-ão juntado aos imortais de ontem cujos discos são ainda procurados?

E quantos mais «one-hit wonders» terão passado pelos «hit parades» de forma efémera até que as listas de êxitos completem cem anos?

Bill Haley rubricou nos anos 50, com os seus «cometas», o maior êxito de sempre no género. Quem não se lembra do «Rock Around the Clock»?

Fernanda Lapa

Mário Jacques

Tchekov e Olga Knipper: cartas de amor no palco

Uma actriz francesa, Francine Bergé, descobriu um dia uma biografia de Olga Knipper, grande actriz russa, intérprete famosa das peças de Tchekhov com quem esteve casada nos últimos anos da vida do grande escritor.

«Devias fazer alguma coisa com esta história», disse ela a François Nocher, amigo de longa data, encenador e, também ele, actor. Seguiram-se meses de pesquisa com a leitura de milhares de cartas e a sua tradução, o que permitiu a reconstituição de uma bela história de amor através de documentos autênticos. E o trabalho final: teatralizar sem trair, tarefa a que François Nocher se dedicou com paixão e capacidade dramatúrgica.

Dos últimos anos da vida de um grande escritor, que finalmente se decide a amar, da ascensão desta vedeta do início do século em Moscovo, que inspirou Tchekhov em várias das suas obras, nasceu uma peça invulgar **Tchekhov-Tchekhova, de que são intérpretes, respectivamente, Mário Jacques e Fernanda Lapa. A encenação é do próprio autor que dirigiu a obra nas criações de Paris e Bruxelas. Brevemente em cena, na sala do Instituto Franco-Português.**

FANTASPORTO 86

Festival de antestreias

Pelo sexto ano consecutivo a cidade do Porto vai ser palco do seu Festival Inernacional de Cinema, o Fantasporto 86. Capital do cinema do imaginário durante dez dias o Porto poderá a partir do próximo dia 7 de Fevereiro presenciar cerca de 100 filmes dos mais diversos países nas salas do Auditório Nacional de Carlos Alberto e Cinemas Lumiére A e L.

Mais uma vez a secção oficial do certame conta com nomes importantes do cinema cujos destaques vão este ano para filmes vindos dos Estados Unidos: «A Noite do Espanto» (Fright Night) de Tom Holland, «O Fio do Suspeito» (The Jagged Edge) de Richard Marquand, «Blood Simple» de Joel Cohen; da França «Le Declic» de Jean Louis Richard, «Gwen, o livro da Areia» de J. François Languionie, «Parking» de Jacques Demy, «L'Arbre sur la Mer» de Phillipe Muyl, «L'Amour Braque» de Andrej Zulawsky e «Le Telephone Sonne Toujours Deux Fois» de J. Pierre Vergne); da Grã-Bretanha «Dreamchild» de Gavin Millar; «Morons from outer Space» de Mike Hodges, «Zina» de Ken McMullen e «Lifeforce» de Tobe Hooper (este ainda por confirmar), da Itália «Phenomena» de Dario Argento e «Demónios» de Lamberto Bava; do Canadá «Night Magic» de Lewis Furie/Leonard Cohen, da Suécia, «O Homem de Maiorca» de Bo Wiederberg; da Dinamarca «The Element of Crime» de Lars von Trier; da Islândia «When the Raven Flies» de Hrafn Gunnlaugson; da RFA «O Princípio da Arca de Noé» de Roland Emerich e ainda «Los Motivos de Berta» de José Luis Guerin, «Karnabal» (Els Comediantes) e «Fogo Eterno» (Angel Rebolledo), todos de Espanha, «Sex Mission» «Juliusz Machulski e «O Fantasma» (Marek Nowicki), ambos da Polónia, «O Mundo Brilhante» (Bulat Mansurov) e «O Dia da Ira» (Sulambek Mamilov) da União Soviética e «O 3.º Dragão» (Peter Hledic) e «Os Diabos» (Hynek Bocan) ambos da Checoslováquia.

No sector de curtas-metragens os destaques vão para os portugueses «Oh que Calma!» de Abi Feijó e «O Alquimista» de Paulo Guilherme, «Idos com o vento» de Marcio Kogan do Brasil «Wings of Death» da Brã-Bretanha, para além de filmes vindos da Checoslováquia, Bélgica, Holanda e Polónia.

Terão lugar de destaque ainda no Fantasporto mas nas suas secções paralelas, as homenagens a Orson Welles, a Fritz Lang e a Vicente Aranda, as retrospectivas dedicadas ao cinema fantástico japonês e a Harry Kumel e os novos sectores «Rostos do Fantástico» — Peter Cushing, «Cinema e BD», «Novos Clássicos» e «Secção Especial».

Adeus a Ricky Nelson

Roberto Cazorla

EFE/DL em exclusivo para Portugal

Talvez uma das piores notícias com que deparámos no começo do ano de 1986 — sobretudo a nível artístico — foi o trágico acidente aéreo onde o popular cantor americano, Ricky Nelson, encontrou a morte.

A imprensa de todo o mundo noticiou-o. O avião em que viajava, um DC-3, despenhou-se em De Kalb, uma localidade no limite do Estado do Texas com Oklahoma (EUA). Com o cantor morreram mais 6 pessoas, que faziam parte da banda que o acompanhava.

«Ricky era uma das pessoas mais apegadas à vida que eu conheci. A morte nunca entrava nos seus 'projectos'. Quem o ouvia falar convencia-se de que ele seria eterno. Estava sempre de bom humor e nunca se considerou uma estrela, já que irradiava simplicidade e uma grande compreensão», afirmou o músico Anthony Williams, que em tempos pertenceu à sua orquestra.

Ricky Nelson tinha projectado actuar em Dallas (Texas) na noite de fim de ano e para isso tinha terminado 2 belas canções que iria estrear durante esse concerto.

Era um dos sobreviventes dos anos 50-60. Jamais pensou em retirar-se. Quando lhe falavam disso dizia com um sorriso: «Não acho que tenha feito tudo o que a vida me ordenou. Considero-me muito jovem e a minha imaginação está sempre em actividade. Não vejo o mundo musical sem a minha presença. Não quer dizer que seja bom, mas sou sincero e ofereço coisas 'limpas', puras, a minha arte».

Gozava de uma boa reputação no mundo artístico, coisa bastante rara quando, como ele, se alcança a fama e a fortuna.

Os Estados Unidos choraram a morte do cantor, assim como o resto do mundo, já que Ricky Nelson eram um dos cantores que se podia considerar «de fama universal».

Tinha 45 anos

Era um homem alto, de olhos azuis e extremamente elegante. Aos 45 anos conservava a sua arrogância e físico jovial.

Desde muito novo que demonstrou um vivo interesse pela música. «A primeira prenda 'real' que me ofereceram foi uma guitarra que ainda conservo. Foi o dia mais feliz da minha vida e desde então encaminhei a minha vida para a música. Sempre soube que esse era o meu destino», dizia constantemente quando lhe faziam perguntas sobre a sua paixão pela música.

Também confessou que «não foi fácil alcançar a fama». Eram os tempos em que era exigida muita competência. Havia um grande número de jovens que desejavam dar-se a conhecer, fazer dinheiro e adquirir essa categoria de ídolo que a juventude americana dos anos em que começou a sua carreira tanto cobiçava.

Bem recebido desde o seu começo, há que reconhecer que a sua fama e a sua fortuna se consolidaram nos finais dos anos 50. «Foi uma época muito bonita. Tudo foi muito difícil, mas não o lamento, já que hoje me considero um homem com muita sorte», disse há pouco tempo numa entrevista radiofónica em Chicago.

Começou por gravar discos pequenos, com 4 canções, até chegar ao 72.º. Mais tarde, como era de prever, iniciou a sua escalada até ao LP e chegou a gravar 34 álbuns, vendendo mais de 50 milhões de discos em todo o mundo.

Canção inesquecível

Era difícil que um jovem colegial não levasse entre os livros um disco de Ricky Nelson. Mas foi em 1958 que surgiu dentro e fora do seu país, uma espécie de «loucura colectiva» com a sua canção intitulada «Hello Mari Lou». Esta canção permaneceu muitíssimo tempo como n.º1 em quase todas as estações de rádio do país. Rapidamente «choveram» fabulosos contratos para o estrangeiro e pela primeira vez percorreu parte dos 5 continentes. A sua chegada ao Japão foi algo realmente inesquecível. E isso aconteceu no tempo em que não era fácil para um cantor ocidental adquirir fama no mundo asiático.

Foram muitos os cantores e agrupamentos de outros países que interpretaram as canções que Ricky Nelson fez famosas em todo o muno. O seu período de grande esplendor foi de 1957 a 1964. Neste último ano (1964) decidiu retirar-se durante uns tempos para compor melodias que, segundo as suas próprias palavras, «lhe estavam a dar voltas à cabeça há muito tempo e que não podia compor por excesso de trabalho».

Rodeou-se da família e de todas as comodidades que só uma estrela como ele conseguiria. A sua ausência durou 10 anos, coisa que os seus admiradores não lhe perdoaram, sobretudo as raparigas que ele ensinara a sonhar. Mas em 1981 regressava com uma grande maturidade artística e humana. Nessa altura converte-se num célebre autor de música «country rock». Tinha deixado para trás a sua época de cantor de «rock and roll».

«Os meus pais foram muito duros comigo»

Nasceu em Teaneck, Nova Jersey, a 8 de Maio. O seu verdadeiro nome era Eric Hilliard Nelson. Os seus pais eram 2 conhecidos actores de rádio. «Os meus pais foram muito duros comigo. Tendo 2 artistas em casa, repito, não foi fácil a minha entrada nesse mundo, ainda que tenha começado com eles, muito novo. Exigiam-me demasiado», disse numa entrevista ao «New York Time».

Devido ao êxito do programa radiofónico de seus pais, foram contratados — toda a família — pela televisão, onde Ricky Nelson começou a cantar, convertendo-se num verdadeiro ídolo das adolescentes.

Foi então que gravou o seu primeiro disco com a canção «Fats Domino».

O 1.º agrupamento que formou chamava-se «Stone Canyon Band». E também há que recordar títulos de outras canções que foram ouvidas em todo o mundo: «I'm walking», «It's Late», «Garden Party», etc. Também no cinema demonstrou o seu talento como actor. «Depois de cantar, o que mais me agrada a nível artístico é actuar», dizia.

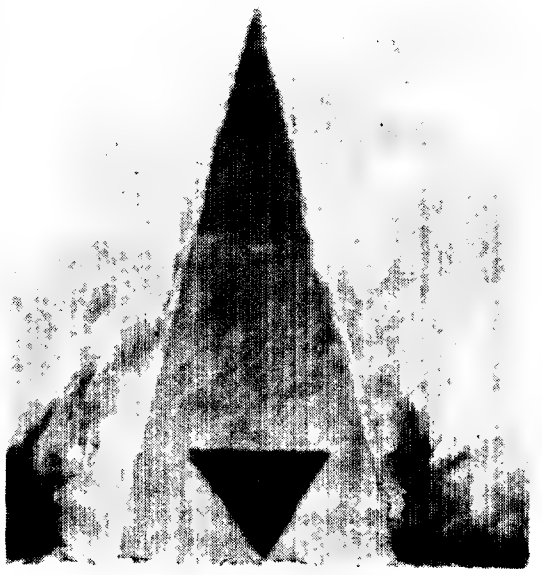
Como actor sempre quis interpretar a personagem de W. Shakespeare, «Hamlet».

São muitos os títulos cinematográficos que enriquecem a «aventura» como actor de Ricky Nelson, entre os quais se destacam «Rio Bravo», com John Wayne, e «A metade do mundo».

Era casado com Kris Harmon e tinha 3 filhos. Sempre foi um pai exemplar «para mim não há maior alegria do que regressar a casa e encontrar a minha família», dizia frequentemente.

Ricky Nelson foi um dos grandes nomes da música moderna dos EUA, brilhando ao lado de grandes nomes como Elvis Presley, Frankie Avalon, Pat Boone e Paul Anka.

Ricky Nelson com a sua amiga Helen Balis, fotografados em Outubro de 1985



Uma pintura de David de Almeida, patente na Galeria 111

Exposições

● Na Galeria 111, ao Campo Grande, está patente ao público desde ontem a exposição de pintura de **David de Almeida**. A mostra é, segundo Luiz Fagundes Duarte, «a súmula de quase tudo quanto até agora aprendeu ao longo do processo de desenvolvimento da sua arte de pintor».

● Miguel d'Alte, Seara, António Olaio, Pedro Tudela, I'Caro, Nuno Santa Cruz e António Melo apresentam obras suas na Galeria Roma e Pavia, no Porto, intitulada «Pintura para 1986». A mostra pode ser visitada das 14.30 às 20.00 horas.

● Até 12 de Fevereiro, das 16 às 20 horas, pode apreciar gravura, desenho e pintura de **Maria Gabriel**, na Galeria Tempo (R. Nova de S. Mamede, em Lisboa). Sobre o seu trabalho, escreveu Fernando de Azevedo: «Entre a turbulência que dinamiza o vulto através de linhas envolventes e sobrepostas — como nos destinos das pessoas se lê — e a serenidade operatória que lhe organiza o espaço onde este visual destino das personagens não mais as separa da circunstância narrativa e da justificação do seu aparecimento, a obra de Maria Gabriel impõe, entre o jogo, o susto e a raiva, uma dramaticidade real e bem presente. Talvez, mais do que possamos imediatamente julgar, venha a tornar-se o retrato possível em que todos entramos ou de que, esforçadamente e sem glória, queremos, enfim sair.»

● Nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian está patente desde ontem uma exposição retrospectiva da obra de **Carlos Ramos**.

Cinema

● Hoje e amanhã, pelas 21.30 horas, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, é projectado o filme de Bernardo Bertoluci, «La Luna».

● Numa iniciativa do Cine-Clube de Viseu, é exibido pelas 11 horas um **filme infantil** (desenhos animados): «O Senhor dos Anéis», de Ralph Bakshi. A sessão tem lugar no Auditório Calouste Gulbenkian da Casa-Museu de Almeida Moreira.

Teatro

● Este fim-de-semana despede-se a peça «Amadis» que a Comuna tem em cena desde o passado mês de Junho. «Amadis», da autoria de Abel Neves, recria o mundo maravilhoso dos romances da Idade Média, a partir do célebre «Romance de Amadis», fixado em texto definitivo por Afonso Lopes Vieira. A peça tem encenação de João Mota, música original de José Pedro Caiado e Tó Neto e a interpretação está a cargo de todo o elenco da Comuna. Se ainda não viu esta peça não deixe de o fazer hoje às 21.30 ou amanhã pelas 17 horas.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Club
T. 763319
A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h

Amoreiras 3
SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 4.00 h

Avila
— T. 539930
JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis
— T. 547163
AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
O MISTÉRIO DE UM RAPTO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscopio
— T. 795093
BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio
— T. 372358
O MUNDO PORNO DE DUAS IRMÃS
(Int. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O QUE PROMETO... NÃO FAÇO!
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «Movimento em Falso», realizado por Wim Wenders, com Anna Schygulla, Nastassja Kinski e Rüdiger Vogler. Em exibição no Cinema Quarteto.

Cinebloco
— T. 556824
OS AMANTES DE MARIA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AMANTES
(maiores 12 anos) 24.00 h

Cine Camões
T. 324194
O DESAFIO DO DESTINO
(não acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cinemateca
Homenagem a Leopoldo Torre Nilsson
POGDRA LIBRE/1975
(maiores 12 anos)
(legendado em inglês)
21.30 h

Cine 222
— T. 579460
LARANJA MECÂNICA
(int. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O IRRESISTÍVEL AVENTUREIRO
(não acons. men. 13 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anushu
AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
O CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(int. 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FIRE FOX
(int. men. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
COMANDO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
O ESQUADRÃO DA VINGANÇA
(int. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
RAMBO – A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255
VIDAS EM JOGO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
«NÓS TRÊS – MOZART EM ITÁLIA»
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
REGRESSO ALUCINANTE
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2
OS PUNHOS DA VINGANÇA
(int. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
THOR, O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037
"PLACIDO"
de Luís Garcia Borlenga
(maiores 12 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini
— T. 734009
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
COMANDO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio
— T. 555134
OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
COMANDO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
BOLERO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
A JUSTIÇA DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
AS FÉRIAS SEXUAIS EM ST.ª TROPEZ
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathé
— 821933
DR. JENKEIL GOSTA DELAS QUENTES
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
(maiores 13 anos) 24.00 h

Politeama
T. 326305
OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SONHOS DE OURO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O GÉNIO DO MAL
(maiores 16 anos) 00.45 h

Sala 2
CUIDADO COM ESSA PUTA SAGRADA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
COMÉDIA ROMÂNTICA
(maiores 16 anos)
00.45 h

Sala 3
NOME: CARMEN
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
CINCO DIAS, UM VERÃO
(maiores 16 anos)
00.45 h

Sala 4
MOVIMENTO EM FALSO
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
A PROVINCIANA
(maiores 16 anos)
00.45 h

N'Gola
ANDREI RUBLIOV
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 18.15 e 21.30 h

Restelo
T. 610375
GLORIOSOS MALUCOS DA ACADEMIA DO VOLANTE
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex
2019, DEPOIS DA QUEDA DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192
BOLERO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
O SEGREDO DA CAVERNA FANTASMA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3
CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
OS GOONIES
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
O MISTÉRIO DE UM RAPTO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
SHEENA – RAINHA DA SELVA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h
SHIZO – DEMÊNCIA SINISTRA
(não acons. men. 18 anos)
24.00 h

Xenon
T. 368480
2019 – DEPOIS DA QUEDA DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
TERRA SANGRENTA KILLING FIELDS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
A SOBRINHA É DE GRITOS
(int. men. 13 anos) 24.00 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio — «O espião do sapato vermelho», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — «Jovens e apaixonados», às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Divórcio em Hollywood», às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Mad Max Além da Cúpula do Trovão», às 15.00 e 21.30 h (maiores 6 anos). «Afrodite», às 24.00 h (int. men. 18 anos)
MEM MARTINS — Cine Teatro Chaby «A fronteira da vergonha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 13 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «A Floresta Esmeralda», às 17 e 21.15 h (m. 12 anos)
ALGÉS — Cinema «Missão final», às 16.30, 18.30 e 21.30 (maiores 16 anos). «O [illegible] Shaolin», às 23.[illegible] (int. m. 13 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Os gansos selvagens contra atacam», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos). «Para que servem os amigos», às 24.00 h (não acons. men. 18 anos)
ALMADA — Incrível — «Um homem fora de série», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos). «Missão: matar ou morrer», às 24.00 h (não acons. men. 13 anos)
PAVILHÃO JARDIM (Trafaria) — «As grades do inferno», às 16.00 e 21.30 h (maiores 16 anos)

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Hoje) — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 1683 (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Manuel Vicente Jesus**, L. do Rato, 3-C-D (T. 681947); **ROCHA: Pinheiro**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 686640); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BRANDOA -AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

PERMANENTE (Amanhã) — ALVALADE - POTE DE ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto**, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS: Góis**, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA: Teixeira Lopes**, R. do Ouro, 154-155 (T. 342816); **CAMINHOS DE FERRO: Alves Carvalho**, R. do Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **D. CARLOS I: Lys**, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO -MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9910812); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25 (T. 2767356). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moinho (T. 2950721). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rêgo, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073443). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 231133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Brasil**, P. do Brasil, 15 (T. 24788). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia, 48 (T. 27760). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Sãp Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Permanente; **Romeiro**, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra e Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — SACAVÉM: Cortes, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

Porto — DE DIA E TODA A NOITE — LIDADOR, R. do Lidador, 171; **SOUSA BEIRÃO**, L. de São Pedro, 64, Campanhã; **SILVA PEREIRA**, R. Costa Cabral, 293; **BOAVISTA**, R. da Boavista, 601, à Carvalhosa; **SOUSA SOARES**, R. de Santa Catarina, 141.

Coimbra — SÃO MARTINHO, São Martinho do Bispo (T. 813425); **NAZARETH**, R. Ferreira Borges, 135-139 (T. 22605).

DL TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De terça a sábado, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**ARSÉNICO E RENDAS VELHAS**». Original de Joseph Kesulrind. Versão portuguesa de César de Oliveira, Gaspar Fiuza e Carlos César. Intérpretes: Maria Helena Matos, Carlos Quinas, Camacho Costa e Luísa Barbosa.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Quintas, sextas e sábados, às 21.45; aos domingos às 16.00

«**TU E EU**», de Friecrichtk Zwaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Soc de Instrução Guilherme Cossoul

Av. D. Carlos I, 61

Sextas e sábados às 21.30; domingos às 16.00

«**O REI DA VELA**»

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos às 17.00

«**AMADIS**», de Abel Neves. Encenação de João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede e Paulo Ferreira.

Café Teatro: «PÓ DE PALCO», aos sábados, às 24.00. Espectáculo de Café Teatro. Com Amélia Videira, Carmen Marques, Carlos Paulo, José P. Gomes e Marques Arede (versão renovada).

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Experimental

De terça a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 16.30

«**A CAÇA AO SNARK**». Encenação de Teresa Garcia Fernando, pelo Grupo «Dou-te Tudo e Mais Não Posso»

Salão das Furnas

R. Raul Carapinha (a Sete Rios) — Tel. 72 60 152

Às 2.ªs, quintas e sextas, às 9.30, 11.00 e 18.30

«**BOLA DE SABÃO**», pelo Grupo Papa Léguas.

Finalmente Club

R. da Palmeira, 38 — Tel. 37 26 52

Todos os dias, excepto à segunda, às 24.00

«**NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM**», de José Manuel Rosado. Intérpretes: João Filipe, Joaquim Centírio, Lydia Barloff, Ruth Briden, Vicky Batton, Vital Leal e Zizi Mayer.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**BODAS DE SANGUE**», de Lorca. Encenação de Blanco Gil.

Maria Matos

4.ªs, 5.ªs, 6.ªs e sábados e feriados às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**HEDDA GABLER**». Encenação de Carlos Quevedo e interpretado por Graça Lobo, Rogério Paulo, Henrique Viana, Virgílio Castelo, Carmen Santos, Maria Cristina e Madalena Sotto.

Grupo de Teatro Maizum

R. Poiais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «**NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO**», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armanda.

Teatro do Século

R. do Século, 41

Sextas às 21.30; sábados às 17.00 e 21.30; domingos às 17.30

«**EMBALAGEM PERDIDA**», de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalheiro.

TIL

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«**GALILEU, CONTADOR DE HISTÓRIAS**». Encenação de Kim Cachopo.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Cascais Espaço TEC

Av. Marechal Carmona, 6-B (ao Pão de Açúcar) — Tel. 286 79 33

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«**NO NATAL A GENTE VEM TE BUSCAR**». Texto e encenação de Naum Alves de Sousa. Intépretes: Anna Paula, António Marques, Cecília Guimarães e Santos Manuel.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**POUCO BARULHO**», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Setúbal — Teatro de Bolso

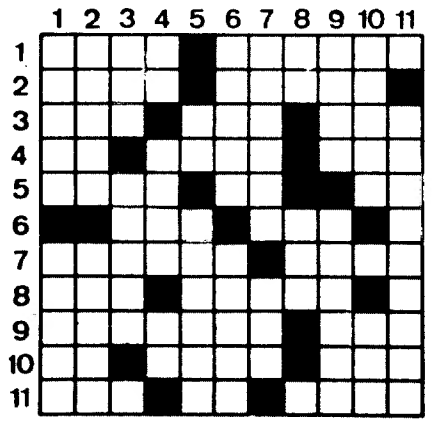
R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9

Sextas e sábados, às 21.30; domingo, às 16.30

«**O MENINO DE SUA MÃE**». Textos: Fernando Pessoa. Encenação de Carlos César e Carlos Curto. Intérpretes: Isabel Ganilho, Carlos Rodrigues, Pompeu José, etc.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 15 642



HORIZONTAIS:

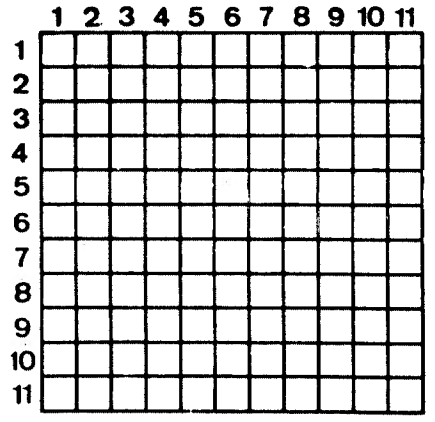
1 Aquele que. Quebrem.
2 Dá urros. Avarenta.
3 Época. Romeiro de Meca. Estava.
4 Batráquio. Grande desordem. Oceano.
5 Serra de Portugal. O mesmo que uma (ant. e pop). Pátria de Abraão.
6 Armaria. Chefe etíope.
7 Embarcações parecidas com o bote, usadas no rio Tejo. Feiticeira.
8 Mau cheiro. Devastai.
9 Afrouxara. Nome de homem.
10 Ósmio (s.q). Braços de mar. Arara.
11 Ofereço. Abreviatura de Santíssimo. Estimam.

VERTICAIS:

1 Tenciono. Proferiu.
2 Dás urros. Casualidade.
3 Tempo do verbo ser. Divisões de uma casa.
4 Ruim. Ministro do Caimio, no antigo regime do Japão. Senhor.
5 Autores. Assassinais.
6 Remunerou. Curas.
7 Prevenir. Pêlos de certos animais.
8 Rádio (s.q). Deseja.
9 Carruagem. Foram para fora.
10 Cidade da Suíça. Larva das feridas dos animais.
11 Baixariam.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 481



HORIZONTAIS;

1 Nome de letra. Fruto silvestre.
2 Tecido de algodão. Marcai o peso da tara.
3 Clima. Letra grega. Irídio (s.q).
4 Domesticar. Acerta.
5 Pertences. Nome de mulher.
6 Reis. Pronome possessivo. Ninho.
7 Rio do Estado da Baía, Brasil. Nesse lugar. Basta! Letra grega.
9 Borto de embarcação. Oceano.
9 Cume. A Pérsia.
10 Prefixo de privação. Estarias obrigado a.
11 Limpo com água. Causas amuo a.

VERTICAIS:

1 Pároco. Na Índia, negociante de cereais.
2 Espécie de lagosta. Medita.
3 Arsénio (s.q). Espaço de trinta dias. Artigo indefinido.
4 Tempo do verbo ir. Charrua.
5 Paixão. Irmã da mãe.
6 Pronome pessoal. Deusa.
7 Moeda de Diu. Prenderem.
8 Nome de mulher. Sapo do Amazonas.
9 Sufixo que designa estado. Rio da Europa Central afluénte do Danúbio. Triturava.
10 Batráquio. Navalha de ponta e mola (gir). Carta de jogar.
11 Encoleriza. Naipe das cartas de jogar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15 641**

HORIZONTAIS:

1 Abateras. Pi.
2 Are. Adiras.
3 Isar. Maga.
4 Abatia. Asar.
5 Namos. Ro. Ra.
6 Eco. Pá. Aa.
7 Lo. NÃO. Suor.
8 Altar.
9 Serra. Sono.
10 Será. Cs. Res.
11 Amasso. HÁ.

VERTICAIS:

1 PANELA. Sa.
2 Ba. Baco. SEM.
3 Ariano. Pêra.
4 TESTO. Ras.
5 Ais. Aar.
6 Rara. Polaco.
7 Ad. Rã.
8 Simão. Sãs.
9 Rãs. Aurora.
10 Pagarão. Ne.
11 Isara. Rios.

Provérbio: NÃO HÁ PANELA SEM TESTO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 480**

HORIZONTAIS:

1 Unelos. Uspe.
2 Somamos. Aro.
3 Ué! Nossos.
4 Rm.
5 Aí. Irada. Re.
6 Sm. Surrem.
7 Cá. Aa. Má.
8 Baleias. Pés.
9 Artur. Man.
10 Bia. Parti.
11 Aar. Soer.

VERTICAIS:

1 Usurar. Baba.
2 Noemi. Caria.
3 Em. Saltar.
4 Landim. Eu.
5 Omo. Síria.
6 Sósias.
7 SS. Duas.
8 Ocara. Más.
9 Sãs. Paro.
10 Pr. Tremente.
11 Eos. Emas. Ir.

Rádio

Antena Um

14.00: Tarde desportiva; **18.00**: Vivósábado; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Som de sábado; **21.30**: Diálogo; **22.00**: Porto de honra; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Sinfonia n.º 5, em si bemol maior, de Bruckner; **17.20**: «Structures», para dois pianos, de Boulez; **18.00**: Os grandes intérpretes; **19.00**: «O Idílio de Siegfried», de Wagner; **19.20**: Música vocal; **20.40**: Histórias de música e outras; **21.10**: Música de tecla portuguesa; **21.30**: Para além da leitura; **22.30**: Música sinfónica; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

14.00: Sons da Europa; **15.00**: Música e desporto; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Quando o telefone toca; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Boa nova; **22.00**: Roteiro do Sul; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.30: Meio tom; **14.00**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

12.00: Pajú; **13.00**: Onda; **14.00**: Meia-tarde; **15.00**: Clube da tarde; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Sombra sol; **20.00**: Universidade na Rádio; **21.00**: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

14.00: Se não se importam; **16.00**: O bom e o bonito; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Partituras; **21.00**: Magazine cultural; **22.00**: Os amigos de Alex; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; **19.00**: Quatro tempos; **20.00**: Quando o telefone toca; **21.00**: Tempo e resultados; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

14.00: Vivóvelho; **16.00**: Flauta de Pã; **17.00**: Lança-chamas; **18.00**: Top do TNT; **19.00**: Quatro tempos; **20.00**: Símbolos do tempo; **21.00**: Salto condicional; **22.00**: A luz de Edison; **01.00**: Concertos da Comercial; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

TELEVISÃO

RTP 1

14.30 — Os Três Duques
15.10 — Música Pop

«Farm Aid n.º 1». Com produção de Willie Nelson, realizado em Nashville, um memorável concerto em favor dos agricultores americanos. Destacamos a participação de Roy Orbison que interpreta «Pretty Woman»; Carol King; os Beach Boys; John Forgety e Eddie Van Halen, que interpreta «Rock'n'Roll» dos Led Zepplin.

16.05 — Rali de Monte Carlo

Resumo do 54.º Rali

16.30 — O Dia em que o Mundo Mudou

(10.º e último episódio) Este último episódio passa em revista todos os temas abordados ao longo da série, relembrando-nos que, à medida que foram sendo adquiridos novos conhecimentos, muitas teorias ficaram desacreditadas. Em qualquer estádio da história, o conhecimento define «a verdade» e fornece estrutura que responde às questões sobre o universo.

17.30 — Fama

(7.º episódio)

18.20 — O Louvre

«A Ordem e a Desordem ou o Séc. de Luís XV» (12.º episódio).

19.15 — Parlamento
19.45 — Totoloto
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.354 — Aplauso

Campeonato do Mundo de Danças em Formação. Final no Deutschlandhal (Berlim) do Campeoanto de Amadores dos Grupos de Danças em Formação. Espectáculo luxuoso onde a grande categoria dos grupos impera de forma notável. Show de muito bom gosto, desde a escolha dos «medleys» para actuação, até ao guarda-roupa dos intervenientes. Participam os seguintes grupos ou formações da Alemanha: Braunschwigen TC; TC Ludwigsburg; TSZ Verbert e TSG Bremerhaven; da Noruega-Oslo Ballroom Team; da Holanda--Quick Motion Soest e da Austrália — Perth Formation Team.

21.45 — Informação Desportiva
22.45 — A Caminho da Esperança

(2.º episódio) Finalmente na América, Georgie acaba por ficar cega e Bridget, a quem chega a notícia de que o rapto em que se envolvera na Irlanda terminara em assassínio, decide esquecer o passado, tomar conta da irmã e frequentar um escola de secretariado, com apoio dos tios Kathleen e Casey O'Donnell. Jacob e Marco arranjam quarto e emprego e, ultrapassadas as primeiras contrariedades, começam a prosperar.

23.45 — Último Jornal
00.05 — Sábado Especial

«Se...» A história ocupa-se de um colégio inglês tradicional, do regresso às aulas e do definir de posições: os jovens caloiros, os prefeitos tirânicos ou tolerantes, os alunos mais velhos e inconformados com a disciplina tradicional. A rotina inicia-se, com a igreja, as aulas, os jogos, enquanto vai crescento o espírito de subversão como reacção aos castigos e imposições de que são vítimas os alunos menos conformados. Até que a situação, levada a extremo, degenera em violência. A escola, como metáfora de uma sociedade que — com raras excepções — todos continuam a aceitar, serve de ponto de partida ao romance «The Crusaders», de David Sherwin e John Howlett, fotografado de forma intrigante e soberba por Miroslav Ondricek. Inspirado na irreverência do «Zéro de Conduite», de Jean Vigo, Lindsay Anderson justifica aqui o epíteto de «David Lean do anti-sistema» de que goza em Inglaterra. Este realizador, crítico e ensaísta, teve uma influência única na renovação do cinema inglês, influência que estendeu ao teatro, em colaboração com dois nomes hoje distintíssimos, John Osborne e Kenneth Tynan. Os seus escritos (e a revista «Sequence», que fundou e dirigiu) são do que mais notável se conta como reflexão sobre o cinema inglês e suas pespectivas. O seu panfleto «Stand Up! Stand Up!» publicado na «Sight and Sound» é um incitamento à revolta contra o conformismo, um apelo a um diferente cinema «empenhado» orientado à esquerda, ao mesmo tempo que critica sem piedade (como o fizera George Orwell) os mandarins da esquerda, distanciados da sua própria cultura.

Título original: «If..».
Realizador: Lindsay Anderson
Intérpretes: Malcolm McDowell, David Wood, Richard Warwick, Robert Swann, Christine Noonan, Peter Jeffrey, Arthur Lowe, Anthony Nicholls
Duração: 110 minutos
Ano de estreia: 1968
Género: dramático
Fotografia: cor.

02.00 — Encerramento da Emissão

«A Caminho da Esperança»: hoje o segundo episódio desta série

«À Sombra da Velha Árvore»: 3.º episódio na RTP 2

«Os Três Duques» voltam ao sábado à tarde

RTP 2

17.30 — Troféu

Inclui as provas de atletismo, na pista coberta de Madrid.

20.00 — Animação

«Bugs Bunny Mais Leve Que o Ar»

Um disco voador observa a Terra, detendo-se no comportamento de Bugs Bunny. Quem nele viaja é Yosemite Sam, que pretende capturar Bugs Bunny. Este é o ponto de partida de «Mais Leve Que o Ar», dirigido por Friz Freleng. Deste autor aprescuta-se também «O Bolo do Diabo», com as mesmas personagens.

20.25 — O Tempo das Catedrais

(7.º episódio)

21.20 — À Sombra da Velha Árvore

(3.º episódio) Alberto Caronegro tenta subornar Lucy, a jovem amante do filho, para forçar a separação entre ela e Mássimo, mas é expulso e humilhado. Quem se separa definitivamente do marido é Marina, que retoma a sua ligação com Gino. Entretanto, apesar do optmismo de Alberto, as suas empresas entram em crise económica.

AMANHÃ

RTP-1

10.30 — Eucaristia Dominical
11.20 — 70 Vezes 7
11.50 — Tempo dos Mais Novos
12.40 — Notícias
12.45 — TV Rural
13.25 — Tempo dos Mais Novos
14.50 — Sessão da Tarde — «A Sorte Viajou de Barco»
15.40 — Notícias
16.40 — Eurovisão — Campeonato do Mundo
17.55 — Notícias
18.00 — Top Disco
19.00 — Presidenciais/86

RTP-2

19.30 — Novos Horizontes
20.00 — Adágio
20.30 — Eleições Presidenciais/86

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B e R. de Macau, 8-1.º LISBOA

MELO INFORMÁTICA
SPECTRUM 48 K
FABRICO INGLÊS
20 900$00
OFERTA MANUAL PORTUGUÊS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Vídeo)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 19.45 — Totoloto
RTP 2 — 17.30 — Troféu
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 – Cruz Quebrada – Telef. 4197570

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

03.28 **4,00 m**	08.32 **1,20 m**
15.51 **3,80 m**	20.39 **1,20 m**

Dia 26

03.28 **4,00 m**	09.08 **1,10 m**
15.51 **3,80 m**	21.15 **1,10 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	–
VIANA DO CASTELO	2°
VILA REAL	1°
PORTO	2°
COIMBRA	4°
CABO CARVOEIRO	10°
CASTELO BRANCO	4°
PORTALEGRE	5°
LISBOA	8°
ÉVORA	4°
BEJA	4°
FARO	8°
SAGRES	8°
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	16°

Demissão de ministro instaura crise política na Grã-Bretanha

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, enfrenta uma nova crise política, a mais grave dos seus sete anos de governo, na sequência do debate parlamentar da noite de quinta-feira e posterior demissão do ministro do Comércio e Indústria, Leon Brittan.

Brittan, que Thatcher revelou quinta-feira ter autorizado a fuga de um documento governamental secreto sobre a Westland, disse-lhe numa carta estar consciente de já não dispor da confiança total dos seus colegas do Partido Conservador.

A carta foi divulgada pelo gabinete de Thatcher em Downing Street várias horas depois de ela ter recebido o ministro cessante, que era um dos seus adeptos mais entusiastas.

Brittan disse a Thatcher que a coninuação da sua presença no governo seria uma fonte de fraqueza e isso fora a razão que o levara a abandoná-lo.

Michael Heseltine, seu principal adversário numa batalha governamental sobre a quase falida fábrica de helicópteros Westland, deixou o governo em 9 de Janeiro.

A decisão de Brittan de abandonar o governo seguiu-se a 24 horas de especulações intensas sobre o seu futuro político, iniciadas após parlamentares conservadores terem pedido a sua demissão.

Alguns chegaram a ameaçar não apoiar o governo num debate de emergência sobre o caso da fuga, na segunda-feira passada, a menos que ele se demitisse.

A televisão independente britânica dera ontem a notícia da sua demissão num teletexto que fontes oficiais começaram por desmentir para depois dizerem não poder confirmar.

Brittan, filho de um imigrante lituano judeu, pertencia a uma nova geração de políticos que Thatcher fizera chegar ao poder.

Mas cinco anos depois de ter sido nomeado membro do governo, a sua carreira desfez-se ontem em ruinas.

Gabinete do PRD faz contactos com o público

Questões sociais tais como salários em atraso e despedimentos sem justa causa foram os assuntos levados ao gabinete do eleitor do PRD, recentemente criado por este partido.

Esta iniciativa do PRD, única do género no quadro político português, a funcionar há pouco mais de uma semana, junto do gabinete de estudos do partido, tem em vista a aproximação do eleitorado ao grupo parlamentar do PRD.

O primeiro indivíduo a socorrer-se do gabinete foi um homem de 56 anos, empregado numa empresa de serviços da região de Lisboa com os salários em atraso.

Almeida e Costa exonerado hoje

O Presidente da República formaliza hoje a exoneração de Almeida e Costa do cargo de governador de Macau.

No final de uma audiência de cerca de uma hora com Ramalho Eanes, Almeida e Costa disse ter sido sua intenção completar o exercício daquele cargo enquanto o actual Presidente da República estivesse ainda em funções.

«Não parecia conveniente ser exonerado depois, o que poderia parecer estar ligado aos resultados eleitorais» — afirmou.

Contestando críticas à sua actuação enquanto governador de Macau, Almeida e Costa disse ter recebido «manifestações de apreço por parte dos dirigentes chineses».

«Naturalmente, não se pode governar com o apoio unânime de todos» — acrescentou.

/D/E/C/A/R/A/S/

JOSÉ SARAMAGO e Eugénio de Andrade ganharam, «ex-aequo», o Prémio da Crítica 85, instituído pelo Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários. No valor de 100 contos, o prémio foi atribuído aos livros «Branco no Branco», recolha poética de Eugénio de Andrade e «O ano da morte de Ricardo Reis», romance de Saramago. A decisão do júri — composto por Guilherme Castilho, Fernando Martinho e Manuel Gusmão — foi tomada por unanimidade.

HORÁCIO CARVALHO, ex-governador civil de Faro, disse ter sido despedido do cargo «sem justa causa». A afirmação foi proferida num jantar realizado naquela cidade por um grupo de militantes do PSD que assim quis manifestar a Horácio Carvalho a sua solidariedade, e ao mesmo tempo, salientar «os bons serviços» prestados ao distrito por aquele advogado e escritor. Horácio Carvalho foi 'despedido' inesperadamente de governador civil, pelo seu próprio partido, em Outubro de 85.

FIGUEIREDO LOPES, secretário de Estado da Defesa Nacional, afirmou que todos os portugueses, sem discriminação, devem cumprir o serviço militar obrigatório. Para este membro do Governo, a proposta de lei do serviço militar apenas «dispensa as mulheres desta obrigação» – sem deixar de admitir que elas possam prestar serviço militar efectivo em regime de voluntariado — porque «a implementação daquele princípio coloca problemas práticos de vária ordem».

BRIGITTE BARDOT, que oficialmente já casou duas vezes, procura novo marido. Exige, no entanto, alguns predicados ao cavalheiro: inteligente, bom, compreensivo, um pouco selvagem e divertido. Para não assustar, Brigitte diz ainda: «Não preciso de estar com ele 24 horas por dia. É suficiente saber que alguém gosta de mim onde quer que esteja, que pense em mim e que nos vejamos de tempos a tempos». Bardot tem 50 anos.

ROGÉRIO RIBEIRO é um dos 11 pintores que neste momento expõe na galeria 'Teoartis' em Évora. O certame, organizado por aquele espaço cultural eborense, termina em 6 de Fevereiro e engloba, entre outras, obras de Gil Teixeira Lopes, Hogan, Querubim Lapa, Lima de Carvalho e Matilde Marçal.

JOSÉ JORGE LETRIA, jornalista, cantor e escritor, vai ver a sua peça «Galileu, Contador de Histórias», gravada pela RTP, que a incluirá na sua programação infantil. A gravação será feita nos dias 28, 29 e 30 deste mês. «Galileu, Contador de Histórias» está em cena desde Dezembro na sala do Teatro Infantil de Lisboa (Rua Leão de Oliveira, n.° 1, ao Calvário) aos sábados, domingos e feriados — para além de ter sido representada, com enorme êxito, em muitas escolas.

Cavaco Silva promete apoio ao Conselho da Juventude

O Primeiro-Ministro prometeu todo o apoio político e técnico do Governo ao recém-criado Conselho Nacional da Juventude, nomeadamente no âmbito da sua institucionalização formal.

A promessa foi feita durante um encontro realizado ontem na residência oficial de São Bento entre Cavaco Silva e uma delegação do Conselho, que estava acompanhada pelo secretário de Estado da Juventude, Couto Santos.

Os representantes do Conselho manifestaram a Cavaco Silva o seu apreço por algumas das medidas incluídas no chamado «Pacto da Juventude», nomeadamente os incentivos ao primeiro emprego e a reanimação dos programas de ocupação de tempos livres.

O Conselho Nacional da Juventude, organismo que pretende reunir todos os organismos de juventude, engloba actualmente 16 organizações, desde a juventude da UGT à JC, Juventude Operária Católica, Guias de Portugal e Associação de Jovens Agricultores.

Vamos votar

Continuação da pág. 1

ciamente referidas, sondagens. Algumas vezes sob o pretexto de serem meras previsões. Não as vamos referir. Não aceitamos esses processos de manipulação da opinião pública. Limitamo-nos a indicar um dever cívico: votar. Limitamo-nos a situar no quadro político do nosso tempo português o sentido do voto: votar pela Liberdade em Abril recuperada.

E não distinguimos os votos. Que os haja da cabeça, que outros sejam do coração. Todos, com a cabeça ou com o coração, devem votar. E votando escolher a Liberdade e a Democracia. E votando manter abertas as portas que Abril abriu.